UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - DOUTORADO

Fernando Assis dos Santos

UM ‘OLHAR PERIFÉRICO’ SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA E OUTRAS GEOGRAFIAS DE ENSINO

Sorocaba/SP

2020

Fernando Assis dos Santos

UM ‘OLHAR PERIFÉRICO’ SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA E OUTRAS GEOGRAFIAS DE ENSINO

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera

Sorocaba/SP

2020

Ficha Catalográfica

Elaborada por Regina Célia Ferreira Boaventura – CRB/8-6179

Santos, Fernando de Assis dos

S235p A pedagogia libertária de Paulo Freire e a geografia crítica de Milton Santos : um ‘olhar periférico’ sobre práticas de ensino da geografia e outras geografias de ensino / Fernando de Assis dos Santos. -- 2020.

134 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera

Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2020.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. 3. Educação – Aspectos sociais. I. Romaguera, Alda Regina Tognini, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Fernando Assis dos Santos

UM 'OLHAR PERIFÉRICO' SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA E OUTRAS GEOGRAFIAS DE ENSINO

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovado em: 14 de out. 2020

BANCA EXAMINADORA:

_____
Prof. Dr. Marcos Antônio Reigota
Universidade de Sorocaba

_____
Prof. Dr. Emerson Ribeiro
Universidade Regional do Cariri

_____
Prof. Dr. Paulo Celso da Silva
Universidade de Sorocaba

_____
Prof. Dr. Eder Proença
Universidade de Sorocaba

_____
Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera

Sorocaba/SP

2020

“À Tatiane, Beatriz e Matheus

Três corações uníssonos ao meu

Em alma, corpo, som e luz

Este texto é ... enfim ...

Um pedacinho de nós

De amor e esperança

Por uma outra relidade possível”

AGRADECIMENTOS

A profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera, que entre conflitos e sociações não desistiu de mim enquanto seu orientando, deu-me um monóculo para ler o mundo caleidoscópicamente.

A generosidade ímpar do prof. Dr. Rodrigo Barchi, co-orientador desta tese e que com seu olhar periférico mostrou como encontrar a grandeza das pequenas coisas que a vida nos propõe a valorar.

Ao prof. Dr. Emerson Ribeiro, a quem muito admiro e respeito enquanto amigo, cientista, guerrilheiro inspirador de luta à injustiça e por uma educação geográfica poderosamente artística enquanto movimento do corpo, alma, máquina e pensamento.

Agradeço inespressívelmente à minha mãe Zélia e sua força e luta admirável, por seu carinho e imenso coração e ao pai que me criou Edmir, a quem espelho honestidade, o gosto por motocicleta, capoeira, violão e Raul Seixas. Agradeço eternamente à Vó Laura, que criou a mim e meus irmãos, Raul, Rafael, Junior, Marcelo, Genifer, Géssica e Geisa, que muito me ajudaram durante toda a convivência e com quem sempre pude contar.

Aos meus tios George, Nina, Sérgio (*in memoriam*) e Olga, pelo orgulho e carinho de toda a vida, meus primos Rodrigo, Ana, Carolina, Leo e Maíra, ao meu sogro e sogra, José Altino e Dona Fátima por todo apoio, como a meus filhos Matheus e Beatriz que iluminam a experiência da existência e glamour de uma família.

Agradeço aos amigos que tanto ajudaram neste trabalho, os professores, Paulo Celso, Áurea, Benedito, Patrícia, Patrícia Nogueira, Mara Kimura, Cristiano, Ivana, Cristiane Spim, Wanildo, Mariana, José Martins e aqueles que por que não me cabe neste pouco espaço de folha, mas que estarão sempre em mente e coração.

Agradeço aos irmãos de skate e vida, Edson, Alison, Ricardo, Luiz, Alexandre, André ‘Paká’, Marcelo (*in memoriam*), os colegas de antiga, de rua e de bares, Fabinho, ‘Zika’, Elir, Seu Antônio, Mário, ‘Birão’, Evandro, Vicente.

Agradeço à Tatiane, pelos tantos fins de semana, pelo distanciamento, pelas transformações, por me resgatar à realidade vivida e sentida no corpo ante a ilusão das aparências de um mundo perverso. Levando-me à superfície de meu ser atirado no profundo do espaço-tempo.

Agradeço à ilustre Fundação Dom Aguirre, que me concedeu a bolsa de estudos, que sem esta, este texto não se realizaria.

ERA CARNAVAL

E povo se esbaldava em alegria
Eram negros, brancos e mestiços
Que esqueciam suas dores na folia

São meses ensaiando
Os passos, o enredo
Tecendo reluzentes alegorias

O que leva esse povo à avenida
Que ao longo do ano
Passa fome e a nudez

Senão a esperança profunda
De ser feliz

(José Iran Marino dos Santos, meu pai)

RESUMO

Esta tese objetiva contribuir para a valoração de espaços de produção científica, que comportem outras linhas de pensamento. Apresenta uma escrita que deseja ouvir as vozes ocultas que ecoam por entre espaços subterrâneos, marginais, periféricos. Nesta tese estou a defender práticas pedagógicas libertárias, inevitavelmente arrisco-me na criação de espaços onde as diferenças se apresentam em situações de conflito e sociação. Escrevo pelos direitos a tudo aquilo que foi tirado de mim e de meus ancestrais enquanto trabalhadores, enquanto nativos da terra ou escravos da fazenda. Crio espaços de diálogos provocativos, de convivência que acolhem a divergência de ideias, posicionamentos, pensamentos distintos entrecruzados em zonas de criatividade, inventividade e experimentação pelas diferenças. Esta pesquisa tem origem no estudo sobre situações de conflito no cotidiano escolar, intentando defender que os conflitos ocorridos no espaço escolar e em seu cotidiano de diálogos provocativos, de convivência acontecem com a divergência de ideias, posicionamentos, pensamentos distintos que se entrecruzam em zonas de criatividade, inventividade e experimentação pelas diferenças. O conceito de *olhar periférico* que proponho, prevê a tomada de um posicionamento político em contraposição ao *olhar racional* e comporta a ideia do pensar criticamente a realidade, geograficamente materializada e sentida no espaço vivido. Especialmente nas periferias e com as pessoas que habitam os espaços periféricos.

Palavras chave: Educação. Cotidianos Escolares. Ensino de Geografia. Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This thesis aims to contribute to the valuation of spaces for scientific production, which include other lines of thought. It presents a writing that wants to hear the hidden voices that echo between subterranean, marginal, peripheral spaces. In this thesis I am defending libertarian pedagogical practices, I inevitably venture into the creation of spaces where differences present themselves in situations of conflict and sociation. I write for the rights to everything that was taken from me and my ancestors as workers, as natives of the land or as slaves on the farm. I create spaces for provocative dialogues, for coexistence that welcome the divergence of ideas, positions, different thoughts intertwined in areas of creativity, inventiveness and experimentation by differences. This research has its origin in the study of conflict situations in the school routine, intending to defend that the conflicts that occurred in the school space and in its routine of provocative dialogues, of coexistence happen with the divergence of ideas, positions, different thoughts that intertwine in zones of creativity, inventiveness and experimentation by differences. The concept of peripheral look that I propose, foresees the taking of a political position in opposition to the rational look and includes the idea of thinking critically to reality, geographically materialized and felt in the lived space. Especially in the peripheries and with the people who inhabit the peripheral spaces.

Keywords: Education. School Life. Geography teaching. Pedagogical practices.

FIGURAS

Figura 1 – A situação de marginalidade 23
Figura 2 - O marginal e o periférico 26
Figura 3 - A situação de marginalidade 31
Figura 4 - leitura do mundo 69
Figura 5 - Periférico e o conceito de Diacronia de Paulo Freire 73
Figura 6 - Olhar geográfico e o ensino de geografia em processos criativos 123
Figura 7 - (des)construção da paisagem urbana. 124
Figura 8 - demonstrando a (des) organização do território ao interesse das grandes coorporações internacionais. 125
Figura 9 - Feira do Livro 126
Figura 10 - O livreto de autoria da estudante Juliana Walnir, que em 2017 127
Figura 11 – Privatização da Praça Central da cidade de Votorantim, espaço de lezer público Parque e da empresa de urbanização, organização do trânsito e transporte público URBES da cidade de Sorocaba – SP 144
Figura 12 – Confecção de caixões preenchidos com livros didáticos e mapas, representando a geografia estática e calada presente nos livros didáticos e mapas confeccionados de maneira acrítica e descompassada ante o movimento do mundo. 147
Figura 13 - Cartografias 150
Figura 14 - mapas geossensitíveis 155

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10

Periferia e cotidiano 25

2 UM 'ROLÊ' PERIFÉRICO 30

2.1 Periféricos 33

2.2 Manguetown 34

2.3 Subterrâneos 34

2.4 Reterritorializações 35

2.5 Política é coisa séria 35

2.6 Guetowonan: a vida cotidiana em reconstrução 36

2.7 Outros espaços e novos encontros 38

2.8 Uma família da periferia, casa cheia sem barriga vazia 39

2.9 Rizomas 40

2.10 Vila Maria 44

2.11 Periferia 45

2.12 Crianças 46

2.13 (Des) territorialidades 48

2.14 Qual sua opção ... cadeia ou morte? Vamos, escolha 51

2.15 Ainda é cedo para dizer adeus 53

2.16 Reencontro 54

2.17 O subterrâneo 55

2.18 Renascer 60

3 ENTRE PAULO FREIRE E MILTON SANTOS: GEOGRAFIAS PARA UMA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA 63

3.1 Paulo Freire e Milton Santos e o pensamento dialético 64

3.2 Paulo Freire eMilton Santos e o conceito de diacronia 71

3.3 O olhar periférico dosobre mundo que não o vê 84

3.4 Paulo Freire e Milton Santos: leitura do mundo, leitura do espaço..... 86

4 ENSINO DE GEOGRAFIA E OUTRAS GEOGRAFIAS DE ENSINO: LEITURAS DO MUNDO PELO 'OLHAR PERIFÉRICO' 91

5 O OLHAR PRTIFÉRICO SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA EM PROCESSOS CRIATIVOS..... 120

Desfragmentação do espaço..... 123

Desterritorialização 124

A guerra fria em quadrinhos, ressignificações dos fatos 125

Movimentos (des) harmônicos no cotidiano escolar, uma experiência de caso 140

Livros mortos..... 146

6 CONSIDERAÇÕES 164

REFERÊNCIAS 171

1 INTRODUÇÃO

Por estas linhas apresento minha tese de doutoramento em educação, vinculado à Linha de Pesquisa do Cotidiano Escolar pelo Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Universidade de Sorocaba – Uniso. Orientado pela profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera[1], co-orientado prof. Dr. Rodrigo Barchi[2], concluiu doutoramento em 2016 pela Faculdade de Educação da Unicamp em educação de uma turma antes da minha, concluiu o mestrado em 2005 dois anos antes de conseguir entrar para o curso. Doutor em Educação pela Unicamp, orientado pelo filósofo e educador Silvio Gallo.

Em meu percurso acadêmico, sou graduado em geografia, licenciatura, pela Universidade de Sorocaba - Uniso "depois de reprovar no vestibular para matemática". Concluí a graduação em 2000, entre 2002 e 2006, cursei disciplinas da pós-graduação na Universidade de São Paulo, ingressando no curso de mestrado em educação pelo PPGE-Uniso da na área de pesquisa do cotidiano escolar (2007-2009). No ano de 2016 iniciei como aluno regular do doutorado em educação como aluno regular em 2016, defendendo esta a tese em 2020.

Meu curso de doutoramento foi possível graças a bolsa de estudo integral concedida pela Fundação Dom Aguirre, fruto de um acordo sindical entre o Sindicato dos Professores (Sinpro) e a estando eu entre 2009 e 2020 sob contrato de trabalho no Colégio Dom como professor de geografia no ensino fundamental e médio, esporadicamente assumindo aulas

---

[1] Professora/pesquisadora da Universidade de Sorocaba - UNISO. Graduada em pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas em 1993, mestre e doutora em educação pela mesma universidade entre 2003 e 2010. pós doutoramento pela Universidade Federal de Campinas – UFSC. Na pós-graduação da Uniso, trabalha na formação docente e cotidiano escolar. Coordenadora do grupo de estudos Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) e editora da QUAESTIO: Revista de Estudos em Educação. Pesquisadora colaboradora do grupo OLHO na FE/UNICAMP. Professora no do Doutorado em Educação Arte e Culturana universidade de UABJO, Oaxaca, México. Ocupa também a vive presidância da Associação de Leitura do Brasil.

*Texto conforme plataforma Lattes – CNPQ (adaptado).

Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4723741E7.

[2]Doutor em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba, Especialista em Educação Ambiental pela USP/ São Carlos, Especialista em Gestão da Educação Pública pela Unifesp, licenciado em Geografia pela Universidade de Sorocaba e Pedagogia pela Universidade da Cidade de São Paulo. Pós Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, pesquisador do Grupo de Estudos Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande (UFRG). Atualmente docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Ibirapuera. Atenção nas áreas de Filosofia da Educação e Ecologia Política.
*Texto conforme plataforma Lattes – CNPQ (adaptado).

Disponível em: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4715682Y8.

como professor no curso de geografia e pedagogia da Universidade de Sorocaba.

Encontrei familiaridade entre a vivência universitária de outrora com a proposta de pesquisa com os professores da linha do cotidiano escolar e a postura ímpar da profa. Alda, de fazer acontecer espaços de aprendizagens fluidos entre a estrutura física, normativa e burocrática do trabalho acadêmico.

Tomando contato com uma pedagogia desterritorializante, de ordenações (des) ordenadas, ritmos compassadamente (des) compassados, diferentes por serem imprevisíveis. Em situações e vivências de aprendizagem por inesperados movimentos que deslocam o arquétipo padrão do comum das aulas que cursei em outras disciplinas de pós-graduação, seja na Uniso ou na Usp.

Aulas que em nenhuma hipótese desdenho, diante de magníficas professoras e professores, que ampliaram meu campo de visão sobre o espaço, sociedade e natureza, a aprender a estudar, ler e analisar criticamente quaisquer autores ou escritura. Como também, baixar a guarda quando necessário, falar menos, ouvir e estudar mais, para assim formular hipóteses com coerência e fundamento.

O diferencial é que, as aulas a profa. Dra. Alda Romaguera nos convida a deslocamentos do corpo e pensamentos por espaços onde a vivência e a experimentação ocorrem ao mesmo tempo em que projetamos, cada um a seu modo, movimentos coletivos em *outras geografias de ensino*.

Compreendo como *outras geografias de ensino*, aquelas práticas pedagógicas que possibilitam conjuntos de deslocamentos geográficos de corpos e pensamentos, transpostos num emaranhado de linhas do tecido espaço-temporal. Coletivamente produzido e experimentado no cotidiano vivido e sentido, para além dos territórios nacionalizantes que formatizam, padronizam o movimento escolar cotidiano.

As *práticas de ensino de geografia* condizem a conjuntos de acontecimentos experimentados por nós, professores de geografia no exercício do trabalho letivo, no cotidiano escolar. Enquanto as *outras geografias de ensino*, conjunto de movimentos de pensamentos e de deslocamentos geográficos, estou a destacar no espaço escolar - sala de aula, ensinos que possibilitem a experimentação e a criatividade como contraponto ao movimento maquínico da estrutura escolar.

A fluidez do pensamento que a professora Alda pratica em suas aulas, desenvolve outras geografias de ensino que vem acompanhada de uma exigente rigorosidade científica. Rigorosidade não arrogante, mas a rigorosidade da qual nos fala o educador pernambucano Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Rigorosidade de capacidade crítica, de curiosidade e insubmissão. Uma provocação à possibilidade de uma outra escrita “a partir de quem é [...] ao que lhe faz sentido [...] onde se reconheça”, foi o comentário do prof. Dr. Marcos Reigota, que completou a banca de meu exame de qualificação. Uma oportunidade para a construção de um trabalho rigoroso e ao mesmo tempo criativo, verdadeiramente autônomo, que faça diferença na formação e atuação de seus orientandos e orientandas.

O exercício de reescrita a partir do exame de qualificação, foi um movimento de *looping* para a pesquisa. Fui ao encontro do que faz sentido, praticando uma escrita capaz de conversar com o cotidiano vivido enquanto estudante-professor-pesquisador. Neste contexto há espaços de diferenciação abertos em múltiplas dimensionalidades.

Seja para incorporar elementos do cotidiano à pesquisa, ou para experimentar o mundo vivido e perceber suas metamorfoses, ou para compor uma tese bem escrita e cientificamente rigorosa. Comecei a compreender a potência do mundo vivido na pesquisa acadêmica como a diferença entre o que se pratica cotidianamente e aquilo que se cria numa escrita de tese.

A experiência pessoal apresentada cientificamente ao contexto do cotidiano escolar, aproximou-se da minha prática educativa inovadora, criativa, politicamente exposta. Passei a encarar a realidade, que considero perversa e desumana. No tempo geográfico em que escrevo esta tese.

Pesquisar e escrever pela via de narrativas, faz com que aquele que escreve, escreva-se, importando suas memórias e com elas, sentimentos, desejos, afetos, nostalgias ... fragmentos recortados de vivências, acontecimentos, experiências emendas em cenas, em movimento de imagens e paisagens.

O sujeito que escreve se move, constrói, (des) constrói e reconstrói a si mesmo. Modifica-se e transforma-se junto com sua escrita. O ‘construto’ absorve e regurgita, processa, seleciona e elimina elementos que outrora encontraram centralidades na construção da ideia tese.

Quero dizer que, eventos múltiplos transpõem e transpassam um ao outro, absorvendo no cotidiano vivido, uma conversa de bar, um encontro entre amigos ou pessoas que no dia a dia encontramos e dialogamos com realidade vivida no local.

Não diferente, encontramos elementos na literatura, na música, na literatura, cinema, artes plásticas, intervenções artísticas, lendas, folclore, saberes populares e porque não a realidade cotidiana dos estudantes. Suas angustias, frustrações, seus sonhos, seus espaços de vivência, meios de socialização e relação com os diferentes lugares.

A multiplicidade de pensamentos, de desejos, de maneiras de ser e aparecer, de viver e interpretar o espaço vivido entre realidade e fabulação (SANTOS, 2011). Estas relações cotidianas inferem na escrita, ao passo que reconfiguram nos diversos meios de viver e sentir e interpretar a realidade.

Trilhar o caminho do peregrino errante é expor e impor perigosamente ao inusitado encontro com o desconhecido, com aquilo que lhe incomoda e que lhe impulsiona ao desejo de apresentar outras possibilidades de ler o mundo vivido (FREIRE, 1967).

Transitar pela multiplicidade cultural do cotidiano (e por que não filosófica) e o meio acadêmico a educação e a prática pedagógica condizente ao contexto histórico da pesquisa. Apresentar e defender seu posicionamento político, 'dizer a que veio', assumir seu modo de pensar e entender a educação ao saber científico, artístico, *viés* filosófico e estético.

O cotidiano escolar não se resume a um processo de escrita que nasce, cresce e conclui num texto cabível, nivelado, enquadrado, esquadrinhado às exigências que competem à academia. Os padrões normativos, foram acrescidos de dimensões éticas e estéticas exigidas naquilo que se entende por ciência e no que se entende como objeto científico. O cotidiano escolar é um campo de análise em movimento inseparável do contexto global e suas representações,

Ao passo que o pesquisador avança, pesquisa, compreende e entende como um objeto que dinamicamente metamorfíza a modo que tão já não é mais o mesmo. Este processo insere o objeto e o pesquisador num turbilhão de novas possibilidades de combinações que, a todo momento, podem ofuscar ou dar clareza ao que se tem por hipótese.

Este texto de doutoramento, não é um trabalho invisual. É um trabalho coletivo, onde o pesquisador, ao encontro do objeto de pesquisa, de definição dos caminhos epistemológicos, teórico-metodológico que sustentem e deem embasamento, fundamentos para a defesa de sua ideia tese.

Tratando especificamente deste trabalho, este texto me vem como um conjunto de encontros e experimentações, conflitos e sociações (SIMMEL, 1967). Em meio a progressos, retrocesso, frustrações e conciliações e reconciliações, as coisas da vida vivida enquanto pai, esposo, professor-estudante-pesquisador. Uma tese que "dança, samba, balança, ginga e sangra", como respondo ao prof. Dr. Paulo Celso Silva[3], integrante da banca examinadora, ante um de seus questionamentos.

Dança e balança junto ao movimento do mundo e do pensamento. Logo não posso

[3] Mestre e doutor em geografia humana pela Usp e pós doutor pela universidade de Barcelona, professor do departamento de pós-graduação em comunicação da Uniso.

deixar por obséquio a participação ímpar de Rodrigo Barchi, geógrafo de formação e doutor em educação pela Unicamp.

A convite de minha orientadora e meu contentamento enquanto orientando, convidamos o prof. Rodrigo a integrar a banca de qualificação da tese, juntamente com o prof. Dr. Marcos Reigota. Na primeira reunião pós qualificação, minha orientadora Alda, convida o prof. Dr. Rodrigo Barchi que assume, de bom grado, o trabalho de co-orientador desta pesquisa.

No primeiro encontro após a qualificação desta tese de doutoramento, prof. Rodrigo Barchi, em cerca de quinze minutos, organizou toda uma linha de pensamento para a composição desta escrita. Sua leitura atenta e 'marginal' mostrou que o até então projeto de tese, poderia exprimir muito mais se minha leitura sobre objeto viesse de encontro com o mundo vivido.

Rodrigo trabalhou em uma leitura, que não só contribuiu neste processo de escrita, como na construção e desenvolvimento do conceito de *olhar periférico*, expressão que Barchi usou para definir uma via de pesquisa que passou a ser o conceito chave desta tese.

Professora Alda Romaguera e Rodrigo Barchi como co-orientador exigiram grandes modificações na escrita deste texto, na organização do referencial teórico, processo de escrita e metodologia. Redigiram esta escrita, mas deram meios para que pudesse melhor enxergar incoerências, referências, organização dos capítulos e escrita. Tornarei a tratar deste assunto no último capítulo do texto, para dar início à exposição da ideia tese, dos capítulos e referências principais de cada um deles.

O '*olhar periférico'* : *o conceito de periferia e sua discussão*

Neste capítulo introdutório apresento os aspectos que compreendem esta pesquisa. Abrindo um debate sobre a usualidade do termo periferia, narrado em passagens que transmutam entre o real e o fictício. Embasado em conceitos filosóficos e científicos, adiciono a esta discussão experiência experiências que acumulo ao longo de minha vida cotidiana enquanto *periférico*[4], enquanto estudante-educador-pesquisador, professor de geografia do ensino básico da rede pública e particular. Narro minha trajetória enquanto estudante e professor de geografia, incômoda e desconfortável com a proposta das projeções que nos

[4] Termo que utilizo em referência a situção de morador, crescido e vivido nos espaços periféricos da cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo.

reportam aos mundos planos. Neste incômodo, encontro a curiosidade de viver e experimentar outras práticas geográficas de ser e estar no mundo.

O conceito que desenvolvo como ‘o*lhar periférico’* vem nesta tese como um conceito que venho desenvolvendo no campo de estudo da educação e cotidiano escolar. Este conceito não remete a significados vinculadas unicamente ao ponto de observação do mundo para interpretação das pessoas que habitam nos espaços das periferias pobres. Comporta também a capacidade latente de nós educadores, intelectuais, estudantes, enxergarmos o mundo a partir de uma leitura marginal do espaço.

O *olhar periférico* pode ser compreendido como uma aproximação do olhar científico para com o cotidiano vivido perifericamente, proporcinando conexões com múltiplas leituras com o espaço vivido. Possibilidades de interagir com o cotidiano vivido, espacializado e territorializado, cosntruindo uma interpretação socioespacial historicamente produzida pelas pessoas que vivenciam o dia a dia das periferias. Vividas e sentidas localmente mas, indissociavelmente inseridas em um contexto global.

Pensar o espaço a partir do *olhar periférico* propõe estabelecer conexões entre o mundo e o lugar. Como compartilhar significações socialmente construídas, proporcionando o sentido de pertencimento enquanto sujeito ativo em um espaço coletivo? Um mundo vivido coletivamente, porém, posto a proporcionar experimentações individualizadas, por uma sociedade movimentada em torno de padrões desiguais de consumo. Experimentações mercantilizadas de liberdades negadas a uma enorme parcela da humanidade.

Proponho a tomada de um posicionamento político em contraposição ao *olhar racional* e comporta a ideia do desenvolvimento do pensar criticamente a realidade, geograficamente materializada e sentida no espaço vivido. Especialmente nas periferias e com as pessoas que habitam os espaços periféricos.

Fundamentado em Santos (2011) e Ianni (1996) classifico como *olhar racional* o pensamento racionalista que compreende a produção do espaço, fruto do ‘olhar’ técnico-economicista. Pelo qual as grandes empresas e o Estado moderno organizam e gerenciam a produção espacial aos interesses do capital.

Voraz, veloz, fugaz e violento, o racionalismo permitiu a construção um mundo perverso (SANTOS, 1998). Instalando em escala planetária um modelo de produção desigual, insaciável e predatório. Que desregula, destrói e transforma, deforma as relações geotrópicas como também as geofísicas.

Abordagens empíricas ou fenomenológicas não correspondem a proposta desta

pesquisa, não pretendo firmar na busca resultados. Mas na ação dos sujeitos que inseridos no espaço escolar, podem construir outras maneiras de sentir e experimentar o mundo a partir do lugar.

Independente da condição socioeconômica, do educador-estudante-pesquisador o conceito de '*olhar periférico'* propõe a tomada de posicionamento político necessário a uma educação como prática de liberdade. Buscando aproximações entre as pessoas e multiplicidades. Propiciando situações para o desenvolvimento da capacidade crítica de enxergar e analisar o mundo a partir daquilo que dá sentido através da experiência da vida cotidiana das pessoas que, projetadas para fora das telas, são excluídas do banquete da globalização[5].

Porém pode acontecer que o *olhar periférico* se desenvolva no educador enquanto esteja ele sujeito a duas condições. Aqueles que carregam consigo suas origens periféricas, que no cotidiano aprendem a olhar o mundo a partir de onde está, compreendem o mundo real desmascarado as virtualidades do mundo construído por fabulações midiáticas. Também, educadores que mesmo não provindos dos espaços periféricos, desenvolveram a partir do estudo e da percepção aguçada do mundo, posição de enfrentamento e insubordinação às sistematizações hegemônicas, verticais, voltadas aos interesses economicistas sobrepostas ao social.

A partir destes conjuntos de situações visualizo que o conceito de *olhar periférico*, em primeiro, vem de minha origem e vivência em meio ao cotidiano de um bairro da periferia pobre de Sorocaba. Em segundo, a consciência da importância social enquanto educador, sujeito da história e das transformações que acompanham as metamorfoses do capital em escala local e global.

Carrego comigo a condição periférica atrelada a convicção de quanto mais volatilidade e velocidade estas metamorfoses se instalam, mais visíveis são as contradições, abrindo lacunas para o pensamento questionador e capacidade de organização política coletiva. Para Milton Santos (2011), a velocidade com as quais as transformações recaem sobre o contexto social dos pobres, lhes permitem enxergar mais claramente as fabulações e elevar o sentimento de indignação.

A acomodação, o silêncio, adaptação como fato é um discurso negador da humanização e sofre como consequência a experiência da dominação, do determinismo histórico-geográfico. O *olhar periférico* proporciona a atitude, a prática, mesmo que sutil e

[5] Pensamento que desenvolvo inspirado na leitura do geógrafo Milton Santos (1998; 2006; 2011).

ligeiramente camuflada, em um processo lento que imprevisivelmente se propaga em dimensões e escalas inesperadas.

O que podemos aprender dos *periféricos*, pessoas que habitam nas periferias pobres? Em que sentido estes saberes se apresentam em meio ao cotidiano escolar? De que jeito o saber periférico pode contribuir com o ensino de geografia? Tento responder estas questões primeiramente quando abordo o conceito de *olhar periférico* remetendo-o a sua dupla condição.

Primeiro, é que o desenvolvimento deste conceito não procede unicamente ao conjunto de saberes construídos nos espaços das periferias pobres, mas também de educadores que reconhecem a condição periférica do espaço escolar. Em segundo, a tomada de consciência do educador ao visualizar sua condição periférica enquanto trabalhador da educação perante os centros de decisão. Seguido da tomada de posicionamento político e da ação pedagógica contrária ao modelo hegemônico de sociedade.

Estas duas leituras, quando somadas uma a outra, potencializam tanto o desenvolvimento crítico do estudante perante a realidade, quanto o trabalho político do educador, capaz de olhar a além da estrutura vertical do sistema escolar.

O cotidiano e sua dupla condição local-global a partir de Paulo Freire e Milton Santos, sendo estes os pensadores que permitem aproximações no interpretar da estrutura social verticalizada do sistema educacional. Intentando ilustrar as metamorfoses, posturas, ferramentas e movimentos.

Tal movimento me faz acreditar que a mudança na prática, são necessários novos estudos, reflexões e experimentações. Santos e Freire são pensadores que compreendem o cotidiano vivido num espaço dialeticamente contraditório entre o mundo sentido no lugar, mas preenchido por elementos externos no contexto sócio espacial.

Com estes autores, pude projetar virtualizações da realidade espacial das periferias, construídas na intencionalidade da disseminação do pensamento único manipulado pelo poder central, globalizado.

Propondo tecer uma leitura da periferia em uma análise teórica nas ciências sociais, ancoro-me principalmente ao pensamento do filósofo francês Henri Lefebvre, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, dos geógrafos Rogério Haesbaert, Milton Santos e Ana Fani Carlos. Estes autores entre outros, procurei uma definição de periferia na qual pudesse garantir um embasamento sólido a este recorte espacial.

Escrita científica em narrativas ficcionais

O segundo capítulo vem a sustentar a sustentar a opção de pesquisa por narrativas ficcionais é utilizada em diversas áreas, da saúde, da biologia, historiografia, geografia, mas no

campo da educação as narrativas ficcionais caem como luva. Privilegiadamente a linha de pesquisa do cotidiano escolar ganha voz, movimento, cores e texturas dos cotidianos das escolas, onde atores de um cenário se constroem ao tempo que o integram, onde atuam ao mesmo tempo em que escrevem seu enredo. A problemática que movimenta a pesquisa e pesquisador toma um caminho fluido e imprevisível.

Escrever em simbiose ao objeto, como observa Paulo Ghiraldelli Jr. (2007), que escrever no campo da educação em direção ao processo educativo e práticas pedagógicas. O escritor, professor-estudante-pesquisador está convidado a ser parte do objeto de investigação, integrado ao processo investigativo no contexto da prática docente.

Escreve Reigota (2010, p. 5) [6]:

> A contribuição pedagógica dos que vêm das margens fica explícita quando essas professoras e professores, agora pesquisadoras e pesquisadores, conseguem produzir e dar sentido às suas práticas sociais e pedagógicas cotidianas e desobedecer os padrões oficiais, oficiosos e extra-oficiais, fazendo assim com que a escola e suas margens se transformem em laboratórios de possibilidades existenciais, de produção de conhecimentos e subjetividades e de intervenções social e política.

Ao estudar trabalhos acadêmicos escritos pela via das narrativas ficcionais, com as teses de doutoramento como de Andréia Ramos (2018) e Eder Proença (2017), chamam a atenção com a qual se posicionam objeto. Uma mistura simbiótica entre observador e objeto (GEISER, 2009), escrevendo e sendo escrito em meio ao movimento.

Baseado em Proença (2017) e Reigota (2016), desenvolvo por meio da narrativa ficcional uma leitura do subterrâneo periférico fazendo menção ao que é marginal. Cultura que de forma quase anônima produz redes de ação em larga escala, com significados do cotidiano, vivido, sentido e experimentado no corpo. Oculto, mas não calado, silencioso mas inquieto, as vozes do subterrâneo emergem e tomam a ação irradiativa da espontaneidade do acontecimento.

O processo de escrita por meio da metodologia de *narrativas ficcionais* aproxima este texto de um enredo quase *biogeográfico*. Traçados, caminhos, pegadas, marcadas no chão e na pele, como cicatrizes e feridas ainda abertas em um contexto cultural, onde as memórias, expressões e representações, mistura romantismo, nostalgia, fantasia e realidade. Partilha de esperanças, posicionamento político, filosofia.

A serenidade em aprender a ler o mundo a partir do outro, com o outo, no outro.

---

[6] REIGOTA, Marcos. Acontribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. Trabalho originalmente apresentado na Sessão Especial "Educação e subalternidades contemporâneas; novasconfigurações?" na 32a **Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 07 de out. 2009. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 11, nº 21, jan/abr 2010

Observar por lentes *periféricas* a potência política das pessoas que habitam os guetos, os espaços subterrâneos, subúrbios, malocas e bibocas. Narrativas, espaços donde emana culturas *outsiders*, duma filosofia marginal ou melhor, filosofia de rua. Saberes necessários à vida vivida na necessidade de manter o pão de cada dia encarnadas na figura de 'Joaquim'.

Personagem central da narrativa onde aspectos do cotidiano vivido por jovens das periferias pobres, trilham por caminhos 'outros' experiências e acontecimentos num cotidiano pesado (SANTOS, 2006). Mas acima de tudo, cotidianos de pessoas que buscam em fim a felicidade, um sentimento que ao olhar do *periférico* não se aplica a aquisição exacerbada de bens de consumo, mas na busca as vezas turva do sentimento de justiça e dignidade.

Paulo Freire e Milton Santos, leituras do mundo pelo olhar periférico

No terceiro capítulo destaco aproximações entre a pedagogia libertária de Paulo Freire e a geografia crítica de Milton Santos, propondo um diálogo conceitual entre estes pensadores. As principais referências deste capítulo estão concentradas principalmente em Milton Santos (2002; 2011; 2012), Paulo Freire (1996; 2001), também trago apontamentos em Ruy Moreira (1985, 2014) e Ana Fani Carlos (2014).

Procuro encontrar e apresentar pensamentos entre estes pensadores o conceito de *periferia* sofre de uma aparente despreocupação epistemológica. Seu emprego tende a aparecer de modo usual e em alguns casos, tratado de forma banal, não conduzindo uma preocupação onde esteja ela como objeto de análise científica.

A periferia a contrário de um apêndice das questões que remetem ao estudo da cidade, no usual emprego generalizante e banal do termo. Logo, este capítulo tem a intenção de adentrar por espaços periféricos intentando a escapar ao banal e conceituá-lo de modo a utilizá-lo como um conceito central neste texto.

O 'olhar periférico' no ensino de geográfica e outras geografias de ensino

O quarto capítulo encerra este texto num *olhar periférico* sobre a geografia escolar, práticas de ensino de geografia e outras geografias de ensino. Questionamento a estrutura vertical do sistema escolarizante e seu papel na contemporaneidade. Apresentando algumas experimentações de vivenciar o cotidiano vivido, lido e interpretado no lugar em seu contexto global.

Valorar o contexto geográfico do saber reportado do cotidiano como palco de

interpretação do mundo em múltiplas realidades possíveis de serem materializadas e representadas através da expressão artística. Uma leitura marginal do espaço vivido e lido através de um *olhar periférico* sobre o mundo e seu movimento.

As principais referências que sustentam este capítulo estão em Moreira (1985; 2012), Ribeiro (2019), Zanotelli (2016), Cavalcanti (2006), Milton Santos (1996; 2004) e Paulo Freire (1996).

Criatividade e práticas de ensino por um olhar periférico

Por fim o quinto capítulo foi composto na apresentação de atividades educativas, exercícios de pensamento e de desenvolvimento da criticidade ante o mundo vivido e sentido no cotidiano da escola-espaço-mundo.

Experimentação do acontecimento imprevisível do ato educativo, que manifesta e materializa o pensamento político em movimentos criativos, onde a arte não é um meio e sim a ação (des) concertante do real aparente.

São pequenos movimentos donde podemos extrair ideias e fluir, expandir, aprimorar, melhorar, criar em práticas de ensino que observem o mudo por um *olhar periférico*. Instalações, intervenções, exposições e outras possibilidades de promover aulas que escapem a morosidade da estrutura vertical da escola racionalizada, amarrada ao desenvolvimento do capitalismo em seu processo de 'globalização perversa'.

Intentar deslocamentos possíveis, transpassar entre os espaços reconhecendo a pluralidade cultural de seu cotidiano. Valorar as experiências e vivências das pessoas que compõem o cenário e atuam na escola, projetando meios de aproximação, potencializando a capacidade de criação enriquecida na multiplicidade do saber coletivo.

No sentido freireano da palavra, a inserção corresponde à atuação do sujeito no espaço enquanto escolar, enquanto ser social, histórico e geográfico, na ousadia de compor em meio ao cotidiano do espaço escolar e sala de aula um espaço de liberdade e criação. Contraponto à estrutura maquínica e hierárquica da escola institucionalizada nas normatizações verticais, insistentes em manter o espaço escolar na função de imobilizar os corpos e pensamentos.

O espaço escolar é um e deve ser um espaço de intervenção, de práticas de ensino, teares científicos de trazer ao chão uma escola da vida, para a vida em seus diferentes contextos. Imbricantes, conflitantes, infante na prática e na experimentação da liberdade de

criação e representação material do mundo como ele é ou como ele pode ser.

Os principais referenciais teóricos se concentram em Proença (2017), Zanotelli (2016), Cavalcanti (2006), Carlos (2014), Souza Neto (2015), Romaguera (2010), Ribeiro (2012) e Soares (1997; 2001) e Barchi (2007). Professores pesquisadores que embasam sustentos epistemológicos nos quais encontro significações ao processo de inserção desta pesquisa.

Importo a destacar que além das referências teóricas, estas nada significariam a este trabalho sem a prática dos estudantes, suas produções em interações da ação criativa e expressão do pensar um mundo outro. São eles os veios, artérias donde respiro e inspiro a vontade de seguir em frente, de encontrar sentido como educador-estudante-pesquisador, na luta por uma sociedade justa. Coletivamente construída e exercitada no plano real da vida vivida cotidianamente.

O conceito de periferia e sua discussão

A dificuldade de trabalhar com o conceito de periferia está na aparente despreocupação epistemológica em locá-la como objeto de análise científica. Ao contrário, a periferia aparece como um apêndice das questões que remetem à cidade e ao urbano.

Lefebvre (1999) relaciona a origem do termo periferia aos *faubourgs*, ou falsos burgos, extensões das atividades comerciais a além das muralhas dos burgos na França medieval, espaços comerciais e de ofícios agregados fora das dependências das muralhas das grandes propriedades.

As atividades comerciais desenvolvidas dentro do sistema medieval entre os séculos XI e XIII (Hobsbawm, 2001) alteraram profundamente a sociedade medieval enquanto o modelo de organização baseado na posse de propriedades transitou lentamente para um sistema de mercado. Ao passo que as mercadorias aproximavam os aldeões amarrados aos feudos e deveres para com os nobres e a igreja. O mercado ultrapassou as fronteiras estabelecidas entre as aldeias, cidades, reinos em que as relações de poder vão sendo alteradas, o valor terra é convertido em valor capital.

Observou Sennet (2001) que enquanto o capital impõe movimento às mercadorias, também movimentam as pessoas, exportando seus limites para fora dos burgos. Novas muralhas são erguidas abrindo espaço para maior movimentação de capitas, novas mercadorias, novas técnicas e ofícios. Sennet observara que os sólidos muros que limitam os burgos ao abrigo das grandes propriedades e seus senhores, projetados a tornar suas defesas impenetráveis a indesejados e nações em confronto. Mentem se sólidas às pessoas, mas cada vez mais fluidas

ao mercado, atividades comerciais, circulação de moedas.

Mesmo que aplicando regras para regular o comercio interno às dependências das propriedades comerciais, a possibilidade de escapar ao sofrível trabalho feudal atraia, pessoas diversas que abandonaram os feudos atrás de melhores condições junto às cidades.

Estes indesejáveis aglutinados ao redor das propriedades mercantes feudais, passam a viver em situação de marginalidade, não integrando a sociedade comercial legalmente organizado nas dependências dos burgos. Ao passo que as atividades comerciais vão se desenvolvendo em reordenações de certa forma independentes ao controle nos burgos. Os principados mercantes vão agregando o mercado informal ao controle da nobreza mercante e outros muros são erguidos sequencialmente com o crescimento dos burgos e dos mercados. Quanto mais as propriedades mercantes proliferam coma a atividade comercial, novas instalações propagar a além das muralhas, e novas áreas periféricas proliferam.

Assim por diante as muralhas das cidades medievais que entrepunham barreiras à livre circulação das mercadorias e moedas, vão perdendo significado enquanto o sistema feudal se desfaz ante o movimento do capital, a valorização da moeda sobre a terra, a metamorfose do camponês em trabalhador assalariado.

Paul Singer (1989) atribui à evolução das técnicas de produção agrícolas comportam a gênese do processo de transição do feudalismo para o capitalismo. Já o ensaísta e pesquisador em história estadunidense Leo Huberman (1987) quanto o historiador inglês Eric Hobsbawm (2001) destacam a transição do feudalismo para o capitalismo num lento e conflituoso processo. As evoluções das técnicas agrícola alteram profundamente as relações de trabalho entre os donos dos meios de produção e os detentores da força de trabalho. Defende, ambos que o conflito ente nobres e camponeses marcam este período, com maior atenção à disputa entre a velha elite feudal e a nova elite burguesa.

O processo de produção das periferias feudais, apresentam uma lógica parecida à produção dos espaços periféricos no mundo contemporâneo. Tanto Singer (1989), quanto Huberman (1987) e Hobsbawm (2001), expõe aspectos importantes. A evolução as técnicas de produção, preocupação que marca a obra de Milton Santos quanto a produção do espaço geográfico em suas múltiplas escalas no atual período de globalização.

Quanto mais o capital mercantiliza a propriedade de produção, esta passa a produzir para o mercado, causando o deslocamento dos camponeses em direção às cidades. Estas pessoas expulsas do campo e destituídas ao direito da propriedade que por gerações trabalharam em condição servil, aumentam proporcionalmente os miseráveis em situação de marginalidade (HUBERMAN, 1987).

Lefebvre (1999) reporta ao que é marginal e o que é periférico. A argumentação do filósofo francês que tal como a compreendo, atribui ao marginal a uma situação de distanciamento ante os espaços de decisão. O periférico condiz à localização das áreas descentralizadas dos limites de circulação do capital, respondendo parcialmente às normatizações estipuladas nos espaços de decisão.

A situação de marginalidade é materializada no espaço periférico[7], no entanto o distanciamento das áreas periféricas aos espaços de decisão, proporciona ao periférico adotar maneiras outras de organizar seu espaço. Inventar meios alternativos para a realização das atividades que aproximam seu movimento aos modelos implantados nos espaços centrais procurando pontos de conexão ao contexto das dos espaços centrais. Lentamente os fluxos comerciais o aglomerado de pessoas a circular e movimentar por estes espaços periféricos, que expandem a ocupar novas áreas, novas fronteiras.

As periferias ao contexto apresentado por Lefebvre, constituem extensões das relações comerciais em espaços descentralizados, áreas de descontinuidades técnicas, ou seja, fora dos conjuntos técnicos e infraestruturas instaladas nas áreas centrais. Configurando outras paisagens e movimentos (des) ordenados à margem dos sistemas operantes ao centro.

Figura 1 – A situação de marginalidade

Fonte: google.com/imagens

[7] Ver figura 1

Diante do expansionismo do mercado europeu por rotas marítimas, condicionou o processo de internacionalização do capitalismo em escala planetária. O acelerado ritmo de desenvolvimento da navegação, puderam expandir o comercio europeu às mais distantes regiões do planeta, o mundo ficou menor. Ao passo que o poder das nações mercantes projeta suas áreas de controle a escalas cada vez mais distantes, centralizando nas metrópoles os espaços de decisão sobre as áreas postas ao domínio europeu.

O usual emprego do que remete à periferia regionalizada em escala global reporta em parte colonialismo mercantilista implantado pelas potências europeias em mais rápida expansão comercial. O sistema colonial de exploração implantadas nas regiões que hoje compõe o mundo subdesenvolvido, valeu-se do uso predatório insaciáveis da natureza, do genocídio de milhões de pessoas que por séculos mantiveram intrínseca relação com o meio natural.

Submeteu as pessoas ao processo civilizatório modelado ao conceito europeu de sociedade e civilização, redefinindo territorialidades ancestrais e territorializando regiões de domínio. O processo civilizatório implantado pelos europeus, sobrepondo as culturas nativas impôs padrões de comportamento, religiosidade, idioma espelhado na metrópole colonizadora.

Estes movimentos operados em escala planetária, dá início ao período que Marshall Berman (1999) denomina como modernidade estendida em um processo global de modernização, projetado sobre as regiões dominadas pelo colonialismo. Milton Santos (1998) reporta o colonialismo ao que denominou com *primeira globalização.*

As regiões ocupadas territorializadas a critérios estabelecidos em espaços distantes, passaram a integrar ao capital reprodutivo europeu. Os territórios colonizados são transfigurados em zonas extrativas de mercadorias, condição não atribuída exclusivamente à natureza, mas também às pessoas que habitavam este território.

O expansionismo comercial do capitalismo mercantilista europeu em escala universal, imposto aos critérios estéticos exógenos, espelhados ao modelo europeu de civilização. Configurou o primeiro movimento planetário de homogeneização universal dos sistemas produtivos e padrões culturais. Os recortes territoriais planificados cartograficamente em traçados geodésicos, desenharam novas fronteiras indiferentes aos povos nativos, diferentes nações passaram a compor o contingente populacional de países construídos artificialmente aos modelamentos sócio territoriais universalizastes e homogeneizantes. É por esta leitura já exaustivamente estudada é que encontramos uma característica importante em relação ao conceito de periferia.

Os territórios colonizados não foram ocupados como um todo, a ação do colonizador concentrou em determinadas localidades, especializadas conforme o recurso ali presente.

Criando ilhas econômicas entre espaços descontínuos, que não condizem à condição de periferia e sim ao que Moraes (2016) denomina como sertão ao contexto brasileiro e selva em outras regionalizações. Sobre estas localidades operavam sistemas de cooperação entre agentes internos e externos, ambos representando interesses privados pelos quais eram articulados na figura de reinados dominantes. A grande escala planetária refém do expansionismo mercantilista europeu na verdade, configurava uma relação entre lugares que inserem a periferia a uma dupla condição, local e global.

Local enquanto espaço especializado e organizado duplamente sobre um ordenamento local e inserido economicamente em um mercado ordenado em escala global. Mesmo que esteja posta a espaços de decisão exógenos, desenvolvem relações locais espacializadas em especificidades vinculadas ao contexto cotidiano local. Originando sincretismos culturais, costumes, crenças e comportamentos que extrapolam o espaço local e passam a estar presente em escala mundial.

Atualmente ao que Milton Santos (1998) conceitua como segunda globalização, esta relação centro-periferia, desenvolvidas entre espaços distantes, aumenta e potencializa a integração entre os espaços, ante a evolução dos meios de transporte e comunicação. O periférico é local e global ao mesmo tempo. Local enquanto posto em conjuntura descentralizada e descontinuada ao acesso e implantação dos conjuntos técnicos de infraestrutura, global enquanto áreas de expansão do capitalismo exploratório, instalação de sistemas produtivos e mercadorias exógenamente transplantadas em escala global e integradas ao cotidiano local dos espaços periféricos.

Periferia e cotidiano

O conceito de periferia apresenta uma aparente despreocupação epistemológica em meio a pesquisas acadêmicas como um apêndice das questões que remetem à cidade e ao urbano. Sendo a periferia uma extensão do espaço comercial nos burgos, como nos apresentou Henri Lefebvre[8] (1999). A expansão do espaço das relações capitalistas e do mercado ocorre juntamente com a expansão das cidades configurando novas territorialidades.

[8] Filósofo francês contemporâneo que entre os anos de 1960 e 1970 dedicou grande parte de sua obra ao estudo das relações cotidianas, em aproximação com o espaço vivido na escala do lugar como a expressão do mundo e as relações de capitalização do espaço urbano e o valor capital. Lefebvre pôs a questionar a modernização dos meios de produção junto à onda migratória mundial, fundando conceitos como o de *explosão urbana*.

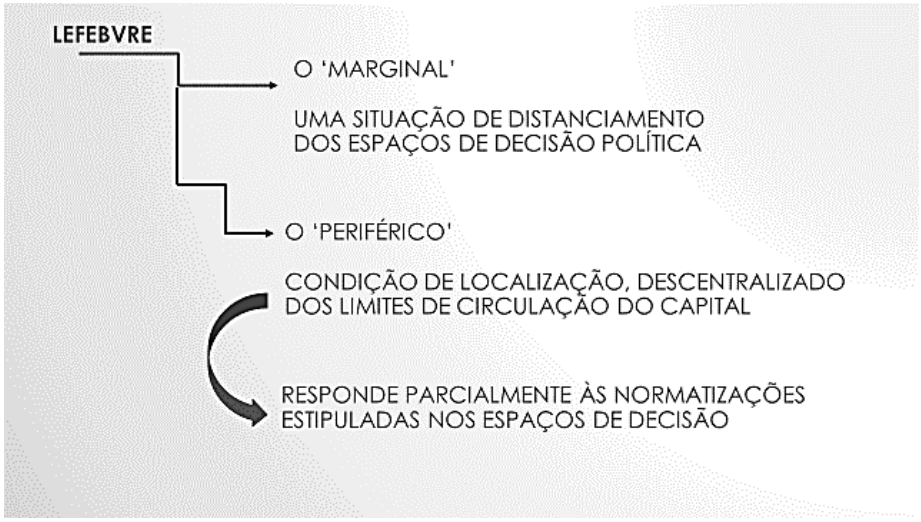
O processo de territorialização de elementos exógenos ao movimento do cotidiano vivido impõe normatizações que não inferem no lugar como um todo, as especificidades e diferenciações construídas coletivamente em escala local. Mesmo que estes locais projetem e reproduzam formas homogeneizantes em sua forma e estrutura, o movimento vivo no espaço local apresenta aspectos da particularidade cotidiano vivido e sentido espacialmente no lugar, construído historicamente a um contexto social que guarda e expõe aspectos únicos, provenientes de um conjunto de acontecimentos e experimentações únicas.

Portanto a periferia não deve ser retratada em aspectos comuns e generalizações, a exemplo: espaços de alojamento da massa assalariada, população obediente ao movimento pendular na hierarquia urbana, da ausência dos conjuntos técnicos presentes nas centralidades, destinada a um crescimento irregular, inchaços demográficos de baixo padrão de consumo.

A periferia apresenta um movimento analógico ao capital, redimensionando seu território e paisagem com o crescente desemprego e as alterações danosas que retiram dos trabalhadores direitos conquistados legitimamente, o cidadão é transfigurado ao indivíduo consumidor.

Lefebvre (2006, p. 282), destaca que este movimento é “altamente complexo” e tende a descartar à lógica dialética universalizante e homogêneica. Reprodutora de processos historicamente vivenciados em contextos históricos geográficos que não competem com mundo contemporâneo. Descartando a importância da aproximação com o cotidiano vivido, negando atenção ao lugar e seu movimento.

Figura 2 - O marginal e o periférico



Fonte: google.com/imagens

O filosofo não procura promover uma visão reducionista ao pensamento dialético ao apontar que as relações socioespaciais produzidas em meio ao cotidiano vivido trasmutam entre conflitos e sociações. As situações conflituosas decorrem da proximidade entre as pessoas, proximidade que ao mesmo tempo conduz a conciliação e à cooperação, a qual Milton Santos (2012) identifica como coletividade ancestral.

Neste contexto temos a gênese da produção dos espaços periféricos, desarmônica, descontínua, descentralizadas, constituindo um zoneamento espacial da pobreza em distanciamento e isolamento sociocultural aos espaços centrais. O distanciamento para com os espaços centrais, proporciona um movimento autônomo de organização do espaço, construindo dentro da periferia microcentralidades.

Entre pontos e entre pontos círculo cotidianamente pelos espaços da cidade, as redes estabelecem linhas que direcionam o fluxo do movimento territorialmente materializados em conjuntos técnicos de cooperação.

Desenhos arquitetônicos e projetos de engenharia, analisados e implantados seguindo um programa de urbanização que favoreçam a integração modelados assistemáticos de integração entre os sistemas de produção, os meios de transporte e de comunicação. A produção científica em comunhão o mercado volta a atenção ao desenvolvimento de pesquisas que podem hoje ou em futuro próximo potencializar o lucro das grandes corporações financeiras.

Ao Estado cabe conduzir as políticas nacionais economicistas, e passa legislar descaradamente contra os trabalhadores e em função de interesses externos. Posso dizer que o Estado não apenas financia mas oferece a bom grado, capitais necessários à instalação de estruturas produtivas, ao que chamamos de incentivos fiscais.

Incentivos fiscais podem não ser suficiente para atrair novos capitais, cidades espalhadas por todo o mundo subdesenvolvido instalam redes de comunicação e transporte. O território é redesenhado a um outro modelo de urbanização e zoneamento dos espaços das cidades que competirão internacionalmente a instalação de empresas, sistemas produtivos e de serviços operantes em escala global. Escritórios sub sedes de agencias financeiras, de estabelecimentos de prestação de serviços nos mais diversos segmentos de processamento em escala global.

O Estado territorializa o espaço e regionaliza a paisagem, seus elementos naturais e antrópicos regulando os critérios de uso e ocupação do espaço. Enquanto o mercado regionaliza os conjuntos técnicos racionalmente instalados a favor da flexibilidade do capital.

Desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de enxergar o desenhar das fronteiras e a manutenção das linhas difusoras dos modelos externos, suas virtualidades e fabulações. Não

exige o aprofundamento em análises científicas, segundo Santos (2006) qualquer pessoa com uma percepção mais aguçada da realidade é capaz de perceber as fabulações.

Objetividades e conclusões dobre o inconcluso

O intento deste trabalho tem em destacar a importância do desenvolvimento do pensamento e raciocínio geográfico junto aos estudantes com os quais compartilho conhecimentos, destacando o papel da geografia como ciência social essencial ao exercício intelectual de pensar e projetar outros espaços, vivenciar realidades outras.

Onde a afetividade e esperança de que outro mundo é possível (SANTOS, 2011), pensamento, imaginação e prática para intervir no cotidiano da escola. Procurando na experiência do pensar, processos criativos no ensino de geografia e outras geografias de ensino.

Assumir a posição de contrariedade às macropolíticas educacionais é valorizar o saber menor e o tempo lento, intervir no cotidiano da escola procurando fissuras para o pensar e criar livre por processos criativos em geografia e em outras geografias de ensino.

Paulo Freire, em sua filosofia de pensar e atuar no processo educativo através da prática pedagógica, defende a ideia de que a educação condiz numa busca incessante na constituição do homem inacabado e finito.

A condição humana de ser incompleto, inacabado e finito está em Freire (1967) dimensionalizada no tempo e no espaço onde o homem se reconhece no ontem, no hoje e amanhã. Reconhecimento de sua espacialidade, culturalidade, na historicidade onde o homem se reconhece na realidade vivenciada e experimentada socialmente. Coletivamente, o homem se faz em pluralidade e singularidade temporalizada geograficamente.

A educação comporta um processo incessante de conscientização do ser que busca tomar consciência da realidade num cenário de relações sociais. Relações entre os homens, natureza e sociedade. Das relações dos homens entre seus semelhantes e do homem ante ele mesmo. Posicionamentos onde a educação não acontece fora das sociedades humanas tal como o homem não existe no vazio.

O ensino de geografia e suas práticas exigem a compreensão de uma realidade dinâmica em um constante processo de transformação. O homem transforma o espaço ao passo que o espaço o compõe, materializa a existência espacial histórica, cultural, geográfica. Que contém e contrasta o saber local ante as sistematizações, normatizações e horizontalidades, solúveis e virtualizadas interpretações do mundo real.

Situo nesta escrita a escola como um espaço coletivo, de união, do bom encontro. Espaço de aula, de esperança. Mais precisamente, espaço de *ensino de geografia e outras geografias de ensino*.

Milton Santos (2011, p. 159) abrange o conflito como uma condição implícita à lógica de produção do espaço capitalista. Ruy Moreira (2014, p. 36) loca o conflito a partir da relação dicotômica entre homem-natureza.

Há questões que não podemos abandonar na pesquisa em educação para não perder o foco do objeto central do trabalho e manter o rumo. – "O que estou pesquisando? Por quê? Para quê? Para quem? ". Tais questões remetem em situar a participação do pesquisador como ator de sua pesquisa.

Neste texto parte de mim, de minha maneira de ler o cotidiano escolar e o trabalho docente no que se refere ao ensino de geografia, a prática docente e a experiência como professor desta disciplina escolar. Ao encontro daqueles exercitam a liberdade no dia a dia da vida vivida. Daqueles que lutam a boa luta, que sofrem a perseguição, a discriminação e o assassinato de sua cultura e etnia resistente ao processo de globalização atual.

Daqueles que manifestam a diferença de opinião e de pensamento ante o modelo hegemônico do discurso universalizante em razão da necessidade de manter os laços orgânicos oriundos da coletividade ancestral (SANTOS, 1994; 2012) e reunir forças que alimentam as boas relações e os bons encontros.

E por que não as aulas de geografia no espaço escolar/sala de aula podem promover bons encontros? Agregar as três grandes áreas do conhecimento: a filosofia, a ciência e a arte. Interpretar criticamente o mundo que nos cerca e exercitar as possibilidades de pensar o novo, o desconhecido. Pensar o espaço escolar como espaço de experimentação e descobertas, relações sociais, mas também espaciais. Um exercício de liberdade experimentada, vivida. O prédio escolar é um espaço sem vida, sem o movimento do cotidiano de sons, luzes, aromas que produzem sensações, sentimentos vivenciados coletivamente, tomam intensidades diferentes em cada um.

Estas interpretações cognitivas do mundo vivido envolto a um espaço previamente produzido, usado e ocupado em distintas condições geográficas, situações socioeconômicas e sociopolíticas. Neste contexto o espaço escolar-sala de aula, pode vir a ser palco para a produção de uma outra geografia.

2 UM ‘ROLÊ’ PERIFÉRICO

“... o mundo se vê de onde se está.”

Milton Santos

De um bairro pobre da periferia de São Paulo tomo como modelo do cenário desta narrativa em razão da proximidade com o cotidiano em que vivo, aqui na cidade de Sorocaba. Neste capítulo tenho a intenção de adentrar ao conceito de periferia como um espaço central ao estudo e desenvolvimento de práticas de ensino de geografia e outras geográficas de ensino na linha de pesquisa do cotidiano escolar.

Classificada hierarquicamente como uma cidade média e metrópole regional, a cidade de Sorocaba ocupa uma posição geográfica a cem quilômetros da cidade de São Paulo, capital do estado e metrópole nacional e da cidade de Campinas, metrópole regional com grande influência nacional.

Conectada entre Campinas e São Paulo por boas rodovias, a cidade oferece ao setor fabril todo um suporte de infraestrutura e conjuntos técnicos integrados por redes multimodais. Na década de 1970 os atrativos técnicos e incentivos fiscais, atraíram um grande número de industriais, destacando o setor de metalurgia, produção de peças e maquinário industrial.

O processo de urbanização de Sorocaba, em seu modelo tardio e desordenado, absorve e instala empresas estrategicamente em função do capital, desconsiderando o as muitas pessoas, que migraram para cá em busca de melhores condições de vida. Levas de famílias de origem paranaense, expulsas do campo ante a mecanização da agricultura. Acolhendo também levas de famílias nordestinas, flagelados da seca e da fome em busca de melhores condições de vida no interior do estado.

O processo migratório aumentou consideravelmente o contingente populacional, exigindo arranjos territoriais para receber estas levas de pessoas e os novos fluxos de imigrantes, remodelando profundamente o cotidiano da cidade.

Um processo de modernização e urbanização de Sorocaba muito se aproxima com o contexto paulistano de explosão urbana, em proporções menores, mas semelhante com o a capital. As levas de migrantes foram direcionadas a ocupar espaços distantes, em regiões descontínuas dos conjuntos técnicos de infraestrutura dos espaços centrais, de crescimento desordenado e arranjos territoriais planejados ou improvisados.

Coleto em letras de rap e acontecimentos recorrentes no cotidiano das periferias paulistanas, semelhanças e confluências que aproximam o dia a dia das pessoas que habitam as

áreas periféricas. Proporcionam-me condição para projetar o cotidiano periférico num contexto cabível à espacialidade oriunda de um construto marginal, lido e interpretado perifericamente na perspectiva do narrador.

Esta passagem que comporta o capítulo presente, são representações de acontecimentos em um cenário periférico fictício, por onde enredo aproximações com o contexto vivido por jovens da periferia sorocabana.

É importante destacar que a escrita que apresento não condiz num autorretrato *biogeográfico*, mas nela importo situações do cotidiano de muitos jovens que habitam estes espaços. Donde procuro envolver aproximações que trazem familiaridades com a paisagem, cultura, movimentos por laços de pertencimento com o espaço usado e produzido coletivamente, misturando ficção e realidade.

O título deste capítulo '*Um rolê periférico*' vem da proposta de escrita de meu co-orientador, Rodrigo Barchi, em incorporar ao texto movimentos do cotidiano vivido na experiências, encontros e acontecimentos. Elementos por onde construímos interpretações da realidade dentro dos espaços como são apresentados.

Um 'rolê' remete a circular por espaços vividos, seja esta circulação mesmo que pendular, proporciona aproximações demasiadamente mais intensas. Possibilita estabelecer vínculos com o lugar, construir laços de pertencimento, de conhecimento, adaptação. Atribuir significatividades objetivas e subjetivas com o espaço vivido na periferia, na condição do periférico em situação de marginalidade.

Figura 3 - A situação de marginalidade

Fonte: google.com/imagens

Procuro responder a esta indagação entendendo que a formação política, a capacidade de organização e engajamento contra a opressão, seja ela qual for e a quem for está relacionada às experiências cotidianas em meio ao espaço de vivência.

Onde participamos e interagimos com outras pessoas num conjunto sistematizado de objetos e ações (SANTOS, 2011), de formas e funções relacionadas a contextos de relações sócios espaciais. No espaço, pelo espaço, acontecimentos marcam nossa trajetória de vida coletiva tecendo redes de relacionamentos, de familiarizações, de proximidade e pertencimento.

Procurar interpretar o mundo por um ponto de vista próprio, é ler o mundo com os próprios olhos, decodificar as linhas que moldam, limitam, condicionam interpretações da realidade como nos fazem ver. O mundo é o espaço onde vivemos e aprendemos a conviver socialmente, coletivamente e pessoalmente em meio ao natural e ao virtual.

Os conjuntos de sistemas instalados e distribuídos em sistemas de redes são ao mesmo tempo difusoras de relações locais, em espaços de coletivamente e integração local. Sobrepostos e interpostos a redes de socialização sistematizadas por vetores externos, dotados de instrumentalidades de interação em escalas globais.

Dialeticamente cotidiano vivido e sentido no lugar também reflete ao contexto socioespacial em virtualizações desassociadas da realidade espacial das periferias. Pelo espaço, no espaço as relações sociais e instrumentais locais e globais preenchem o cotidiano em diferentes escrituras.

Decodificar o cotidiano periférico além das virtualidades projetadas por escalas superiores e materializadas ao interesse do Estado e do capital. O primeiro toma para si o poder político, o segundo direciona e planifica as relações de mercado em busca do lucro e manutenção regulado da dos sistemas produtivos.

O Estado territorializa o espaço e regionaliza a paisagem, seus elementos naturais e antrópicos regulando os critérios de uso e ocupação do espaço. Enquanto o mercado regionaliza os conjuntos técnicos racionalmente instalados a favor da flexibilidade do capital.

Desenvolver o pensamento crítico e a capacidade de enxergar o desenhar das fronteiras e a manutenção das linhas difusoras dos modelos externos, suas virtualidades e fabulações. Não exige o aprofundamento em análises científicas, segundo Santos (2006) qualquer pessoa com uma percepção mais aguçada da realidade é capaz de perceber as fabulações. A violência sistematizada que materializada a ação do Estado e do capital sobre as populações periféricas, seus modos de organização e cooperatividade.

Não somente no corpo, a violência também impõe modos de pensar, de ver e de sentir as coisas num ponto de vista autônomo. Estas violações suprime a liberdade do corpo e do

pensamento, postos à ordenação e ao condicionamento do movimento coletivo sob rede as político-mercadológicas.

2.1 Periféricos

"Acho que tive o melhor exemplodeousadia, persistência e força na minha própriacasa".

Andreia Ramos

Joaquim nasceu na cidade de São Paulo, filho de migrantes, seu Pai Bernardo natural da cidade de Recife no estado de Pernambuco, onde vivia com sua família e mais doze irmão. Após concluir o curso de eletricista mudou-se para São Paulo intentando melhora seus ganhos e a vida de sua família no Nordeste.

Sua mãe Angélica, vinha da cidade de Assis no interior do estado de São Paulo e como Bernardo migraram para a capital a fim de melhores condições de vida. A família de Angélica possuía um arrendamento de terra onde praticavam a policultura, despejados do campo com a difusão da indústria sucroalcooleira pelo interior do estado, migraram para a capital paulistana à sorte de uma nova oportunidade de emprego. Fixando moradia na Vila Maria, periferia da zona leste de São Paulo.

Bernardo dividia um apartamento no Brás com um primo que vira anteriormente, arrumou emprego em uma tecelagem onde conheceu Angélica. Enamoraram e se casaram em 1962. Ergueram mais um cômodo no fundo da casa onde residia a família de Angélica, também numerosa, mas acolhedora.

Neste contexto veio Joaquim, primeiro filho entre a família. Nunca recebeu maus tratados. A família de Angélica mantinha na periferia da grande São Paulo, uma modesta horta e algumas frutas, galinhas, coelhos reforçavam o alimento familiar.

Com a chegada Marcel, seguida Gabriel, irmão mais novo de Joaquim em pouca diferença de idade forçou o trabalho familiar ao seu atento e cuidado das crianças. Com a mão trabalhando entre oito e dez horas por dia, contando o tempo da viagem no ônibus, Marcel e Gabriel eram ainda latentes, exigindo esforço no orçamento para amamentar e vestir os menores. Bernardo mantinha parcialmente a renda da família de Angélica ao tempo que continuava a ajudar pai, mãe e irmãos no Nordeste, mas havia alimento para todos, sem exagero, mas suficiente.

Aos poucos os irmãos e irmãs de Angélica casaram e tomaram rumos diferentes, em outros cantos da cidade. Seu Antônio, avô de Joaquim falece, dois anos depois Dona Silvana amasiou-se com Seu Francisco, também tecelão, era membro do Partido Comunista ao passo que Bernardo ao arrumar emprego em uma metalúrgica do ABC começa a participar dos movimentos de organização do operariado, a participando ativamente das reuniões que mais tarde, formaria o núcleo do Partido dos Trabalhadores.

Joaquim, que nem completara dez anos e com seu pai vivenciou os encontros do operariado, comícios, reuniões com o operariado que aos poucos fortalecia e unia outros segmentos industriais, como os trabalhadores de indústrias químicas, tecelão, condutores. Conforme o movimento crescia a repressão endurecia levando à prisão muitos amigos de Bernardo. Que por sua vez foi perseguido, demitido e obrigado a buscar refúgio entre amigos.

2.2 Manguetown

Bernardo encarnava a essência do homem caranguejo, conceito criado pelo geógrafo Josué de Castro (2007) ao retratar o mangue e a ocupação humana neste ecossistema.

A humildade em estar no meio operário como operário, uma proximidade conquistada na maneira singular com ler o mundo na perspectiva do operário. Tais atributos Bernardo não são adquiriu com a educação escolar, mas de seu cotidiano. Filho de analfabetos de sua origem em meio à pobreza, trabalhando criança cuidando da casa e dos mais novos, ajudando o pai na construção ou retirando do mangue a lama com o qual sua mãe faria potes e panelas de barro que depois iria vender.

Este cotidiano difícil lhe rendeu uma visão aguçada de sua condição social, a sensibilidade entender o mundo nas menores escalas do cotidiano de um trabalhador pobre e sua origem. Falando e agindo de modo simples e coerente com o cotidiano dos trabalhadores conquistou entre eles a intimidade maior que a parcela intelectualizada que futuramente viria a tomar rédeas do movimento.

2.3 Subterrâneos

Com o golpe de 1964 e a ferrenha ditadura civil militar implantada no Brasil a JOC foi reprimida, seus dirigentes foram perseguidos presos e torturados. O movimento passou a agir

na clandestinidade criando grupos com orientações diferentes. Alguns optaram em adotar uma posição eclesiástica antirrevolucionária, outros passaram para a luta armada enquanto outros continuaram a agir nas comunidades de base.

Os pais de Joaquim tiveram que sair do Brasil incursionando pela América Latina até fixar em mora dia no Chile onde tiveram seus dois filhos. Vivenciaram o golpe e a ditadura de Pinochet como também sentiram endurecimento da ditadura chilena, amigos desaparecendo, o medo de ser denunciado, de ser preso e ser torturado. O medo do militante não é a prisão, mas sim de não resistir à tortura e entregar seus amigos. A tortura ou a morte? Em caso da captura com vida, a segunda opção não vem sem passar pela primeira.

2.4 Reterritorializações

Com a anistia Bernardo e Angélica retornaram ao Brasil e logo veio o terceiro filho, Gabriel. Bernardo se afasta do serviço eclesiástico como missionário da JOC, recebendo a oferta de um bom cargo no diretório nacional do movimento, operário que é retomo seu ofício de eletricista em uma grande metalúrgica, Angélica dedicou-se a cuidar do lar e dos três filhos pequenos. Como desligamento da JOC como representante internacional recebeu uma pequena quantia na rescisão de serviço, com a qual compraram um terreno na periferia da zona sul de São Paulo e lá construíram a próprios braços uma simples casa na Vila Maria.

A moradia e o trabalho fixo não afastaram Bernardo e Angélica do movimento político popular, mas o trouxeram para dentro da casa de Joaquim. Junto a seus dois irmãos menores, percebia que sempre havia reuniões, pessoas legais que sempre traziam seus filhos. As crianças brincavam enquanto os adultos conversavam. Joaquim não entendia, mas as conversas eram na verdade um processo de formação política, onde estudavam juntos debatia e desenvolvia ações. Destas conversas vieram a construir junto aos moradores a Igreja da Comunidade São João Batista e a sede da Associação de Amigos de Bairro da Vila Maria e Adjacências.

2.5 Política é coisa séria

O endurecimento do sistema e a perseguição diluiu o movimento da JOC, como aporta Estevez (2011, p. 126) no II Congresso Nacional da JOC em 1968. Conhecido como o Congresso de Recife houve a cisão entre os militantes que defendiam uma postura pastoral e

menos política, que assumiu a luta política como realização verdadeiramente apostólica da Igreja, continuando a reunir os trabalhadores em grupos de formação política nos anos de chumbo. Entre estes grupos, surgiram células principalmente na grande São Paulo e cidades industrializadas do interior, como também nos cinturões agrícolas e no interior rural que tiveram fundamental importância na fundação tanto do Partido dos Trabalhadores quanto do Movimento Sem Terra.

Uma destas células era a casa de Joaquim, e lá política sempre foi tratada como coisa séria, muitas das reuniões lá realizadas discutira a formação de um partido operário tendo como norte o trabalho de base junto aos trabalhadores. Há quem diga que o Partido dos Trabalhadores foi criado por jocistas representantes da elite, mas Joaquim e seus pais como o pessoal que reunia e sua casa nunca pertenceram a elite, eram todos trabalhadores de chão de fábrica que em muitos pontos discordavam das propostas defendidas pela camada intelectualizada do movimento.

A ideia base era a construção de um partido erguido e gerido pela base tendo esta como seu objeto de luta e organização política. Entre estes companheiros de Angélica e Bernardo estava Lourival, também metalúrgico e que futuramente reencontrará Joaquim em outra situação criando um revés em sua história e cotidiano.

Aos poucos chegavam moradores de outros bairros a participar das reuniões e levara ações para suas localidades. Os espaços de organização política nos espaços periféricos são construídos em ambientes de relação das pessoas com o lugar, como nas casas.

Haviam materiais didáticos interessantes. Eram histórias ilustradas, de linguagem simples que explicavam como funcionava a sociedade capitalista dentro de uma visão histórico-crítica, procuravam estudar como ocorria a exploração dos trabalhadores, também conversavam sobre geopolítica, história, ouviam muita música e sempre tinha um café, uma pinga, um vinho e um violão.

Este foi o ambiente da primeira infância de Joaquim, mesmo sem compreender direito, teve papel fundamental em sua formação, ele vivia em um ambiente de educação política.

2.6 Guetowonan: a vida cotidiana em reconstrução

O peso do mundo cai nos ombros de Angélica. Mulher corajosa como toda mãe trabalhadora que a mãe se sacrifica pelos filhos, a vida lhe ensinou a ser forte. Nascida em uma cidade interiorana organizada no entorno de uma indústria de tecidos mudou com os pais para

a capital na região do Brás.

Seu pai era sindicalista e membro do Partido Comunista, foi preso político durante a ditadura Vargas, carregava uma carta que dizia ter sido escrita a ele por Luiz Carlos Prestes. Apesar do discurso comunista, seu pai partia sem prestar satisfação, retornava quando precisava teto e comida, sempre esteve ausente. Angélica, desde criança, trabalhou limpando casas de família, o que era comum dentro daquela situação.

Porém como todo cotidiano é preenchido por relações socioespaciais, encontrou em dentro da estrutura sectária da Igreja católica, um espaço de formação política e resistência, na comunidade católica localizada no Brás, São Francisco de Assis. Onde aprendeu que política era coisa séria.

Ordenada pelo padre Alberto Bertolli, participante do movimento Ação Popular e que durante a década de 60 dedicou a batina ao engajamento político nas causas sociais, juntamente com Herbert José de Souza, o Betinho, irmão do cartunista Henfil, que nos anos 1990 organizou em escala nacional a Campanha da Cidadania Contra a Fome ao mesmo tempo em que lutava pela própria vida contra o vírus da Aids.

O engajamento do Padre Alberto na JOC não era segredo, reunia pessoas que vinham de longe para as missas, possuía uma oralidade carregada de um conteúdo político voltado para classe operária. Formou grupos de estudo político entre os quais frequentou Angélica.

A atividade subversiva do padre não passou desapercebida, Alberto foi perseguido pela ditadura e preso em 1968, libertado pela intervenção da Igreja, foi transferido para Genebra, no entanto seu sobrinho Alessandro Bertolli, seminarista, estudante de geologia na USP, foi preso e morto sob tortura no calabouço do DOI em1971.

A condição de clandestinidade, a perseguição militar e dos setores conservadores da Igreja, não acabou com o movimento jocista, que continuou a organizarem seus encontros e ações em espaços menos centralizados e mais autônomos. Neste contexto Angélica conheceu Bernardo.

Para que Angélica pudesse trabalhar Dona Silvana foi morar com a filha ajudando a cuidar dos netos e da casa, Silvana trabalhava de segunda a segunda como faxineira em um clube de grã-finos no centro da cidade, onde dividia um quarto com uma colega de serviço. As crianças passavam o dia na casa de vizinhos. Seu Marcelino, um senhor negro grande e forte, de favor sempre capinava o terreno mantendo-o limpo, nele plantou pés de laranja, mexerica, limão, ameixa. Depois chegou com malas Terezinha, tia de Angélica por parte de pai e que ajudou Silvana a cuidar dos sobrinhos, deixou a casa de papel assinado em nome da filha e de seu genro, sob a ameaça de feitiço para atingir a família de Silvana.

Com Terezinha em casa as crianças não teriam mais que ficar aos cuidados da vizinhança. Agora eram seis pessoas em uma casa não acabada de dois quartos, banheiro e cozinha. As periferias pobres como no dizer de Milton Santos (2011, p. 295) também são espaços de comunhão, atando laços de solidariedade desenvolvidos pela necessidade, sobrevivência.

Enquanto Angélica trabalhava na creche da Vila Maria e lá também trabalhava Adelaide, uma amiga dos idos de JOC, a convidou a cursar história. Adelaide, esposa de Joel, membros fundadores da JO Cem São Paulo, com Bernardo ajudaram a fundar a Associação de Moradores da Vila Maria e Adjacências.

Entrou para a faculdade no ano em que conseguiu emprego como secretária no sindicato dos metalúrgicos e nos finais de semana fazia um extra como secretária no clube de campo do sindicato. Trabalhando de segunda e sexta oito horas por dia e cursando a faculdade no período noturno a afastava das crianças, mas, é assim a vida de uma mãe trabalhadora que sustenta sozinha um lar com dignidade moral e ética.

Não estamos aqui a concordar com o elogio da pobreza como caminho para a redenção, mas tanto na obra de Milton Santos quanto de Paulo Freire, na pobreza e no cotidiano pesado dos trabalhadores a falta de condições materiais permite aos pobres perceber as fabulações do sistema conseguindo olhar mais fixamente para o futuro (SANTOS, M. 2011 p. 325).

Angélica é mais uma entre as centenas de milhares de mulheres, guerreiras, de uma força tamanha, são capazes de enfrentar com dureza o mundo do ‘homem’ e suportar a dor da distância dos filhos. Ao chegar em casa sorri e abraça seus filhos ao tempo que sangra, por dentro, contendo as lágrimas. Saudades de um futuro que que no passado ficou. Não há tempo para chorar, há a casa para arrumar, a comida por fazer a roupa para lavar...um cotidiano intenso e insuportável senão por uma mulher.

Em 1988 começou a lecionar na região de Cotia e tinha na bagagem da vida experiências tamanhas entre os demais, uma clareza política do contexto social assustadoramente capaz de enxergar à frente, um tipo raro de clarividência brotada do meio popular. Dona Angélica, professora bem quista, respeitada e admirada pelos estudantes e colegas de trabalho.

2.7 Outros espaços e novos encontros

No sindicato dos metalúrgicos Angélica retorna à militância política, diferente do

modelo jocista, era uma militância partidária de esquerda em plena atividade, preparando as bases para as primeiras eleições diretas pós ditadura. A política voltou a ser coisa séria na casa de Joaquim. Angélica sempre que podia levava consigo os filhos aos comícios, manifestações, greves, campanhas, passeatas. Nestes espaços ocorriam também apresentações musicais, performances teatrais, pessoas conhecidas de Angélica que também levavam seus filhos e que nestes espaços brincavam e corriam na multidão.

A casa de Joaquim tinha latas de tinta e papel de panfletagem. As pessoas se reuniam à noite, colocavam o material em uma Kombi e retornavam de madrugada. Se os militares invadissem aquela casa durante os anos de chumbo, facilmente poderia ser confundida com uma célula "terrorista".

Entre os militantes amigos de Angélica estava Edmilson, por quem despertou nova paixão e um namoro duvidoso. Que mataria um relacionamento sério com uma mulher de trinta e oito anos com três filhos pequenos nas costas? Simples. Um pai solteiro com quatro. Edmilson e suas quatro crianças moravam em dois cômodos nos fundos da mãe, Dona Dilce, estranho citar 'fundos' pois parecia estar em cima pela aclividade do terreno. Aos poucos foram convivendo entre cá e lá. Edmilson que tinha uma moto Honda CG 125cc 1982, pequena para uma e que com frequência transportava mais de duas, três, quatro pessoas.

Uma noite de verão, Edmilson e filhos estavam na casa de Joaquim, não puderam voltar para casa, como de costume uma chuva forte alagou a rua e os fizeram por lá pernoitar. A forte chuva naquela mesma noite causou um deslizamento de terra que desmoronou a casa de Edmilson e partir daquela noite passaram a morar juntos. Agora eram onze pessoas em quatro cômodos. Logo veio Luan, o caçula da união entre duas famílias que passaram a ser uma.

2.8 Uma família da periferia, casa cheia sem barriga vazia

No início o conflito, duas criações uma diferente da outra que aprendiam a conviver. Tia Terezinha que sentindo dores e cansaço foi ao médico, ficou internada desfalecendo suavemente enquanto tomava o chá da tarde nas dependências do antigo hospital Santa Rita de Cássia. Dona Silvana assumiu o cuidado das crianças e um bebê. Rígida com a organização da casa distribuía as tarefas conforme a idade, pontual com horários para acordar, dormir, comer, tomar banho.

Precisava ter este cuidado limite ao que podiam, punha comida no prato para todos, de modo que não faltasse a ninguém incluindo o gato e os cachorros. Com uma máquina de costura

antiga, costurava e reforçava as roupas para aguentar ao uso dos mais novos. Silvana trouxe do sítio a arte de utilizar ao máximo o que dispunha para comer, o leite azedo virava coalhada, a casca da laranja virava doce, dos miúdos do frango vinha uma farofa. No quintal de terra plantou cheiro verde, rúcula, almeirão, rabanete.

Esse cuidado com a terra e com os bichos foi um ensinamento importante para a formação de Joaquim. A sabedoria provinda do conhecimento orgânico com o espaço da natureza sabia dizer as horas, se iria chover ou fazer sol, qual tipo de chuva viria e se o calor seria bravo ou manso, ao observar à atmosfera, a direção dos ventos, as formas das nuvens o movimento do sol.

2.9 Rizomas

A cultura do campo com as músicas sertanejas, contos e causos de Dona Silvana misturavam ao ritmo de MPB e música latina que Angélica sempre estava a ouvir e cantar. Joaquim não tinha lembranças do Chile, mas o canto de sua mãe mantinha a correr seu "sangue latino" nas músicas de Mercedes Sosa, Violeta Parra e Victor Jara. A este ambiente sonoro somou ao *rock and roll* de Edmilson. Diferente do cosmopolita Bernardo a não ser pelo fato de também ser eletricista, pobre e trabalhado desde a infância.

Quando jovem foi cabo do exército e o oitavo melhor atirador do estado de São Paulo, seu pelotão, estava sendo preparado para "caçar" Lamarca e seus companheiros do MR8 no Vale do Ribeira. Em medos da década de 1970, pediu baixa do exército e voltou a trabalhar no setor fabril, onde sofrera uma lesão grave na coluna. 'Pardal', seu cunhado, o incentivou a praticar capoeira afirmando que o esporte o ajudaria a recuperar os movimentos ... as opiniões contrarias foram unânimes, pois, capoeira, para quem a pouco estava usando cadeira de rodas?

Antes de prosseguir com a história de Edimilson, preciso contar sobre Marcos da Silva Falcão, mestre 'Falcon' entre os 'capoeras'. Natural de alagoas, aprendeu a jogar com o irmão, em 1959 foi para a Bahia onde cursou educação física. Enquanto esteve na universidade, conheceu e aprendeu com velhos mestres, que vivenciaram o período da ilegalidade.

Perseguição, prisão, tortura, vez em quando, 'capoeiras' capturados pela polícia, eram levados a alto mar e jogados à deriva, com sorte, seriam resgatados por pescadores. Mestres que aprenderam com testemunharam a luta e a dedicação de Bimba pela descriminalização da capoeira e reconhecimento de sua prática como atividade física.

Bimba em 1937[9] abriu a primeira academia de capoeira, com alvará de funcionamento e licença para sua prática e ensino. Participo dos circuitos de luta de Salvador, por questão de sobrevivência, somente da academia não podia sustentar-se, seu nome circulou nos *tabloides* da época que reportaram suas vitórias ao mesmo tempo atraía o interesse em aprender sua arte. Quem o conheceu afirma que Bimba nunca foi derrotada num ringue, tanto que nas ruas por onde andava, foi apelidado de 'Bimba Três Golpes', o necessário para derrubar seu oponente.

A academia de Bimba ficava a duas quadras da faculdade de medicina, na época, a única do Brasil, jovens de famílias ricas vinham de outras cidades e estados. Muitos foram aprender capoeira, alguns prosseguiram a serem formados professores, expandindo o espaço de circulação da capoeira que acabara de sair da clandestinidade e passa a circular na alta sociedade.

Estes jovens da medicina contribuíram como projeto do mestre em desenvolver uma capoeira que pudesse ser organizada de modo acadêmico. Os movimentos básicos foram estudados e organizados no ponto de vista clínico-físico do corpo, capazes de serem representados em desenhos e impressos de maneira didática, uma didática da capoeira sistematizada para o ensino.

SALOMÉ
(Canto de roda de capoeira)
Salomé, Salomé
Este jogo e pra homem
Menino e mulher

Domínio público.

A sistematização acadêmica da capoeira foi desenvolvida por Bimba junto aos estudantes de medicina, que como já foi dito, preocupou em manter as características afro-brasileiras da capoeira como resistência. Instrumento de libertação das amarras sociais, da discriminação e vulgarização do saber oriundo de nossa ancestralidade cultural não somente africana, mas também indígena. No maculelê, por exemplo, os 'capoeras' em vestes

[9] Esta parte da narrativa referente à capoeira e a história de Mestre Bimba, foi construída a partir de conversas com capoeiristas e também pela filmografia sobrea história e vida de MestreBimba. Criador da capoeira moderna, conhecida popularmete como Capoeira Regional, apresentada no documentário Mestre Bimba: capoeira iluminada. Longa dirigido por Luiz Fernando Goulard e produção de Nina Luz e Cláudia Castello (2005). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EHnPkKZxcmQ>. Acesso em set. 2019.

confeccionadas à representarem a lenda uma luta tribal contada entre povos indígenas.

Ao modelo das lutas marciais orientais, Bimba traz a capoeira um sistema de graduação, onde nível de conhecimento do capoeirista é representado nas cores de seu cordão. O objetivo do mestre no reconhecimento da capoeira entre as outras artes marciais, preocupou-se em graduar seus 'capoeiras' pelo merecimento, seus alunos deveriam ser bons o suficiente para comprovar a eficiência da capoeira como luta. Apesar de Bimba ressaltar que sua capoeira deveria ser divulgada como defesa pessoal, é um tipo de defesa com potência de ataque, com golpes rápidos e potentes.

Os níveis de graduação, são conquistados conforme a evolução dos movimentos e habilidade do praticante, mas não só, conforme o cordão, o capoeirista também deve provar tocar todos os instrumentos, saber todos os toques de berimbau e também cantos de roda. A sistematização acadêmica da capoeira, não representa o engessamento da arte do improviso, seu movimento é fluido, onde o 'capoera' é livre para desenvolver seu estilo característico de expressão corporal.

Dentro da mesma academia desenvolvem-se estilos diferentes em cada treino, em cada roda. Em cada luta, se aprende a ler o movimento do outro e vice-versa, como fosse uma conversa entre corpos que conflitam, num processo de sociação que os aproxima.

A, B, C
(Canto de roda de capoeira)

A, B, C
A, B, C
Joga comigo, que
Eu quero aprender

Domínio público.

Hoje, reconhecida e ensinada internacionalmente, sua prática continua a manter a instrumentalidade e musicalidade de sua origem, tanto que para alguns, a capoeira é o principal meio de divulgação da língua portuguesa e da cultura afro-brasileira no mundo.

Estou destacando esta passagem da narrativa, para abordar a potencialidade da capoeira como educação e a contribuição de mestre Bimba como educador. Destaca o professor Cid Teixeira, referência sobre a história e ex-aluno de Bimba.

> "Ele foi sobre tudo um pedagogo, sobre tudo um professor, eu queria que os professores que dão aula nas disciplina tão abstrusas (no sentido de incoerência com o momento), pudessem entender da capacidade de transmissão e a capacidade de inovação, a capacidade de adaptação, que mestre Bimba teve. E sobretudo é preciso lembrar o show folclórico, que agora está aí abundante, começa com mestre Bimba [...] e saem da Bahia com a capoeira, o maculelê, o samba de roda, puxada de rede, tudo o que se faz pelos palcos do Brasil, tem seu início com a ousadia de Bimba, levando todo esse tipo de manifestação cultural, para outras praças afora do país. E ainda por isso que estão por aí. Um dia desses encontrei Zenita, que foi pastora de Bimba, ou seja, ela fazia o coro e a coreografia do samba de roda nestas incursões de Bimba por aí". (*In*: MESTRE Bimba: capoeira iluminada, 2005).

A curiosidade de Marcos pela história dos velhos capoeiras tinha a ver com sua maneira de ser, calmo e atencioso, de falar pouco e ouvir muito. Para alguns, uma pessoa tímida um sujeito introvertido. Mas apesar de seu rigoroso condicionamento físico, Falcon era um bibliófilo, tinha uma enorme quantidade de livros que acumulou por anos.

Depois de formado, veio para São Paulo trabalhou como metalúrgico, prosseguindo como estudo e a prática da capoeira, estudou tae-kwon-do e kick boxe. Formou-se em filosofia em mais adiante Abriu a Livraria e Sebo Nacional, próximo ao Museu de História de São Paulo. Falcon foi graduado professor de capoeira pelo mestre Suassuna 30, discípulo de Bimba no jogo e filosofia, porém não prosseguiu com seu mestre, no intuito de ensinar a capoeira em sua filosofia de vida, tendo a capoeira como instrumento político de resistência cultura e expressão da liberdade. Conseguiu um espaço inicial cedido pelo sindicato dos Metalúrgicos do ABC ao qual era filiado. Foi neste lugar que Edmilson iniciou na capoeira e também na militância política.

Durante a década de 1980, período das grandes greves e organização política dos metalúrgicos, também como defesa do trabalhador contra a violência policial. As rodas de capoeira na academia fundada por Falcon, foram também espaços para diálogos sobre o reconhecimento da capoeira como manifestação cultural afro-brasileira, também levantando diálogos sobre a condição social do operariado, a importância do estudo escolar e da conscientização política do 'capoera'.

Quando nas greves, comícios e manifestações operárias, os alunos de Falcon estavam lá no combate aos baderneiros, milícias, bandidos que a 'patronagem' pagava para tumultuar os eventos.

Ou seja, Edmilson adentrou à militância política através da capoeira de seu mestre e ensinou Joaquim alguns movimentos, a andar de moto, tocar violão, ouvir Raul Seixas, jogar capoeira, panfletar, pintar nos muros frases de efeito político contra o governo opressor e ... fugir da polícia.

2.10 Vila Maria

Periferia da zona sul de São Paulo, a Vila Maria é o exemplo típico da fragmentação do território pelo mercado. Milton Santos (2012) ao dissertar sobre o espaço dos pobres, as ações do poder público junto ao mercado imobiliário. Para evitar a desvalorização do entorno ao centro, os pobres são direcionados a loteamentos e conjuntos habitacionais separadas do centro por extensas áreas descontínuas de urbanização, distantes dos conjuntos técnicos que definem o urbano.

Lentamente os pobres vão instrumentalizando, capacitando o lugar com serviços, melhorando as casas, conquistando a instalação de serviços de educação e saúde como também saneamento básico e pavimentação de vias. O capital aguardando paciente, após lento processo de valorização imobiliária das periferias, os espaços descontínuos são ofertados com toda infraestrutura às novas classes médias, condomínios e áreas industriais. Este isolamento propicia um desenvolvimento separado, subterrâneo, que produz a cultura local e a identificação com o lugar.

Vila Maria era assim, cheia de mato e que rapidamente foi ocupada por uma leva de migrantes vindos do norte do Paraná, expulsos do campo pelo intenso processo de mecanização da agricultura, flagelados da seca vindos do Nordeste, principalmente da Bahia.

Para muitos, uma oportunidade de moradia e o sonho de construir um lar, para outros um refúgio do crime, registrando a fama ainda atual de um dos bairros mais perigosos de São Paulo. Ruas de terra e esgoto que escorria pelos cantos formando pequenos brejos, que à noite exibiam uma sinfonia de coaxares dos batráquios iluminados por vaga lumes.

Aos seis anos, Joaquim viu a mãe de seu vizinho Jair sendo retirada sem vida de sua casa e levada na ambulância, tinha sido esfaqueada no pescoço pelo irmão alcoolizado. Uma cena típica e marcante e que infelizmente voltaria a presenciar, pessoas aglutinado ao redor do corpo, o olhar pasmo sobre a agonia do outro, que aos poucos desfalece num olhar distante e profundo.

Não é fácil ver a morte de perto, parece estarmos olhando para nós mesmos, como um evento possível às pessoas daquele pedaço da cidade. Para Joaquim a morte violenta nunca foi natural, mas comum na Vila Maria e assim as pessoas aprendiam a conviver. Porém nada pode ser mais violento que a produção da miséria.

O nome do bairro não constava no mapa da cidade que ainda registrava sobre a área o nome do senhor de uma fazenda de escravos que lá antigamente existiu, confirmando um tipo

de isolamento geográfico de pessoas pobres, escuras, não letradas. Não dispunha dos conjuntos técnicos que estruturam o que podemos classificar como espaço urbano.

Poucos ônibus na linha de trajeto perigoso, nos meses de chuva a lama cobria a veículo até as janelas enquanto o motorista atento à ribanceira tirava suspiros dos passageiros de pés avermelhados do barro impregnado assoalho de latão prensado. Na seca a poeira tomava conta da condução obrigando a fechar as janelas no calor do verão, mesmo assim, os passageiros saíam do ônibus tomados de pó, um pó avermelhado que antes identificava a região como terra vermelha. Aquela terra avermelhada impregnava nas unhas, narinas e orelhas, marcando no corpo a característica pedológica do lugar.

2.11 Periferia

Joaquim ficou um pouco assustado quando conheceu a prima de Jair, que com sete anos de teve as pernas amputadas acima dos joelhos devido infecções causadas por vermes, contraídos no esgoto que corria a casa.

Crianças malvestidas, desnutridas, com manchas no rosto e barrigas estufadas de vermes. Não havia rede de esgoto, certas ruas não possuíam rede de água ou de energia, que por meio de extensas conexões, repassavam de casa em casa novas redes improvisadas. Aí entra a questão da solidariedade e coletividade ancestral que Milton Santos (2011) observa entre os pobres.

Na rua onde Joaquim morava Dito Cascudo era o único que tinha carro, um Volkswagen Fusca de cor preta, o ‘fuscão preto’ como era chamado. Reluzente com alto-falantes e um toca fitas invejável para a época. Um bandido com tanta fama que virou lenda.

Quando morto, seu corpo foi velado na casa, como era de comum na época. Joaquim ficou olhando, procurando furos de balas, da mesma forma que procurou ver o corte no pescoço da mãe de seu vizinho Jair.

Em 1980 a pirâmide etária brasileira tinha na base a maioria da população, composta por uma maioria de jovens e crianças, que faziam da rua um parque de diversões. Eram outros tempos, a rua era um espaço da vida coletiva de Joaquim, de seus irmãos, de seus amigos, dos ambulantes que passavam oferecendo seus produtos com a frase feita, música, gingo, canção, som característico que identificava o vendedor ao seu produto.

A rua era o espaço de ser criança e nela passavam grande parte do tempo brincando, brigando e aprendendo a viver. Saltar cercas para apanhar frutas, sair do supermercado com

uma lata de leite condensado debaixo do sovaco ou um chinelo novo dentro de um saco de pão. Estas práticas “condenáveis” tinham em fim um tom de brincadeira, não crime.

Joaquim, na rua era Joca e Xuxa seu amigo, era um menino negro alto e bom de briga. O tipo de companheiro necessário naquele lugar. Ambos invadiram em um sábado a secretaria da escola onde estuda Joca. Xuxa aos onze anos, já havia abandonado os estudos. Levaram de lá entre outras coisas a máquina de escrever, com o dinheiro da venda dos objetos furtados, conseguiram compraram um carrinho de controle remoto, tomaram um guaraná e comeram um pastel cada um.

Parece brincadeira que crianças da Vila Maria só comeriam um chocolate, tomariam um refrigerante ou um iogurte se roubassem. O que não significava viver em uma escola do crime não era criminoso e nem sequer queriam ser, aquelas crianças como Joca trabalhavam bastante.

Com seus pais trabalhando fora, as crianças arrumavam a casa e cozinhavam. Para conseguir algum dinheiro coletavam recicláveis, vendiam sorvete, balas de coco, salgadinhos, prestavam serviços para quem na rua precisasse como limpar um quintal, despachar o entulho, recolher um monte de areia ou uma pilha de tijolos para o quintal do dono.

Assim, conseguiam dinheiro para comprar diversões e sabores, doces, bombinhas, bolas de gude, linha, papel e cola para as pipas que preenchiam o céu nos períodos de férias escolares, época de pipas.

2.12 Crianças

Joaquim ingressou aos doze anos na Associação Guarda Jovem, uma instituição filantropa de educação para o trabalho com sistema interno de estrutura militar. As crianças recrutadas recebiam um uniforme ao estilo soldado, casquete, sapatos, meias e cinto preto, patentes e corte militar que era realizado na sede. Os ‘guardinhas’, como eram chamados não tinham vínculo empregatício ou direitos trabalhistas, cumpriam jornadas de quarenta horas semanais recebendo meio salário mínimo. A outra parte do salário ficava com a instituição. Poxa, mas cadê a filantropia?

Joca iniciou a sexta série do período noturno na E.E.P.G 33 “Otávio Brandão”, após uma jornada de oito horas de trabalho retornava a casa por volta das seis da tarde. Tomava banho, dona Silvana já deixava seu prato feito, uniforme limpo e separado do montante. Entrava na escola às dezenove horas e saia as onze da noite.

Um cotidiano puxado para uma criança, mas Joca gostou da noite. À noite o mundo é outro. Haviam estudantes bem mais velhos, garotas legais e ‘caras’ perigosos, gangues, briga se também aulas.

Ah...as aulas. À noite a escola era outra, outros professores, geralmente jovens ingressantes no magistério, que pegavam o que sobrava nas atribuições, devido à má fama do bairro, não era qualquer um que aceitava para lá, e quando sim, era de passagem até em uma outra atribuição conseguirem uma escola “melhor”.

Talvez pelo fato de serem jovens, tinham um contato aproximado com os estudantes, não tão diferentes na idade, eram acessíveis ao diálogo aberto e tinham outras dinâmicas de ensino. Mas cansaço do trabalho somado à dificuldade de concentração contribuiu para baixar suas notas, reprovando no 7º ano. Foi difícil ver amigos que o acompanharam desde a 1ª série do primeiro grau seguirem em frente.

Ano seguinte, Joaquim foi posto na “sala dos repetentes”, pessoas mais velhas e vividas, aprendeu com eles das coisas necessárias para estar a socialização em outra territorialidade, as regras eram simples mas descumpri-las poderia ser doloroso. Outras ideias, outras conversas, outras atitudes.

Entre a ‘galera’ mais velha seu primeiro amigo foi Nil que também era “guardinha” e o único entre os irmãos que não estava preso. Um ano mais velho, Nil já era iniciado na noite, as pessoas tinham um certo respeito por ele devido a fama de seus irmãos e a partir dele Joca expandiu seu mundo. Começou a frequentar bailes, rodas de samba e pagode, ‘curtir’ e ‘agitar’ um rap.

O mundo da noite em outros objetos, cheiros e sons, comportamentos e encontros. Na Vila Maria a noite bem cabe na letra composta pelo rapper Thaíde.

A NOITE [35]

A lua já ilumina a rua escura

e a verdade nua e crua é que a noite vem chegando e os demônios saem de casa pois a noite é a brasa que eles estavam esperando

Despachos colocados em todas as encruzilhadas evocam os Deuses donos da madrugada violência ignorância e outras drogas pesadas na noite vão fazendo a cabeça damoçada

Tiros nas ruas sirenes cães viaturas

são os únicos sons que imperam nesse lugar A morte a sorte são fortes na noite escura

reze por mim pois eu não sei quando vou voltar Meu amor pense em mim,
mas a noite é assim minha asa minha casa meu único lar
Pra você me achar na noite vai ser ruim vai ser difícil você me localizar

2.13 (Des) territorialidades

As periferias possuem um culturalismo marginal fundamentado nas relações sociais com o meio. A proximidade entre as residências e a necessidade da sobrevivência coletiva produz espaços da comunhão. Milton Santos (2011) relaciona esta cultura marginal ao conceito de mobilidade.

A dificuldade de deslocamento e comunicação com o centro, que fortalece os laços de solidariedade como entorno, fortalecendo uma relação sentimental como lugar através das relações sócio espaciais. Permanecendo no mesmo local por bastante tempo constroem mutuamente relações sociais com as quais se identificam. O isolamento propicia a diferenciação entre os lugares periféricos e suas regras de convívio coletivo.

Esta cultura é exógena à escola como instituição vertical, não está presente nos conteúdos curriculares, nos livros didáticos ou paradidáticos. Cultura aprendida no espaço, pelo espaço e com o espaço por via de uma pedagogia subterrânea, como escreve Proença (2017) que é tão ou por vezes mais importante para a sobrevivência que os saberes escolarizados.

Nas ruas e aprende a falar em um outro dialeto, a andar de uma certa maneira, saber entrar e sair dos lugares. Baixar a cabeça em determinadas ocasiões, não falar muito, evitar certos gestos, palavras e comentários. Aprender a correr na hora certa, por onde andar, com quem falar e como se defender.

Estes saberes não instantâneos são incorporações subjetivas da leitura do espaço, aprendidas na experiência do encontro e do acontecimento marginal, influindo diretamente na construção da identidade e na formação da rostidade.

O conceito de *rostidade* desenvolvido por Deleuze e Guattari (apud ZANOTELLI, 2016, p. 74;128) está associado ao funcionamento da máquina abstrata, que não tem forma, conteúdo, substância, mas comporta traços da expressão de sua grafia em diagramas que operam na relação entre a matéria e a função. Dada a funcionalidade do espaço projetado ao uso exclusivo do mercado, a máquina abstrata atua por uma escrita de signos e códigos que organizam nossa concepção do espaço físico-químico, natural-cultural, sintético-orgânico, o espaço uno (MOREIRA, 2012), transmórfico e desterritorializante.

A *rostidade* também se apresenta nos traços genéticos os laços consanguíneos. A imobilidade territorial dos pobres nas periferias possibilita identificar *rostidade* nos traços da morfologia, expressões ou comportamento. Tendo em vista que estes elementos estão em constante processo de construção e reconstrução.

Na Vila Maria há uma *rostidade* perceptível não diferente de outras periferias pobres de São Paulo. Na música *Formula mágica da paz*[10], o grupo de rap paulistano Racionais MC's, trazem na canção um trecho que nos remete à uma leitura imaginativa da paisagem geográfica e seu movimento ao sentimento do observador artista

Fórmula Mágica da Paz

(Trecho de música)

Dois de novembro era finados
Eu parei em frente ao são Luís do outro lado
E durante uma meia hora, olhei um por um
E o que todas as senhoras tinham em comum
A roupa humilde, a pele escura
O rosto abatido pela vida dura
Colocando flores sobre a sepultura
Podia ser a minha mãe
Que loucura!

De início, são migrantes sem memórias ou identificação com o lugar tanto social como natural. O rápido povoamento oriundo de rotas distintas propicia o encontro do 'estranho', provocando tensões e conflitos entre territorialidades. Diferentes culturas que imbricam na expressão das identificações com o lugar do passado. Aos poucos os traços diferenciais vão sofrendo hibridizações em razão da proximidade e da necessidade do outro.

Ao passo que novos objetos externos são instalados, outros sistemas de ações são configurados. Os objetos adquirem novos significados ao passo que são apropriados ao lugar que absorve e ao mesmo tempo resiste.

Não adianta querer ser tem que ser pá-pá-pá, o mundo é diferente da ponte pra cá ...

Racionais MC´s [11]

---

[10] Música que integra a faixa 11 do album *Sobrevivendo no inferno*. Gravadora Cossa nostra: São Paulo, 1997. (CD).

[11] Racionais MC's. Da ponte pra cá. **Nada como um Dia após o Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64144/>.

Alguns objetos externos foram implantados diagramaticamente à representação sobre o imaginário da periferia. Entre os objetos mais associados a estes espaços estão as armas, as drogas e os criminosos.

Mas nem as armas e as drogas são tão repulsivas quanto os marginais em seu aspecto periférico de pobreza e lentidão, que consciente ou inconscientemente absorvem e regurgitam sua imagem e semelhança representada através da tragédia e da desgraça, desenvolvendo o sentimento de revolta em conflito contra o abandono do Estado e a exploração do capital. Os pobres da periferia sabem e sentem a todo o momento a segregação espacial.

A dificuldade em conseguir emprego, a trabalhar sem segurança por um salário que mal alcança para nos mantermos em pé, a dificuldade em por comida na mesa, conseguir atendimento médico, pagar pelo uso da energia e iluminação pública sem mesmo ser atendido pelo serviço.

Cansado, frustrado, incerto com o dia de amanhã, o morador da periferia tem no crime uma opção, não somente pelo ato de conseguir dinheiro, mas também como a manifestação da revolta ou assimilação de sua imagem ao estigma do bandido.

VIDA LOKA part. 2

(Trecho de música)

E eu que... e eu que
Sempre quis um lugar gramado e limpo, assim verde como o mar
Cercas brancas, uma seringueira com balança
Disbicando pipa cercado de criança
How... how brown Acorda sangue bom
Aqui é Capão Redondo "tru" não Pokémon
Zona Sul é invés, é estresse concentrado
Um coração ferido por metroquadrado

A revolta regurgitante de um cotidiano violento no sentido amplo da palavra, a violação aos direitos básicos do cidadão, que tanto mata, assassina a os milhares a multidão de pobres que habitam as periferias pobres das cidades.

Quando não mata o corpo, fere a alma, assassina sonhos, abre feridas que não fecham donde emana naturalmente uma capacidade de ação instintivamente contrária a lógica entre o certo e o errado postulada pela república da propriedade descrita por Hardt e Negri (2016).

É difícil absorver sem regurgitar a intensidade do cotidiano na periferia. Sim, tema diversão, a solidariedade, festa e felicidade, mas os tiros à noite, o carro preto de faróis apagados dobrando a esquina, os tapas na cara da polícia. É difícil.

Certa noite, saindo do clube com alguns amigos, Joaquim parou para observar uma cena típica da noite nas periferias pobres. Dois policiais brincando com a autoridade sobre um bêbado que gingava cambaleante pela rua. Em um movimento cadente o 'bêbado' saca uma faca e recebeu um tiro, caído recebe outro. Joaquim e os colegas correm e se esconder enquanto os policiais vão embora. O bêbado, homem negro magro de meia idade respirava devagar balbuciando entre a guia e o asfalto. Morreu ali. Como não valesse nada, abandonado, agonizando na noite gelada.

Joca assistiu à cena no mesmo ponto de ônibus em que, quando criança observou o 'Baiano Sapateiro', seu vizinho de frente, passar andando devagar a segurar as vísceras que saíam de sua barriga aberta após ser esfaqueado numa briga de bar, o motivo ... uma dose de pinga. A família do velho sapateiro voltou para a Bahia.

2.14 Qual sua opção ... cadeia ou morte? Vamos, escolha ...

Há um grande número de pessoas presas em razões ou situações que poderiam ser resolvidas em outros meios punitivos que não a cadeia. Há um verbete popular que diz, "nem todo preso é bandido e nem todo bandido é preso".

'Tirar cadeia' ou 'puxar cana' dá moral ao bandido que retorna à rua galgando degraus na escada do crime[12]. A questão é que muitos daqueles que estão cumprindo pena em regime fechado, não são criminosos. Há a questão ante a falta de condições materiais de necessidade básica, como fralda para a criança e leite para o bebê. A indiferença, a frustração, de incapacidade, rejeição, exclusão. Sentir viver a encarnação do descartável na geografia dos flagelados.

De circuitos territoriais limítrofes, inacesso o periférico e seu estereótipo, reporta o vulgar, menor, destoante, indesejável, inconveniente, incomodante. Ele sabe disso e reage contra mundo. Por vezes violento, o crime mantém uma proximidade intima com o periférico e sua experiência de vida.

---

[12] A expressão 'crime' nesta narrativa está associada à cultura do 'ladrão', que na atividade, posta a atitude criminosa a exercer poder de consumo contra o que relaciona o periférico ao criminoso 'típico'no jeito de andar, falar, gesticular. No entanto, da periferia ' Ações relacionadas a criminalidade tais como

Atrelado a possibilidade de acesso a aquilo que deseja ou necessita, impondo a ação violenta sobre o espaço organizado pelo capital. O criminoso delimita uma outra territorialidade, exercendo um papel de poder entre a vida e a morte. A vida vivida no limite de suas ações e variantes do poder conquistado na contrariedade e enfrentamento ao Estado e seu sistema legal.

Recorro novamente a outra passagem em composições dos Racionais MC's, na música Fim de semana no parque (1993) que retrata o crime sobre a perspectiva do periférico ante, sua limitação territorial e circuitos espaciais dentro das situações em que estão inseridas.

A atividade do criminoso movimenta o consumo e o deslocamento dos corpos e objetos. Organiza e movimenta uma economia marginal que liberta e aprisiona ao mesmo tempo o periférico em sua situação de pobreza e 'periculosidade'.

O periférico provoca olhares de desconfiança, distanciamento e estranheza. Tais situações acumulam sentimentos de raiva e rebeldia desobediente. Neste contexto o crime não é unicamente uma ação direcionada ao acesso do que necessita, mas também à ostentação exibicionista do poder ou uma forma de contrapor o poder político do Estado e à lógica excludente do mercado.

Mary Jane Spink[13], acentua

> [...] a percepção da existência de pessoas pobres e miseráveis é obscurecida por um arsenal de justificativas que normalizam as condições precárias de existência de um segmento da população, como, por exemplo, as ideias de meritocracia, de trajetórias pessoais fracassadas, de sorte ou azar.

O sistema prisional é entre outras coisas um conjunto de estruturas de contingencia que restringe ainda mais o movimento do periférico. Para aqueles que assumem e tomam suas ações na figura do criminoso, como já dito, a cadeia pode render status e acesso a outros espaços, contatos e dinheiro.

Para o periférico que não é um criminoso, ou seja, não se vê na atividade do crime um meio de sustento, mas que por razões diversas sofrem o encarceramento. A prisão mata sonhos, afasta-o do convívio social, contamina a alma aprisionando o espírito em grades forjadas pela dor.

Tantos os amigos, colegas, conhecidos de Joca foram presos por motivos diversos ou por motivos quaisquer. Xandão ficou entalado na janela de uma mercearia tentando pegar um

---

[13] SPINK, Mary Jane. A Dimensão Subjetiva da Subcidadania: Considerações Sobre a Desigualdade Social Brasileira. **Revista Psicologia: ciência e profissão**. SANTOS L. N; MOTA A. M; SILVA Marcus Vinícius de Oliveira (orgs.). Publicação on-line. 2013, p. 700-715. Disponivel em: https://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n3/v33n3a14.pdf.

litro de vinho, foi preso; Paulinho, na inocência e na boa vontade, ajudava o amigo a carregar um caminhão de mudança, sem saber que tratava- se de um furto, foi preso junto ao caminhoneiro que também desconhecia os planos do contratante.

Bill foi à delegacia atualizar seu registro de identificação, conforme solicitado pela empresa aos funcionários, aguardando o retorno da atendente ao guichê da secretaria de segurança pública. No lugar da atendente dois policiais lhe dão ordem de prisão, constou em seu nome uma ocorrência criminal relacionado a pensão alimentícia, foi preso.

Um jovem a fugir da polícia, entra na casa da namorada, ela esconde sua arma. Os militares vasculham e encontram o artifício no quarto de Joílson que ao chegar do trabalho, foi preso.

A prisão marca o criminoso na pele, no preso que não é bandido, a cadeia marca na alma. O bandido tem nos olhos a frieza da morte, sem peso e sem brilho, a quem não é, forjará este olhar dolorosamente em um semblante pesado e culposo. Quando livre, desconstruir a expressão do criminoso esculpida no cárcere dado ré um processo confuso, lento e solitário.

A liberdade do corpo não retira cadeia de seu interior mantendo comportamento do ambiente prisional, tais como: e ex-detento não mantém as costas para a rua; tende a baixar a cabeça e não direciona o olhar para a companheira do outro, seja ela amiga, namorada, esposa, mãe ou filha; fala pouco, de forma calma, tom manso e com seriedade; escuta os outros com atenção, atento e desconfiante ao movimento que o cerca, como se estivesse sempre a ser observando; pensativo parece estar planejando, calculando, procurando antecipar ao inesperado.

A condição de ‘cadeiero’ extrapola o tempo e o espaço da prisão, perseguindo o ex-detento estigmatizado na figura de criminoso num cenário social de discriminação e incriminação constante. Com o tempo o ex-detento não bandido, assume para si a figura projetada do criminoso, seu olhar frio, sem peso e sem brilho permanece e perpetua em seu semblante. Agora ele é ‘bandido’.

2.15 Ainda é cedo para dizer adeus

Não é fácil conviver com a morte violenta ao lado. Em uma noite, tiros próximos acordam a vizinhança. Mas como que não faz tanto tempo de tiros na vizinhança, entrar na casa do colega e ver pedaços de seu rosto, dentes espalhados pela sala, a sua sobrinha de cinco estava lá. Seu amigo e parceiro de infância, Xuxa, foi morto em frente à casa de Joca, por uma dívida

de vinte reais com um traficante homicida, que já havia assassinado outros dois conhecidos de rua.

Dona Silvana já bem idosa, com problemas cardiorrespiratórios, mal saía da casa, do local onde sentava para fumar presenciou dois assassinatos, os dois jovens mortos foram crianças que ali cresceram e brincaram. Ela temia e orava por seus netos.

Joaquim foi crescendo e nas ruas foi conhecendo pessoas, cruzou como crime e com as drogas. Não foi por prazer ou por diversão, encontrou neste meio um modo de enfrentar o mundo e mostrar que podia encará-lo. Fazia-o, no entanto às avessas, sem saber, agia como o sistema o queria, seguindo o diagrama a caminho da morte ou da prisão. Felizmente o primeiro não ocorreu, já o segundo...em uma última aventura com Xuxa, pouco antes de ser assassinado, tentaram furtar uma loja, ocorre um cerco, todos escapam, menos Joca.

Algemado a uma árvore, passou a noite sobre tortura. Choques na língua, nas axilas, nos testículos, coronhadas no rosto, pensou que iria ser morto. Sem flagrante, foi solto na mesma noite, respondendo em liberdade. Por dias ficou de cama, sem visita dos “amigos” que torraram o dinheiro do furto. Deixando rastros, foram detidos e sob tortura entregaram Joca que se recuperava em casa. Unindo os inquéritos, responderam por estelionato, furto e formação de quadrilha. Ainda menor aos dezessete, sua pena não seria curta na antiga FEBEM.

Angélica argumentou com a juíza sobre o histórico de trabalho e que vida escolher, convencendo à juíza à soltura sob condição de ressarcir os itens furtados e a pena de liberdade assistida por dois anos. Significava que Joaquim não poderia deixar a cidade, mensalmente assinar presença junto ao fórum criminal, a escola registraria diariamente sua presença, reportando os registros à delegacia da infância e juventude, antiga DIJU. Uma falta à escola carimbaria um passaporte para a prisão.

2.16 Reencontro

Era julho e os professores estavam repondo aulas da greve, nenhum estudante na escola a não ser Joca, repondo aulas noturnas em período de férias. Cumpria o horário solitário, não houve professora ou professor que quisesse dar aula a um estudante evadido no sistema educacional, que retorna à escola sobre mandato judicial na condição de “LA”, liberdade assistida. A não ser Lourival, professor de filosofia e ex-metalúrgico, o amigo de Bernardo dos tempos de JOC e que juntos ajudaram a fundar o Partido dos Trabalhadores em São Paulo.

Lourival já havia reconhecido Joaquim e lhe contado sobre seu pai, o que estabeleceu

uma proximidade. Passavam as horas do período noturno trocando cigarros, estudando e debatendo sobre conceitos e correntes filosóficas. Começaram pelos gregos, depois os iluministas até chagarem ao materialismo dialético de Marx, a fenomenologia de Weber, o existencialismo de Heidegger e Sartre, o positivismo de Comte, o liberalismo de Smith, e o neoliberalismo de Frederick Hayek.

Podemos dizer de certo modo que Lourival reterritorializou Joaquim que passou a questionar seus conflitos consigo e com o mundo que o cercava, aprendeu visualizar as conjunturas estruturais da sociedade capitalista e a reprodução e manutenção da pobreza.

Passou a perceber sua condição social e entendeu que lutava do lado errado, que sua revolta não estava canalizada contra o sistema. Entendeu que o estudo e o trabalho eram a única alternativa que possuía naquele momento para escapar à estatística de não ser morto antes dos trinta. É inadmissível que nas periferias pobres das grandes e médias cidades, morrer antes dos 30 anos por causas externas39, seja a maior causa mortis entre jovens da periferia que possuem pele clara, já entre as jovens negros ou pardos de pele escura, este número cai para 18 anos.

Segundo matéria publicada no pelo Jornal Carta Capital[14] publicada em,

> Em 20 anos, o número de jovens negros assassinados aumentou 429%, ante 102% de jovens brancos. [...] números divulgados pelo Ministério da Saúde sobre mortes de crianças e adolescentes até 19 anos. Os dados analisados são de 1997 até 2017. [...] A fundação conclui que, baseado nos números, o Brasil vive em um cenário de guerra civil. O exame das estatísticas de homicídios revela um País que convive com o extermínio de sua população de crianças e adolescentes, que são diariamente expostos aos riscos de terem suas vidas interrompidas antes mesmo de atingirem a idade adulta, especialmente quando tratamos de indivíduos de cor/raça preta ou parda.

2.17 O subterrâneo

Os irmãos Marcel e Joca gostavam de rock e Raul Seixas. Marcel, mais novo, com doze anos foi que primeiro conheceu e apresentou Joca ao som do metal. Metal ou Heavy Metal, um dos vários gêneros musicais com raízes no rock, durante a década de 1970 bandas como Lead Zepelim, Black Sabah, Stephen Wolfe e Judas Prest.

Adicionando guitarras distorcidas, batidas fortes, linhas de baixo destacando sons graves e muito volume, composições com letras sobre a morte, magia, liberdade, sexo e outras

---

[14] PUTTI, Alexandre. Assassinato de jovens negros no Brasil aumenta 429% em 20 anos. Jornal Carta Capital: São Paulo, 17 de set. de 2019 (on-line) Editora Confiança: São Paulo. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/sociedade/assassinatos-de-jovens-negros-no-brasil-aumentam-429-em-20-anos/. Acesso em 24 de abr. de 2020.

coisas obscuras à moral cristã. Contra o Estado militar e à sociedade do consumo o metal extrapola a categoria de estilo musical, não caracteriza um movimento social, mas pode ser entendido como uma filosofia de vida emergida do subterrâneo.

O ‘metal’ tem origens suburbanas, nos guetos periféricos urbano industriais, representa a atitude antissistema em ‘gritos’ aterrorizantes rasgados por distorções ensurdecedoras ao compasso de batidas assustadoras como trovões. Os ‘metaleiros’ de cabelos compridos e desleixados, roupas pretas, velhas, sujas e resgadas, expressão de olhar de indignações e revolta, interpretados como ‘cara de mau’, ganharam nas telas a identificação de bandidos, desordeiros, drogados, adoradores do diabo.

Longe destes estigmas o ‘metaleiro’ que tem no metal uma filosofia de vida desaprova à violência gratuita e respeita o outro em seu modo de ser e vai à briga, com gosto, para defender o que acredita ser certo. Figura presente nas greves e manifestações populares, tomam a frente nos enfrentamentos contra os militares.

Porém a banalização do metal e do metaleiro representado pelas telas na figura de bandido, prisioneiro, assassino, adorador de satã. Estereotipado torna o ‘metaleiro’ alvo da violência policial e da discriminação social.

Identificando ao som e ao ambiente cultural, Joca logo comprou seu primeiro disco de metal, o álbum The number of the beast, da banda inglesa Iron Maiden, com uma figura de aspecto demoníaco na capa, também uma camisa da mesma banda estampada tal a capa do disco. Daí em diante a coisa foi “piorando”, aprofundando o conhecimento sobre metal, foram conhecendo e se reconhecendo em estilos mais sombrios como o trash metal, death metal, hard core, grind core, noise core.

Estávamos no ano de 1995 e Joca ainda trabalhava na Guarda Jovem, retornava para espremido na ‘lata de sardinha motorizada ‘chamada de ônibus, sempre lotado como de comum, ultrapassando às dezenas o limite máximo de passageiros. A linha 58 – Vila Maria faz um dos percursos mais demorados da cidade. Não por questão da distância, mas a falta de ônibus, o crescimento oblíquo de novas habitações em meio trajeto do ônibus, o aumento do número de pessoas para serem atendidas pelo serviço. Condições que tornam a linha 58–Vila Maria, uma das mais caras aos passageiros.

Do ponto final ao terminal entre 5 às 9h e das 16 às, a viagem dura em média de 1h a 1h30, até o terminal, somando a necessidade de integração com a linha de trem ou metrô até o local de destino, o deslocamento pode ultrapassar de 4 horas entre ida e volta em condições de desconfortáveis, cansativas e estressantes.

Milton Santos (2012, p. 111) observa que o distanciamento geográfico somados às

péssimas condições de transporte, cria condições para o aumento da pobreza. Para o geógrafo, quanto mais distante estiverem as populações pobres sem relação ao centro, mais caros serão os preços de mercadorias e serviços, maior é a rejeição dos empregadores para as vagas de emprego.

É de praxe empresas e comércios centrais evitarem contratar moradores de periferias distantes, pesando sobre esta decisão não o fato de serem pobres, ou de residirem em bairros violentos. O contratante quer enfim, evitar a ocorrência de atrasos em dias comuns, faltas em dias de greve e o custo se necessário levar ou buscar o trabalhador em sua casa.

Para Santos (2012, p. 112) o distanciamento e as péssimas condições de acesso a serviços reforçam o isolamento socioespacial dos pobres à programas públicos de educação, cultura, lazer, esporte, restringindo também acesso aos espaços de encontro e consumo, tais como shoppings e galerias. Produzindo assim zonas condenadas à pobreza em razão da imobilidade dos corpos no espaço.

Recordado uma situação vivenciada em sala de aula, estava a dialogar sobre o espaço urbano junto a crianças do 6º ano em uma escola de periferia pobre e distante do centro. Na ocasião retratei um shopping Center como modelo de espaço projetado para o consumismo. Um menino intervém e ressaltando nunca ter ido a um shopping, mais adiante revelou nunca ter ido ao centro, continuando a conversa, reitera o menino não lembrar de ter saído alguma vez daquele bairro.

Em um deste trajetos de ônibus Joca estava em pé vestindo uma camisa com a capa do álbum ‘Fear of the dark’, da banda Iron Maiden. No banco próximo estava Leandro, encarando a camisa de Joca, pergunta diretamente: “Cê curte mesmo metal ou é só comédia”. Leandro, de cara fechada, vestia uma imprevisível camisa surrada, estampada com a capa do primeiro álbum da banda nova-iorquina Ramones. Banda estadunidense considerada pioneira do estilo musical que viria a ser chamado de Punk Rock, com batidas rápidas, frases diretas, comportamento desleixado e estilo agressivo. Faziam contraponto às longas e psicodélicas músicas que marcaram os anos 60 e 70. Não somente um estilo musical, o punk representa uma expressão corporal e atitude antissocial perante a moral e a estética do belo e aceitável. Expondo a revolta contra o sistema e à ordem, associado ao pensamento anarquista, o punk é um movimento de expressão da liberdade e resistência ao Estado, ao capital e seus mecanismos de controle. Um elo de conexão que proporcionou a Joca o encontro como acontecimento que viria a ser elemento talvez decisivo para Joca, depois de viver às margens da morte a da prisão, opta em mudar seu ambiente cotidiano com pessoas fora do crime e das drogas. Leandro que trabalhava na construção arrumou emprego para Joca como servente de pedreiro, apresentou Joaquim e

Marcel ao movimento punk.

É interessante como a imprevisibilidade do encontro pode resultar em acontecimentos imprevisíveis de sociação. Não somete se conhece o outro, mas também conhece outro ambiente de vivência, ampliando redes de conexões sócio espaciais. Por vezes, novas conexões socioambientais propiciam o encontro com novas expressões culturais em outros espaços de sociação. Como estivéssemos a entrar e habitar um outro mundo.

Nos ambientes rock metal e punk rock é diferente. Não tem essa de tênis, boné, camisa e calça limpa, de preferência nova ou de marca, cabelo bem cortado, gel, perfume.

Coturnos surrados, camisas de estampas caseiras com frases de efeito, logos de bandas desenhadas a traços grossos a letra “A” de anarquia.

O Punk não é um estilo musical ou um gênero rock, mas um movimento político, antifascista, antinazista, anticapitalista. Representa a insubordinação a todo e qualquer tipo de totalitarismo, nacionalista, militarista ou religioso. Não há espaço para lideres, seguidores, estrelas ou fãs.

O movimento punk representa uma manifestação antissistema em posição de enfrentamento ao sistema, a manifestação. Não se faz punk vestindo calça rasgada e camisa do Ramones. Entrar no movimento é um processo lento de absorção cultural que exige conhecimento político e atitude e posição de enfrentamento à ordem, à moral e à estética socializada na lógica do mercado e na falsa democracia.

Através do movimento punk a revolta de Joca ganhava uma outra forma de expressão, não violenta e ao mesmo tempo agressiva. Direcionada contra o regime opressor. Com Leandro, Joca, Hilton e Drica, a banda Comando Suburbano Punk Rock, tocando no cenário Punk entre 1996 e 2004. A experiência de Drica e suas conexões no movimento facilitou em arranjarem espaços tocar. O Comando Suburbano conquistou espaço entre as bandas punks, mas isso demorou um pouco, tocando em bares dos bairros periféricos, moquifos, qualquer biombo que vendesse uma pinga.

Certo dia de verão por volta de 1992, de passagem pela sala frente à televisão Joca ouve um distorcido som de guitarra em meio a poderosos tambores musicando um toado que remete à cultura nordestina. De imediato chamou sua atenção, remetendo-o a sua herança paterna nordestina.

A banda que estava a se apresentar chamava-se Chico Sience e Nação Zumbi, que na década de 1990, juntamente com a banda Mundo Livre S/A e Mestre Ambrósio, também de Recife, criaram o movimento mangue bit. Buscando resgatar aspectos da cultura popular e antigas tradições do Nordeste como forma de resistência, suas letras e sons carregam a leitura

do cotidiano nordestino em um mundo globalizado com forte crítica social. Musicalmente expressam a potência da cultura nordestina em guitarras eletrizantes, tambores de tremer o chão e uma grande variedade de instrumentos regionais.

As letras da Nação Zumbi em maioria compostas por Chico Sience, retratavam o cotidiano dos catadores de caranguejo, ofício que Bernardo exerceu quando jovem em meio à lama, que nas mãos de Dona Fausta transformavam-se em panelas e vasos. A coleta dos caranguejos era alimento e renda, porém a miséria impunha a Bernardo um cotidiano que o cobria qual a lama em qual entrava.

Bernardo, mais velho entre os doze irmãos assumia a responsabilidade de cuidar e educar os mais novos. Estudioso por vontade própria concluiu o ensino médio aos vinte anos no programa educacional de jovens e adultos na época conhecido como Maduresa. Formou-se eletricista por sistema de apostilamento, estudando em casa nas poucas horas de descanso e realizando as provas presenciais com distinção.

A vida de Bernardo encarnava o conceito do homem caranguejo, frequentemente citada nas letras compostas por Chico Sience. Joca logo se identificou com o mangue bit e aos poucos foi atrás de outras sonoridades nordestinas antes ignoradas por ele.

O conceito de homem caranguejo que Chico Science reporta em suas composições tem referência na obra do geógrafo pernambucano Josué de Castro (1908-1973). Em seu livro Homens e caranguejos (2007), o geógrafo retrata a convivência entre o homem e o mengue e a urbanização perversa que ao sobrepor a cidade ao mengue mata ambos de fome, homens e caranguejos.

O livro incorpora uma narrativa onde o autor insere a experiência de vida no mangue entendendo-o simbioticamente.

> “Tudo aí é, ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela. A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo vai ser. O caranguejo nasce nela, vive dela, cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fabricando com a lama a carninha branca de suas patas e a geléia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lamber os seus cascos até que fiquem limpos como um copo e com sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a do corpo de seus filhos. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez” (CASTRO, apud MELLO FILHO, 2003, p. 515).

O movimento cultural propagado por Chico Sience e Nação Zumbi emerge em um ambiente subterrâneo e alcançaram projeção internacional. Suas músicas, mistura de sons e ritmos da cultura popular nordestina com à sonoridade do rock e a criticidade ácida do rap.

Abriu espaço para que Joca volta-se a atenção para a questão nordestina, para a vida de seus familiares e à vivência de Bernardo.

2.18 Renascer

O serviço na construção civil fortaleceu o corpo de Joca e também sua concepção sobre o trabalho dos pobres em sociedade. Na primeira obra em que trabalhou, levantando no braço, com corda e roldana, areia, cimento, tijolos ao quarto andar do prédio de uma indústria química que produz tipos diferentes de plástico. Ajudou a aplicar um forte e pegajoso produto impermeabilizante que parecia piche, abriu na mão marreta metros de canaletas em concreto puro. O contraste foi saber que aquele andar, exclusivo do dono da empresa, teria torneiras a ouro que servia Chopp, enquanto trabalhadores adoeciam devido a longa exposição a produtos químicos.

Na escola entrou para o movimento estudantil ajudando a fundar o Grêmio "Geraldo Vandré", juntamente com Robson e Marcinho, que já eram associados à UNE e ao PC do B. O agenciamento partidário caiu por terra quando sua passagem para o Congresso Nacional da UNE em Brasília foi trocada pelos 'amigos' por uma quantia de erva canabinóide. Terminou o ensino médio com boas notas e decidiu ir para a faculdade, a mesma que sua mãe cursara, mas sua opção foi por Biologia.

Descobriu o mundo do saber destacando entre os melhores estudantes do curso. Conheceu Ederson, simpatizando nos ideais políticos, formaram grupos de pesquisa, reativaram o centro acadêmico e participaram do Diretório Central Estudantil (DCE), por onde então, conseguiu participar do Congresso Nacional da UNE. Outra decepção de Joca, que ao percebeu que as bandeiras e ideologias partidárias sobressaíam aos interesses estudantis e que os diretores do DCE desviavam dinheiro dos estudantes para si próprios, e não foi pouco.

Durante o estágio supervisionado, Joaquim retornou para a escola onde diplomou o 2º grau, visitando a biblioteca encontrou Cristiane melhor amiga de sua irmã Cássia, a filha mais velha de Edmilson, se apaixonaram, namoraram, mal sabia que quatro anos mais tarde se casaram e teria filhos. O que evidencia o cotidiano escolar como lugar marcante da experiência e do acontecimento imprevisível.

Leandro lhe presenteou com um velho e 'debulhado' skate, e através deste esporte, conheceu outras pessoas, formaram um grupo de estudo político, organizaram-se como movimento, fundando a Associação dos Praticantes de Skate MV do Forte, que assumindo uma

postura autônoma, iniciaram um sério trabalho comunitário. Limpando calçadas, ajudando na manutenção dos prédios escolares, instalando lixeiras em pontos de movimento. Construíram com as próprias mãos, a maior pista de skate de rua daquela região, onde reuniam skatistas de toda a cidade.

A participação da associação VM do Forte, não era somente voltada ao esporte, na realidade era um movimento de educação política, os participantes voltaram a frequentar a escola, abandonar o cigarro, respeitar os mais velhos, cuidar do ambiente e ajudar na melhoria do bairro.

Joca concluiu bacharelado e licenciatura, mais tarde cursaria filosofia, encontrou sua redenção fazendo política em sala de aula, desconstruindo a lógica estruturalista dos segmentos partidários. Em sua formação acadêmica não conheceu a obra de Paulo Freire, mas entendeu que o processo de aprendizagem políticas e faz na prática coletiva, e que o trabalho educacional não está restrito ao ambiente escolar, mas também na rua, com as pessoas, sem distinção de idade, gênero, ou opção sexual. A prática política voltada para a liberdade da autonomia.

O movimento cresceu, ganhou força e respeito entre os moradores, começaram a participar da Associação dos Moradores da Vila Maria e Adjacências, formaram uma chapa e concorreram à diretoria da associação, sendo eleitos com a maioria absoluta dos votos. A diretoria passou a ser composta por jovens com ‘nomes’ estranhos, batizados na rua: ‘B Brown’, ‘Saddan’, ‘Tainha’, ‘Biringueta’, ‘Lampião’ (codinome de Joca), ‘X Pulo’, ‘Língua” as garotas Marcelinha, Márcia, Paulinha, Tati e Luerci entre outros jovens. Revitalizaram o espaço e quase abandonado, reformaram os brinquedos, concertaram a esburacada quadra de concreto, abriram espaço para grupos que ensinavam de capoeira à jazz.

Com a falta de vagas nas creches e escolas primárias próximas, com a cooperação de professores que moravam na vila, senhoras que cozinhavam a refeição coletada com a ajuda de padeiros, comerciantes, pessoas que plantavam hortaliças e diariamente serviam verduras frescas, orgânicas. Formaram grupos de estudos pré-vestibulares, e reuniram bom acervo de livros recebidos por doação.

Convidaram pessoas que desenvolviam trabalhos de arte, mas que no dia a dia, eram trabalhadores comuns, mas com espaço para exibição de seus trabalhos. Pintores, bordadoras de tecido, músicos e compositores, escultores, escritores. Com os DJ’s Carlitos e Biro, criaram a *Celtics* FM, rádio comunitária que apresentava ao bairro o programa Porrada Sonora, que além de músicas de origem popular, abriam com espaço para comentários, opiniões políticas e reivindicações dos moradores.

A atuação dos jovens junto aos moradores atraiu olhares externos, recusando os

convites de partidos para concorrer a vereança e proibindo a infiltração de bandeiras, de modo a preserva a autonomia do movimento, que, também, chamou a atenção dos órgãos do poder público municipal que tomaram a decisão de frear o movimento juvenil que crescia na Vila Maria.

Com ordem judicial, fecharam a escola, o curso pré-vestibular, a rádio. Os representantes da diretoria passaram a serem observados e perseguidos pelas autoridades. Políticos financiaram a campanha de uma chapa concorrente, trabalhando na difamação dos jovens diretores. Com isso, alugaram um grande espaço no centro do bairro, criando a 'Escola Alternativa', onde abriram cursos de artesanato, costura, violão, 'gibioteca', aos poucos a idade exige novas responsabilidades, emprego, casa, família e dispersou- se. Mas mostraram uma força da juventude da periferia na organização do movimento popular autônomo, periférico, que ativamente durou cerca de cinco anos. Mas que contribuiu a apresentar a muitos jovens, outros caminhos e outras maneiras de ler, agir e interpretar o mundo de maneira 'periférica'.

A vida de Joaquim encarna o poder transformador da educação por um olhar que extrapola os limites dos espaços escolares, encontrando em seu cotidiano, pessoas, vivências, acontecimentos, que marcam esta narrativa. Intentando ressaltar que a geografia das periferias pobres, contextualiza *biogeografias* repleta de experimentações, de intensidade dos acontecimentos, dos encontros e das possibilidades de viver uma vida digna, poder sonhar com um futuro próximo em melhores condições.

Não pode a escola em seu espaço local, tratar a educação como meio de reprodução de conteúdos curriculares distintos da vida cotidiana e dos saberes necessários à vida coletiva. Ao encontro de pensamentos, produção do conhecimento, criatividade, autonomia e consciência política.

Razão pela qual faço uso da linguagem do rap, como meio de aproximação com o cotidiano vivido e a força de luta das pessoas que habitam as periferias pobres. Onde o geógrafo baiano Milton Santos (1998; 2010; 2011; 2006) e o educador Paulo Freire (1979; 1987; 1996; 2001), encontram e defendem o fervor de um potencial enorme de organização política e luta. É dentro deste contexto que o capítulo a seguir, vem de encontro a estes dois grandes pensadores brasileiros, procurando encontrar entre eles aproximações de pensamento e posicionamento político.

3 ENTRE PAULO FREIRE E MILTON SANTOS: GEOGRAFIAS PARA UMA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA

Meu ponto de vista é o dos 'condenados da Terra', o dos excluídos

Paulo Freire

A humanidade se divide em doía grupos, o grupo dos que não comem e o grupo dos que não dormem, com medo da revolta, dos que não comem

Josué de Castro

A ideia tese que venho construindo por esta escrita, ancora referencialmente em Paulo Freire e Milton Santos, pensadores que ao longo da vida acadêmica e donos de um trabalho intelectual com significativa originalidade. A ponto de serem considerados divisores de águas em suas áreas.

Paulo Freire e Milton Santos, são os mais importantes pensadores de suas épocas, abriram caminhos para linha de pensamento autônomas que flertam com sentimento de liberdade.

Nordestinos, de Pernambuco e da Bahia, internacionalmente reconhecidos como divisores de águas em seus campos de análise. Lecionaram em diversas universidades ao redor do mudo, exilados durante a ditadura civil militar seus estudos aprofundaram em descortinar as difíceis realidades das pessoas pobres, principalmente aquelas dos países desenvolvidos. Além da crítica, expor outras possibilidades de mundo. De luta e esperança.

Amarro estes autores pontuando conceitos e ideias que sustentam a hipótese que aqui defendo como olhar periférico, não intuito em abrir veredas não trilhadas ao estudo destes pensadores. Pretendo o desenho de uma escrita humilde, no sentido freireano da palavra.

Um posicionamento consciente da incompletude humana ante as possibilidades do desconhecido, da infinitude do pensamento ante as limitações da ação, do corpo, do movimento. Um conhecimento ingênuo (FREIRE, 1996).

A posição de abertura e respeito ao transpor entre estes pensadores e permitir-me a perquirir conectividades entre estes respeitados pensadores que revolucionaram, cada um a se modo, outras possibilidades de pensar e estar no mundo.

Podemos olhar para o mundo e questioná-lo criticamente, cientificamente projetar o que vem à frente, porém estas potencialidades se dão sobretudo através do estudo, como nos aponta Santos (2006). Paulo Freire (1979;1996;2001) aponta a educação como a ação política,

a prática educadora que com os pés no chão, faz manter e reascender a esperança de que outra realidade é possível.

Pensadores que nos permitem interpretações de realidade por entre espaços outros do pensar o mundo que nos cerca, adentrar entre lacunas do conhecimento planificado ao modelamento do espaço racional. Prosseguir a buscando entendimento, compreensão entre a multiplicidade de fatores que anunciam o poder de movimento e força que emana dos espaços subterrâneos, dos oprimidos, periféricos, marginais.

3.1 Paulo Freire e Milton Santos e o pensamento dialético

A importância do pensamento de Paulo Freire no desenvolvimento desta pesquisa está na proximidade de suas ideias no que diz respeito às questões humanitárias, em profundidade, ampliando o olhar sobre o periférico. Atentando para o a força revolucionária transformadora que coexiste entre a injustiça e a revolta do periférico, consciente de sua condição sócio espacial. Mas advertem que este olhar transformador é algo que se constrói na experiência.

Milton Santos (2006) relaciona a universalização global do capitalismo e aumento da pobreza no mundo globalizado à universalização das tecnologias informatizadas e dos sistemas técnicos informacionais. Onde dialeticamente as ferramentas de controle tornam meios de combate contra o sistema perverso que as criou.

O pensamento dialético pode nos levar a uma aventura criadora, muito mais rica que repetir a lição dada. É construir, constatar para mudar. Abrir arriscadamente à aventura desafiadora do novo. A experiência educativa caracteriza a pratica num movimento constante de inserção permanentemente curiosa, indagadora da realidade demandada pela existência. Pela experiência criadora possível enquanto educadores e educandos se reconheçam como sujeitos históricos capazes de reinventar pela prática educadora novas formas históricas de lutar (FREIRE, p. 76-77).

A intervenção tomada pela necessidade, pela vontade de transformação e pela ciência de que outra realidade é possível se, fruto da ação transformadora do pensamento livre e da imprevisibilidade do acontecimento. Pensar a realidade de um ponto de vista *periférico*, questionar com curiosidade aguçada a entender o mundo ao seu redor, numa visão panorâmica do espaço habitado, espiar presságios daquilo que pode vir a ser.

Leituras dialéticas do um mundo ao que Marshall Berman (1999) chama de a ‘aventura da humanidade’ e ‘a tragédia do desenvolvimento’. O homem que superpõe a si mesmo num

espaço tecnicizado e cientificizado à luz do racionalismo. Maior que o real, o real melhorado ao ideal racionalista de construir um espaço controlável em sua totalidade.

Dialeticamente a totalidade como processo constante universalização, porém o todo não significa o conjunto das partes tem para cada localidade uma interpretação singular do tempo e do espaço (SANTOS, 2011), onde a razão e a emoção estão materializadas no conjunto relações sociais e das sociedades com os objetos.

A luta de classes em Paulo Freire e Milton Santos compõe o enredo do processo revolucionário, da transformação radical do modelo de organização da sociedade atual em seu processo de globalização perversa. Assumindo posição de enfrentamento ao anunciarem em favor das pessoas pobres as condições desumanas e situações de injustiça que enfrentam em meio a um cotidiano intenso, pesado.

Ambos não põem em negar, ou camuflar embasamento filosófico calcado na dialética marxista. A aproximação de Freire e Santos com o pensamento marxista de maneira alguma expressa nestes, alguma forma de doutrinamento ou militância esquerdista. Paulo Freire reconhece a educação como prática da liberdade, através da ação social voltada para a transformação da realidade, espelhada nas condições de injustiça, de exploração dos homens em situação de opressão.

Desprendidos de “modismos” acadêmicos e não indiferentes a eles, atribuem a responsabilidade dos intelectuais para com a construção de um discurso contra hegemônico. Freire e Santos construíram saberes com originalidade ímpar, com autoridade para defender suas ideias com autonomia e rigorosidade científica. Pontuando o processo histórico de construção do espaço contemporâneo desenhado politicamente em função do capital a flagelar milhares de pessoas pelo mundo.

A realidade está aí, sujeita a à possibilidade de nossa intervenção histórica, estando também a dialogar criticamente com sua própria história e a superação diante dos próprios posicionamentos. Movimento no qual pode se revelar a tomada posição diferente de uma posição inicial, escapando de adaptações, como uma forma de defesa ao livre pensamento.

Esta postura de Freire em questionar a realidade enquanto questionamos a nós mesmos, vem a deslocar a condição de adaptação às condições sociopolíticas. Na adaptação há uma adequação, um ajuste do corpo às condições materiais, histórico, geográficas. Em contraponto ao comportamento adaptativo, Freire identifica como inserção, a tomada de decisão no sentido de intervenção no mundo, assim, recusa o educador pernambucano a recusar qualquer posição fatalista diante da história, diante dos fatos.

É importante prestar atenção que a tomada de consciência da condição social e a

tomada de posição ante as contrariedades, encontram viabilidades se estiverem especializadas, temporalizadas historicamente. A ação espacializada está historicamente num processo dinâmico de relações sociais em constante movimento. Logo, a prática da ação política encaixada às estruturas rígidas em estruturas inflexíveis, conduz a ação política sem reflexão. Engajamentos configurados em sectarizações que aprisiona ao invés de libertar.

Não pretendo aprofundar ao debate sobre a influência do pensamento dialético marxista em Freire e Santos, mas justifico minha observação diante desta temática em um trecho de entrevista cedida por Paulo Freire15 à Luciana Bulamaqui (1997).

> "Quando ainda muito jovem eu fui achar aos morros do Recife, aos mangues do Recife, às zonas rurais de Pernambuco, trabalhar com os camponeses, com as camponesas, os favelados. Eu confesso sem nenhuma churumela que fui até lá movido com Cristo, com quem eu tinha uma certa lealdade, de quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece é que quando eu chego lá, à aquela realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês. A negação do seu ser como gente. A tendência à aquela adaptação a que a gente remeteu antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade. Aquilo tudo me remeteu à Marx. Eu sempre digo, não foram os camponeses que disseram a mim: *Paulo, tu já leste Marx?* Não, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu à Marx [...]"

Marx e Engels (2001) a realidade é sempre mais rica que o conhecimento que se tem sobre ela. É por via deste pensamento que encontro as relações entre Freire e Santos que diretamente transportam em mim linhas conceituais. Com elas desenho novas paisagens, outras maneiras, mutantes-metamórficas de ler o mundo contemporâneo na multiplicidade das cores vivas.

Muitos são os trabalhos acadêmicos, artigos, autores que em pesquisa encontram na prática pedagógica de Paulo Freire uma íntima relação do educador pernambucano com a práxis revolucionaria oriunda da literatura marxista (FERNANDES, F. 2016; SILVA, A. 2002; ZITKOSKI, 2010). Em 2008 participei de um seminário organizado pela Apeoesp[16] – sub sede de Sorocaba, que em síntese, os diálogos centravam em ressaltar a presença de Marx no pensamento e filosofia freireana.

O elemento epistemológico que me atrai a pedagogia freireana é também o elemento que me atrai ao pensamento de Milton Santos. Como em Freire, Santos compartilha pensamentos, conceitos e teorias calcadas na dialética marxista, ao abordarem e tomarem posição em favor das lutas operárias, dos marginalizados e excluídos.

---

[15] FREIRE, P. Paulo Freire Última entrevista 1ª parte. São Paulo, 17 abr. 1997. Entrevista a Luciana Burlamaqui. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=Ul90heSRYfE. Acesso em abr. 2020.
[16] APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo.

Milton Santos, em entrevista gravada em 1998 e editada por Silvio Tendler (2006)[17], respondendo ao entrevistador reporta o seguinte comentário:

> *- Por que a opção pela geografia?*
> ***M.S.****Eu acho que foi a opção pela ... pelo movimento. O fato de ter, quando garoto, me impressionado com as populações que mudavam de um lugar. Que se transportavam de um lugar para outro, talvez isso tenha me dado uma dimensão da disciplina. E o meu gosto pela história, sobretudo pela história do presente, me levou também a observar todo o processo contraditório. De modo que não sendo um marxista ortodoxo. Eu tenho medo disso, dos maristas ortodoxos, pois toda doutrina que não se busca renovar, ela corre o risco de se tornar uma religião, um dogma. Por conseguiste emburrecer e não esclarecer. Desse modo eu me considero um marxista, se quiser, um marxizante.*
> *- Ainda hoje?*
> ***M.S.****Sobretudo hoje, porque, com a globalização, o que sobrou do socialismo fundado em realidades profundas, no caso da China, por exemplo. E o mundo ocidental, ao que nós aprendemos mais a conhecer, a analisar e interpretar, se tornou todo ele capitalista. Então, se tudo se torna capitalista, obrigatoriamente a contradição se instala.*

Milton Santos e Paulo Freire ocuparam cargos em espaços governamentais. Diretor da Imprensa Oficial da Bahia (1959-1961), presidente da Fundação Comissão de Planejamento Econômico do Estado da Bahia (1962-1964), e representante da Casa Civil do presidente Jânio Quadros na Bahia, em 1961[18]. Paulo Freire foi membro do Partido dos Trabalhadores e Secretário de Educação da Prefeitura Municipal de São Paulo na gestão de Luiza Erundina entre 1989 e 1991.

No entanto, ambos não aquietaram críticas à organização político partidárias no Brasil e ao perigo do doutrinamento político. O doutrinamento político, também uma forma de adestramento do pensamento e direcionamento da ação coletiva. Desloca e utilitariza a experiência da participação política, socializações ne agrupamentos de pessoas que conscientes ou não, perseguem e põe a defender objetivos partidários. Afastando as pessoas dos espaços de decisão.

Tomar prática da ação política encaixada às estruturas e sectarizações rígidas em doutrinas inflexíveis, conduz a ação sem reflexão. Engajamentos ideologicamente configurados em molduras que aprisionam, não liberta.

Com o tempo desenvolve-se um processo de desentendimento e desconciliamento entre aqueles que compõe o núcleo partidário o núcleo partidário se divide em um movimento de mitose, criando outras células partidárias sobre os mesmos discursos. Tomando

---

[17] No documentário Entrevista com Milton Santos: o mundo global visto de cá (TENDLER, 2006).
[18] SANTOS, Marie-Hélène T; LEVY, Jacques. **Milton Santos** (biografia). [2019].
Disponível em: http://miltonsantos.com.br/site/biografia/. Acesso em: 19 de jun. 2019.

direcionamentos tão antagônicos que acabam por levantarem barreiras de oposição entre bandeiras, disputando a atenção da base, discursam em defender os valores sociais de outrora.

As bandeiras partidárias originadas de uma mesma célula, depois de divididas, tomam para si mesmas o direito de falar pelas pessoas e o que um dia representou a multipluralidade de ideias. Tomam a direção do pensamento único, alinhados em diretrizes diferentes, cada uma das segmentações, acabam em maior ou menor grau, conduzindo a um distanciamento para com as pessoas das classes operárias.

Ditas populares, as bandeiras acabam por diferir em discurso um movimento politicamente contraditório, ao construírem projetos abrangentes de modo isolado. Descartam, conflitam e confrontam rixas mesquinhas que não reportam atenção aos pequenos espaços e aspectos da vida social quando o fazem, muitas vezes remetem a programas que não se concretizam por completo. Descartadas ou redesenhadas ao logo de cada gestão, tomam para si o deslocamento do capital aos interesses privados dos núcleos partidários no exercício do poder público. Desamparando milhares de pessoas ao tomarem alinhamento com o sistema político econômico do capitalismo global.

Estes espaços de flagelo enganam a aqueles que deixam se abater a interpretações e análises que remetem a situação de abandono. Santos (1998; 2011) observa uma dupla condição de movimento. Os espaços de descontinuidade distanciam e isolam o periférico do centro. O setor imobiliário, paciente projeta os recortes futuros loteamentos, atendida por conjuntos técnicos de infraestrutura e serviços.

A ocupação dos espaços com acesso a conjuntos técnicos, agrega valor às pessoas que os ocupam. Este processo segue continuamente de modo dinâmico, a expandir transformando a paisagem periferia-centro/centro periferia.

Uma forma de visualizar a multitemporalidade do espaço ocupado e seus conjuntos técnicos está em observar a distribuição das redes de infraestrutura, a capacidade destas redes em suportar os fluxos por seus pontos de distribuição e conexão. Quanto maior o acesso às redes de infraestrutura, mais próximo se está dos espaços de centralidade das decisões econômicas e políticas, o que nos leva a entender a, descentralização e distanciamento físico e político dos espaços de decisão.

Aplicar racionalmente a descontinuidade técnica como meio de isolamento territorial, dialeticamente um processo de aproximação entre as pessoas das localidades periféricas. A proximidade condiciona ao periférico, por razões de necessidade, estabelecer relações de solidariedade, conexões e laços de familiaridade, de coletividade ancestral (SANTOS, 2012) entre as pessoas manejadas a ocuparem tais espaços de ‘abandono’.

O manejo territorial que politicamente promove o deslocamento e o distanciamento dos periféricos às áreas de centralização do capital e dos órgãos de decisão política. Valorar o espaço ocupado, no atual contexto da globalização, significa valorar a organização deste espaço na categoria do território como propriedade.

As políticas de uso e ocupação do espaço territorialmente recortado hoje, respondem à dinâmica do capital, o livre deslocamento de empresas e mercadorias sobre os Estados. Na visão economicista sobre o uso e ocupação do espaço territorializado como vivencio cotidianamente, meus laços de conectividade social adquirem em grande parte uma sobrevalorização das condições de capital e poder de consumo.

O periférico processo lento de seu movimento na conquista de conjuntos técnicos de infraestrutura, meio informacionais e objetos. Aglutinam encontram barreiras, fronteiras físicas, imaginárias, políticas e econômicas, concentra um sentimento dialético de diferenciação e indiferença ante sua realização enquanto pessoa dotada de desejos e aflições vivenciadas num cotidiano pesado. É nesse ambiente conflituoso que Freire e Santos encontram um processo revolucionário em germe.

Figura 4 - leitura do mundo

Fonte: google.com/imagens

Movimento que lentamente atua e inesperadamente toma presença e avança, recua. A lentidão com que o movimento revolucionário toma forma, (des) forma, monta (des) monta, organiza, desorganiza e reorganiza silenciosamente, emerge às profundezas do subterrâneo como nos apresenta Eder Proença (2017).

Ao contrário de muitos de seus contemporâneos tal como o sociólogo polonês Bauman

e o historiador inglês Hobsbawm. Freire e Santos mantém e fortalece em seus escritos a esperança viva de que a transformação deste cotidiano pesado, desigual é possível. Ou melhor, nos trabalhos destes pensadores nordestinos, a práxis revolucionária é um movimento constante.

Freire encontra na educação e na prática pedagógica uma força poderosa que lentamente eclode na surdina, emerge, aparece revelando-se e impactando inesperadamente, aos pobres entorpecidos pela realidade fabulada. Preocupa e levanta os olhares temerosos daqueles que estão a usurpar o poder público. Diante do "problema", a ação tomada pela cúpula dos governos é trata-lo com o uso e o abuso da força militar e pela violência direcionada. Ignorando o diálogo e não cumprindo as propostas e acordos, sejam eles quem for, os "desordeiros", periféricos, mulheres, homens, jovens, estudantes, professores, operários, trabalhadores ...

A contracapa de A natureza do espaço de Milton Santos (2011), originalmente publicado em1996, traz um texto de autoria desconhecida. O autor deste texto atribui à obra como o resultado de um "projeto ambicioso" que o geógrafo persegue desse 1978, quando publica o livro *Por uma geografia nova*[19].

Como descrito no texto em contracapa da obra *A natureza do espaço* (2011), este 'projeto ambicioso' vem em uma escrita sagaz, de suavidade e excitamento. Uma obra literária, sintetiza todo um conjunto de conceitos desenvolvidos pelo geógrafo ao longo de sua produção científica. Parecidamente com o que propõe *Pedagogia da autonomia* de Paulo Freire (1996), onde o educador traduz em uma escrita clara e direta toda uma filosofia da educação, ressaltando o potencial transformador do exercício de uma prática pedagógica autônoma e politicamente engajada na desconstrução do reprodutivismo de uma educação bancária.

Não ouso a dizer que são escritas que confluem em que atentamente completam uma à outra, na compreensão de uma educação geograficamente construída num contexto espacial, no espaço, pelo espaço. Insistem em atiçar minha curiosidade. Enquanto expandem panoramicamente o campo de visão sobre os conjuntos de objetos suas relações com o espaço e as pessoas. Ao passo que estreitam e afunilam o olhar à leitura sobre as pessoas no lugar, inseridos a uma paisagem fluida, metamórfica, transformante.

Esboços do movimento humano desenvolvidos com muito estudo, ignorando opiniões pessimistas de futuro, destacam a inquietude da experiência humana e a capacidade fenomenal de reinventar em si mesma, em novos arranjos espaciais. Por vezes, repetições diferenciadas do

---

[19] Utilizo neste texto a 6ª edição da obra publicaba Editora Edusp: São Paulo, 2004.

movimento humano em cenários remodelados ao processo histórico das sociedades e seus sistemas de organização do espaço.

Na ousadia de situar politicamente uma leitura geográfica do mundo construída pelas margens e trazendo as para o centro da discussão científica, em posicionamentos que não camuflam críticas ácidas ao modelo de sociedade vigente e organização do espaço global em função do capitalismo.

O negativismo opõe à esperança como o conformismo opõe à autonomia. E sim que a autonomia caminha com a criatividade, a prática caminha com a liberdade. Para começar, aproximar a pedagogia libertária de Paulo Freire a geografia crítica de Milton Santos, não requer uma análise profunda de seus escritos. Se escolhermos aleatoriamente dois livros de cada autor, percebemos a atenção científica rigorosamente política e o posicionamento rigorosamente político enquanto intelectuais, cientistas, educadores.

Milton Santos, aponta para a dificuldade de que as pessoas postem a pensar realidade de um modo diferente a ponto de questioná-la, perceber suas fabulações, suas maquinações e virtualidades (SANTOS, 2011). Tomar consciência da realidade que nos apresentam, comporta um cenário volátil, espetacularizado pela grande mídia e virtualizado por sistemas informacionais que mercantilizam tudo o que é real, imagem, som e movimento.

Figurações voláteis do cenário social fundem homem e objeto e quanto mais intensa a fusão, mais afasto à capacidade de pensar de imaginar uma vida social, coletiva, politicamente organizada a partir das relações entre as pessoas e o lugar.

A cultura local e suas multiplicidades, são maneiras de expor e contrapor ás macro políticas hegemônicas oriundas de um processo perverso de globalização. Sendo necessário perceber as marcas na pele, as dores de um corpo cansado, a fragmentação do pensamento coletivo. Assim justifico a redução de meu campo de observação, concentrado em Freire e Santos, encontrando nestes pensadores a coerência epistemológica, convicto de que a politização do educando enquanto cidadão é condição para a construção de uma outra realidade possível.

3.2 Paulo Freire eMilton Santos e o conceito de diacronia

O modelo sistemas de objetos/sistema de ações somente se entende como um modelo espaço temporal.

Milton Santos

A condição humana de ser incompleto, inacabado e finito está em Freire (1967) dimensionalizada no tempo e no espaço onde o homem se reconhece ao ontem, no hoje e amanhã. Reconhecimento de sua espacialidade, culturalidade, na historicidade onde o homem se reconhece na realidade vivenciada e experimentada socialmente. Coletivamente o homem se faz em pluralidade e singularidade temporalizada geograficamente.

Freire (1985) propõe refletir sobre o papel social de educador engajado em seu tempo e suas responsabilidades condicentes com sua prática, sua época, sua cultura. Ciente de que o saber acadêmico não deve ser importo como a verdade ante o conhecimento vivido e experimentado no corpo, com os corpos num espaço-tempo coletivo e ao mesmo tempo pessoal.

A universalização das técnicas, das tecnologias, da produção e dos meios produtivos, universalização do consumo e dos padrões de comportamento, universalização das finanças e dos sistemas financeiros, universalização do capital do capitalismo e da capitalização da natureza e seus recursos (SANTOS, 1998).

Técnicas e tecnologias que operam num tempo informatizado, informacional, mais veloz que o tempo cronológico, mecânico, analógico. O tempo cronológico em descompasso com o tempo analógico e este em descompasso ao tempo da circulação da informação. A velocidade da informação, seus sistemas de códigos, objetos, coisas que funcionam de modo coordenado, conectado em redes multimodais, materializam o tempo.

Materializada em contextos espaço temporais múltiplos, onde os novos modelos produzem novas paisagens que coexistem com outras, anteriores, que diferem em forma e função aos novos cenários que projetam a realidade.

A tomada de consciência da condição social do periférico e a tomada de posição ente as contrariedades. A ação de cada pessoa está inseridamente espacializada, temporalizada historicamente, num processo dinâmico e contínuo de relações sociais que modificam a realidade.

Paulo Freire (1967), defende a ideia que a educação condiz numa busca incessante na constituição do homem inacabado e finito. Dimensionalizada no tempo e no espaço onde o homem se reconhece ao ontem, no hoje e amanhã. Reconhecimento de sua espacialidade, culturalidade, na historicidade onde o homem se reconhece na realidade vivenciada e experimentada socialmente. Coletivamente o homem se faz em pluralidade e singularidade temporalizada geograficamente.

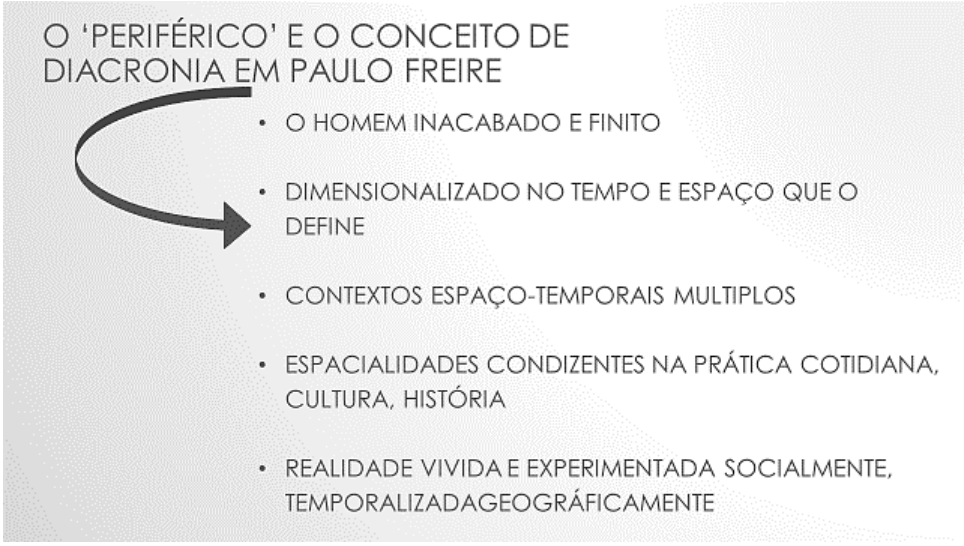
A tomada de consciência das condições sociais e de decisão diante das contradições para Freire (1967;1996), materializam no espaço ações que transpõem por diferentes temporalidades. Em outra leitura, Paulo Freire (1996) disserta sobre a dupla condição temporal

homem, estando ele inacabado e destinado a finitude, ao passo em que vivencia múltiplas realidades, transpondo por dimensionalidades de ser e estar no tempo-espaço das com o mundo vivido. Possíveis e imprevisíveis, o processo de relações sócio espaciais que compartilham mutuamente temporalizações geográficas de cada cultura.

Acontecimentos que dialeticamente transitório, imbricam, convergem, insistem em coexistir, real e virtualmente, imagem e corpo. Milton Santos (1998) conceitua este construto imagético, são miragens aos olhos do periférico, seu movimento lento ante a velocidade dos sistemas multimodais de produção da informação.

A inseparabilidade de tempo e espaço, o que representa um tremendo problema para os geógrafos (idem, p. 54), a dificuldade em lidar com a questão do tempo exige uma leitura multitemporal. Se no caso tempo e espaço são indiferentes enquanto técnica, as codificações do tempo, são também codificações do ritmo de operacionalidade espaço, onde o tempo é registrado dentro do contexto social e natural em que o espaço é produzido.

Figura 5 - Periférico e o conceito de Diacronia de Paulo Freire



Fonte: google.com/imagens

É neste contexto que Milton Santos (2011, p. 159-163) relaciona a volatilidade das técnicas produtivas aos diversos níveis de deslocamentos espaço temporais, que ofusca e embaralha, nossa capacidade de percepção da realidade. A este deslocamento espaço temporal, o geógrafo baiano desenvolve o conceito de diacronia para pensar sobre a relação tempo/objeto -mundo/lugar como categoria de análise para pensar o espaço vivido no cotidiano, constantemente em processo de reconstrução.

Em Santos M. (2011, p. 42-43) a estrutura espacial, que como vimos anteriormente é construída sobre elementos fixos, fluxos, redes e sistemas. Os fixos, estruturas físicas territorialmente instaladas no contexto de sua funcionalidade no tempo e espaço técnico em que foram projetados. O descompasso entre a solidez dos fixos e o movimento freneticamente acelerado dos fluxos exige a redefinição constante da estrutura, produzindo o que classificou como rugosidades.

Heranças físico-territoriais, sócio territoriais e sócio geográficas que exprime a realidade do espaço em que se encaixaram existencialmente, permitindo distinguir o processo histórico em que foram implantadas.

As rugas atrapalham a difusão e aceitação aos novos cenários espaciais o que condiz a uma fisionomia tecnomorfológica incompleta. Planejadamente desigual ou pela formação de resistências dispostas em estruturas físicas ou heranças culturais. A técnica não compreende apenas mecanismos sócio tecnológicos, mas registram na paisagem histórica sensível à memória, elementos culturais resistentes ao tempo. Geograficamente marcam na paisagem a história coletiva do cotidiano vivido.

A universalização dos conjuntos técnicos de produção e consumo dos padrões de comportamento, das finanças e dos sistemas financeiros, do capital, do capitalismo e da capitalização da natureza (SANTOS, 1998). Operando por movimentos cada vez mais velozes e imperceptíveis num tempo informatizado, informacional. Ao passo que a informacionalização das técnicas torna o vetor principal da globalização, a informação capitalizada é produzida e distribuída em desigualdade. Tanto entre as pessoas, quanto às empresas ou entre os Estados. O controle e o acesso à informação, constitui a base dos conflitos contemporâneos ao passo que dá vantagem a aqueles que mais rapidamente dela se apropriam, numa informacionalização e do tempo global.

O tempo cronológico prossegue em descompasso com o tempo analógico e este em descompasso ao tempo informacionalizado. A velocidade da informação, seus sistemas de códigos, objetos, coisas que funcionam de modo coordenado, conectado em redes multimodais, materializam o tempo em contextos múltiplos. Produzem novas paisagens que coexistem umas às outras, diferem e integram em forma e função aos novos cenários que projetam desta maneira uma realidade caótica.

Quando a ação humana procede em uma intensa busca em estabelecer sincronias com os objetos, alinhados às normatizações e aos eventos culturais universalmente globalizantes. Virtualidades processadas entorno do centro dinâmico do capitalismo, seu dinamismo e volatilidade inferem homogeneidades que conflitam e coexistem com os mais diferentes ritos e

expressões culturais endêmicas a cada lugar e sua espacialidade.

A relação dialética local-global, endêmica-hegemônica, podemos identificar um movimento asincrônico por fatores diversos:

1. O movimento planetário supõe a redistribuição frequente dos eventos, materiais ou não, sempre redistribuindo e (re) geografando, continuamente a cada momento, a unidade do mundo produzindo a diversidade dos lugares.

2. Em cada lugar sistemas sucessivos distinguem períodos diferentes, ao passo que um lugar e seus objetos valoram outros desvalorizam. Inferindo na velocidade da vida social e sua relação com o meio. Logo, em alguns lugares objetos e ações produzem eventos diferentes conforme os diversos atores e a maneira como lidam com o tempo e o espaço da produção social e da produção para o capital.

3. A vida social em suas diferenças e regimes de hierarquia produzem tempo sociais diferentes, não há nenhum espaço em que o tempo seja idêntico para todos, no entanto as fabulações midiáticas procuram projetar subjetivações homogêneas de modo a favorecer a inserção de sistemas produtivos e objetos e escala planetária.

4. A velocidade com que os objetos valoram e desvaloram, valoriza e desvaloriza o lugar e as pessoas ante a remodelação dos contextos subjetivos de representação social e também pela asincronidade entre os espaços e suas estruturas informacionais. Que distribuídas em rede planetária, projetam representações sociais exógenas as diferentes lugares e culturas.

5. Dentro do modelo teórico proposto por Milton Santos (2011, p. 359) os conjuntos técnicos e as tecnologias informacionais são implantadas de maneira desigual entre os diferentes espaços, fazendo das periferias pobres, espaços da lentidão onde habitam os homens lentos em contraste com as periferias ricas e centralidades, espaços da velocidade dos homens rápidos.

6. As representações sociais valoradas em torno do objeto, condicionam remodelamentos incessantes à paisagem. Os homens lentos, pelo fato da dificuldade de deslocamento e pelo tempo com que permanecem com os objetos. A lentidão permite uma aproximação mais intima com o lugar, com as pessoas e o meio, criando espaços de emoção. Nos espaços velozes o tempo das pessoas com os objetos tendem a ser fugazes, transportando este comportamento ao outro, criando espaços da razão.

Os pontos que destacamos acima estão embasados em Milton Santos, e neste texto, a diacronia tem um papel importante na fundamentação teórica que buscamos relacionar com o concito de conflito. Utilizo o termo asincronia ao tratar das diferentes formas de sentir e experimentar o tempo. Já com o conceito de diacronia vem a representar o deslocamento

temporal entre as pessoas e os diferentes lugares.

O controle mecânico do tempo estabelecido ante o tempo biológico do corpo, não se dá somente pelo movimento do relógio ou do tempo da produção, mas também no tempo de vida das pessoas, tempo que tem para viver, tempo de permanência e de movimento. As destemporalidades podem resultar na desorientação de nossa capacidade de inserção o meio e com os outros.

Sistemas de produção e difusão dos meios de comunicação a reproduzir um mundo como nos fazem ver, a globalização como em meio ao contexto de uma realizada vivida de sentida entre ser ao mesmo tempo plural e coletivo.

A aproximação entre as diferenças a princípio comportam situações de conflito e procuram a defender seus pontos de vista, características dos objetivos e meios de ação. Milton Santos (2011) aborda sobre o poder da proximidade entre as pessoas, que reportando ao sociólogo alemão Georg Simmel (2005; 2010), vivenciando entre situações de conflito e sociação, constroem laços de pertencimento, fortalecendo a união e a coletividade.

Neste contexto, o cotidiano intenso vivenciado pelas pessoas em condições de pobreza é também a condição para a construção de uma outra política, oriunda de um olhar periférico de ler e interpretar a realidade a partir do mudo que os cerca.

Mesmo que as fabulações midiáticas projetem sobre o tecido social realidades enganosas é no cotidiano das periferias pobres que a humanidade escapa à hominização racionalizada pelo modelo tecnicista, que gradativamente nos distancia, nos afasta, nos desencontra.

Os pares aglutinam e cada qual agrupamento expõe seu modo de entendimento e ação sobre a situação que os reúne. No processo sociativo as diferenças completam uma a outra, a ação do coletivo não segue um padrão único de ação e organização. A sociação propicia a fluidez da autonomia (des) regrada, (des) formada. A fluidificação da ação coletiva engana a ação da estrutura fixa e seus ordenamentos previsíveis.

O conflito sócio espacial dialeticamente vem a ser o fenômeno intrínseco ao modo com o qual opera o grande capital e a desigualdade extrema, o que desenvolve entre as nações do mundo desenvolvido e o subdesenvolvido Tanto e Bauman (2008; 20012), Souza Santos (1996), Hobsbawm (2005) entre outros, conflito vem a ser o fenômeno intrínseco ao modo com o qual opera o grande capital e a desigualdade extrema entre as nações do mundo desenvolvido e o subdesenvolvido. Em Ianni (1997), o processo de globalização que propicia ao grande capital a apropriação dos mais diversos elementos e setores produtivos, negócios e serviços em escala global.

O controle do movimento humano em rede planetária reduzido a grupos de acionistas e corporações industriais, que processam e centralizam informações, que são mapeadas por gigantescos bancos de dados.

Sistemas informacionais operados por máquinas, que processam dados estatísticos em milhares de possibilidades de lucro por múltiplos setores de produção e serviços. Os investimentos em mercados futuros desenham uma rede de conexões entre as ações oriundas do setor privado e estatal. O capital privado exige que a instância política na qual pretende fixar sua unidade produtiva, comporte a responsabilidade de custear grande parte da implantação dos conjuntos de infraestrutura que cada unidade necessita.

A tomada de decisão sobre os fundos de investimento e mercado de ações baseados unicamente ou principalmente em codificações binárias do movimento coletivo, calculadas por sistemas de informação. Decisões que, analisadas em escala global podem ser representadas em pequenos pontos vermelhos em um planisfério, nada mais localizações estrategicamente calculadas por sobreposição de mapas.

Os sistemas de codificação binária cruzam as informações do movimento humano, privado e ou em coletivo. Todo o espaço, paisagem ou lugar, pode ser desmaterializado e codificado binariamente em mercadoria. As tecnologias da informação, sobrepõe um conjunto de codificações sobre o movimento das pessoas traçado um perímetro de alcance do corpo ao conjunto de mercadorias, físicas ou não físicas.

A leitura do movimento de uma pessoa pelo espaço, desenha um padrão de consumo que pode ser traçado sistematicamente e organizado a aproximar determinados conjuntos de objetos possíveis à sua classe social e poder de compra. Estes conjuntos tomam parte do cenário de uma realidade fabulada ao mundo do consumo, codificado informacionalmente ao padrão do movimento humano, meticulosamente.

Em uma publicação da revista *Superinteressante*[20], março de 2010, me chamou a atenção uma matéria intitulada *Seu cartão sabe tudo* a respeito do sistema de codificação e decodificação do movimento humano. A matéria trazia um caso ocorrido nos Estados Unidos o qual narro conforme a memória de minha leitura.

> *Um homem que vivia no sul dos Estados Unidos, que ao atender um telefonema de uma rede de supermercados ofertando um 'mega' desconto para a compra de*

[20]A revista Superinteressante é uma publicação mensal de ampla circulação que reporta temas diversificados de interesse científico em uma linguagem simplificada direcionada ao público juvenil.Apresenta excelentes infográficos e belos trabalhos de ilustração. Apesar de superficial, possui textos são bons para serem garimpados em sala de aula. A passagem que reporto em meu texto é extraída da matéria *Seu cartão sabe tudo*, caderno *Comportamento*. Edição de número 256, publicada em março de 2010.

> *produtos para bebês. O operador de televendas insistente questiona afirmativamente residir uma gestante em sua casa.*
> *O homem irritado sai de sua casa com 'mangas erguidas' e dirige à uma das unidades físicas da rede de lojas que o telefonou. Em razão da ultrajante difamação, calúnia e desrespeito moral de mercado sem ética, que invade a privacidade do homem em seu dia de descanso. Pensou o homem no processo que aplicaria à empresa pois, não havia nenhuma pessoa gestante morando em sua residência.*
> *Mas havia um detalhe, o homem tinha uma filha que acabara de entrar para a universidade e durante o período de aulas, dividia o quarto da república da universidade com outra estudante. Só retornava para casa durante as férias junto ao pai que a cuidou sozinho desde o falecimento mãe, quando a menina tinha apenas cinco anos. Por isso, a ideia de que sua filha poderia estar grávida não lhe cabia, pois se ela estivesse gestante, certamente o contaria. As ligações do operador de televendas a serviço da rede de lojas o ofendia, como também a sua filha.*
> *O homem sai de casa, entra em seu carro e segue para a loja mais próxima da rede de supermercados que julgou telo insultado. Porém no percurso o homem encosta o veículo e telefona para a filha, explica a ela o acontecido. Pede sinceridade quando a perguntou de uma possível gravidez, ela confirma.*
> *Segundo a matéria a rede de lojas não apenas continham informações de deduzira à gravidez da universitária, mas que estava ela numa gestação de três meses, e que provavelmente de um menino.*

A estudante ocultou sua gravidez inesperada que pôde passar despercebida a amigos e familiares bem próximos, mas não à rede de lojas. Como?

Enquanto passava as férias em casa utilizou o cartão de crédito do pai para fazer compras. A informacionalização do movimento de consumo das pessoas. Cruzando os dados dos produtos que comprou e o entretempo entre novas compras, os estabelecimentos que procurou, que frequentou, produtos preferenciais, os períodos em que realiza determinadas compras. Os alimentos que consome, o preço, a escolha das marcas pela qual optou. Estas informações constroem um mapa codificado do movimento das pessoas. A decodificação realizada por meio de softwares e hardwares que processam algoritmos capazes de aprenderem e anteciparem a leitura do movimento de uma pessoa.

Este mecanismo traduziu não somente que a jovem estava esperando um bebê, mas também sua idade, período de gestação da criança e o possível gênero, que após algumas semanas revelou um menino. Novamente pergunto, como o fazem?

A internet é controlada pela empresa estadunidense californiana ICANN - Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (Corporação para Registros de Nomes e Números da Internet). Esta empresa administra os nomes de domínio de dotas as pessoas, empresas, governos. Desde novembro de 1998, essa empresa está sob a tutela do Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

Em março de 2014, a estadunidense Karen Hudes, executiva do Banco Mundial por

mais de 20 anos[21], em entrevista a um canal de notícia estadunidense, relata a ação de um pequeno grupo de *entidades* que podem e exercem controle sobre o mercado em escala planetária.

O que não é surpresa para leitores de Milton Santos, Hobsbawm ou para quem leu o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels de 1847. Onde hiperconcentração do capital nas mãos de uma pequena parcela da humanidade que por sinal, teria o poder de influir sobre o 'destino' de bilhões. A polêmica no depoimento de Hudes está no fato de afirmar a existência de megacorporações administradas por um grupo fechado de executivos que se organizam em uma única entidade a qual denomina como Bank for International Settlements (Banco de Pagamentos Internacionais).

Como comenta na entrevista, esta entidade 'secreta' controla 90% do comercio e produção no planeta. Embora quase ninguém saída da existência, este 'banco' é uma organização de extrema importância, imune às leis de qualquer país. Descreve Hudes[22]

> Uma organização internacional imensamente poderosa do qual a maioria nem sequer ouviu falar, secretamente controla a produção de dinheiro em todo o mundo. É chamado o Banco de Pagamentos Internacionais, e é o banco central dos bancos centrais. Ele está localizado em Basel, Suíça, mas tem filiais em Hong Kong e na Cidade do México. É essencialmente um banco central do mundo, não eleito, que tem imunidade completa de impostos e leis internacionais [...] 58 bancos centrais em todo o mundo pertencem ao Bank for International Settlements , que, de longe exerce mais poder na economia dos EUA, do que qualquer partido ou político. A cada dois meses, os banqueiros centrais se reúnem em Basel para mais um encontro da economia global. Durante estas reuniões, se tomam as decisões que afetam cada homem, mulher e criança no planeta, e nenhum de nós tem qualquer palavrar a dizer no que é decidido ali.

Karen publicou vídeos em web sites narrando sua história por canais de reportagem seus relatos ganharam grande circulação, enquanto outras pessoas que compartilharam de seus depoimentos. O 'ruído' tomou tamanho 'barulho' que incomodou, e a grande mídia tratou de mudar o cenário da história. Ao participar de um programa na televisão estadunidense Karen usou uma analogia ao referir à elite da elite como "pessoas não são humanas", que "não vivem neste mundo" e "usufruem de poderes além de nossa condição humana".

Uma sequência de reportagens, matérias, vídeos, divulgados em grade escala pela grande mídia distorceu a analogia da executiva a ideia de que estamos sendo controlados por alienígenas. Hudes responde que já era esperado que ocorresse algo assim e estranhamente seria

---

[21]Conforme a reportagem do canalThe Nex News Network o jornal on-line independente, editado nos Estados Unidos. A entrevista que aqui reportamos está disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=ELVe5Cq8sZo>. Acesso: 18 de jan. 2019.

[22] Trecho da entrevista de Karen Hudes ao The Nex News Network (*idem*, 2014). Tradução minha.

diferente, pois diz ela que apenas 6 empresas controlam o fluxo da informação global e todas pertencem ao Bank for International Settlements.

Diante da grande circulação de conteúdos on-line a respeito da entidade financeira identificada como Bank for International Settlements, dois pesquisadores da área financeira, um suíço, outro italiano, ligados à Universidade de Zurique na Suíça, utilizaram de programas inteligentes tal aqueles nos codificam de maneira invertida. Os programas recolheram uma grande quantidade de informações que os pesquisadores codificaram por meio de algoritmos, levados pela curiosidade de que Hudes pudesse não estar apenas atrás de ‘ cinco minutos de fama’.

Vitali e Battiston, da Universidade de Zurique (2014, p. 13) concluem que

> A rede corporativa global é obtida a partir de um grande banco de dados, informações corporativas com um procedimento de bola de neve que parte de uma lista de cerca de 43 mil corporações transnacionais que explora toda a propriedade de entrada e saída relações construindo uma rede de cerca de 600 mil entidades. Mas que aos investigarmos, suas movimentações os leva a concluir que estas corporações estão concentradas em 147 entidades. Encontramos uma organização pronunciada em comunidades que não pode ser explicado pela aleatoriedade. Além disso, descobrimos que a maioria comunidades são caracterizadas por um país dominante, no sentido de que a fração de empresas pertencentes a esse país não é somente a maioria (relativa), mas se a nacionalidade fosse distribuída aleatoriamente entre as empresas, a caracterização em termos de setores é significativa, mas menos pronunciada do que a dos países. Portanto, concluímos que a rede corporativa global é fortemente agrupada nas comunidades, onde a geografia é o principal driver enquanto o setor não é tão importante. concluímos que a rede corporativa global é fortemente agrupada nas comunidades, onde a geografia é o principal driver enquanto o setor não é tão importante.

Os pesquisadores de Zurique que escrevem o artigo citado, usam o termo comunidade para classificar o modelo de organização das corporações globais pautados em fatores geográficos como determinantes no processo de aquisição de empresas e localização de investimentos.

O fator da proximidade entre as empresas cruzadas com dados minuciosos do movimento humano, permitem traçarem um perímetro de controle econômico multisetorial e assim o fazem, monopolizando o sistema produtivo e financeiro em escala planetária. Territorializando e desterritorializando todos os tipos de fluxos em redes multimodais em estruturas fixas capazes de deslocamento, organizando e reorganizando a geografia das relações humano-ambientais ao interesse exclusivo de grupos financeiros organizados em produzir nosso modelo de vida e sociedade.

Os objetos, ações quantos informações necessárias à realização da ação, são instrumentalizadas em sistemas de conexões multimidiáticas e multimodais com os quais nos

identificamos, porém a movimento é necessário. Os novos objetos em seu percurso desterritorializam e reterritorializando nossa percepção do espaço, logo induz ao corpo novos deslocamentos. Não somente um deslocamento geográfico do corpo, as um deslocamento dos elementos de identificação com o espaço para um espaço virtual às quais são dirigidas todo um discurso sobre as maravilhas da conectividade global.

Linhas de redes projetadas e organizadas de modo a desconectar as pessoas de um convívio coletivo, o que Bauman (2007) explicita com a expressão "conexão global, desconexão local". O sociólogo polonês em sua expressão impactante, traz para o contexto atual o que Guy Debord (1997) já anunciara em *A sociedade do espetáculo* de 1967. Debord discorre nesta obra uma série de eventos que nos cai atual, o distanciamento social, a virtualização das relações humanas intermediadas por objetos, pelas mercadorias, pelas imagens e outras subjetivações.

Um corredor do tempo. O periférico sai bem cedo de sua casa, ainda é escuro, rua de terra e matagal, dobra a direta, chega ao ponto de ônibus. A rua é asfaltada e bem iluminada a setenta metros de sua casa.

Do ônibus olha a paisagem do território que distancia o periférico dos centros de decisão, dá a ele possibilidade de autonomia trajeto. Lê um espaço em construção, constante, lento, mas constante. A organização sobre o uso e ocupação do solo. A paisagem periférica é transforma e imprevisível.

O periférico percorreu aquele caminho desde sempre, o trajeto da linha de ônibus ainda é a mesma desde sua primeira viagem de ônibus, e percebe o muro ontem a tijolo exposto, foi rebocada, a garagem de uma casa agora lanchonete.

Uma produção lenta, mas dinamicamente sensível ao periférico que conhece, que sabe ler as paisagens daquele trajeto com atenção peculiar.

Há um ditado popular que diz "o pobre não ocupa uma casa, ele mora na obra", quando ergue o baldrame coberto direto na telha ou laje, lhe falta o telhado, em seguida reboca a faixa da frente. Mais adiante as paredes dos fundos. Feito isso, a frente já necessita de reformas no portão, aproveita-se e faz a garagem, depois cobre o quintal de terra com contra piso. O padrão de construção das casas, das dimensões da paisagem é sempre um processo dinâmico, lento, mas em constante transformação.

A condição de dominação é a condição para a indignação e tomada de consciência de que outra realidade é possível. Para Freire vê na educação um processo singular de ação, possível através de uma prática pedagógica na sensibilidade o educador que enxerga em seu ofício o poder de agir contra este sistema excludente, voraz, insaciável e predatório, que segue

erradicando, exterminando, reduzindo e alienando a capacidade de organização e politização dos oprimidos.

O geógrafo Milton Santos (2011) propõe o espaço como um sistema de ações e sistemas de objetos. O ser no espaço, o ser do espaço, o ser espaço, uma identidade espacial materializada em uma ideia, a mentalização de nós no espaço e do espaço em nós. A materialização do homem sob a égide do processo de hominização da natureza acarretou a criação de espaços produzidos por e por meio da cultura.

Atualmente vivemos em um modelo de sociedade que procura deslocar as relações humanas forjadas na coletividade entre os homens, para uma relação cada vez mais mediada pelos objetos. Que passam a atribuir-nos em classificações temporais que o geógrafo baiano denomina de tempos rápidos e tempos lentos.

Homens lentos, que experimentam a existência ao alcance daquilo que lhe parece inalcançável, o periférico, onde o tempo experimenta uma mistura do concreto e abstrato, o mundo vivido e o mundo telemático, corporal, comportamental, subjetivo e superficial à fábula do espetáculo. Aproxima o desejo distante do momento instantâneo.

Assim são os homens lentos, transições ente luz e escuridão. Imagens luminosas de um futuro possível na penumbra daquilo que pode vir a ser. Homens cinzas, habitantes dois dos lugares opacos. Penumbras de fundo de cenários fabulados em imagens luminosas de uma realidade sócio espacial que o periférico não reconhece como seu cotidiano e questiona, mesmo que subconscientemente sua condição sócio espacial. Nos lugares mais profundos deste cenário, a revolta é um sentimento comum aos periféricos e de repente, inevitavelmente este sentimento toma a ação reagente às fabulações (SANTOS, 2011).

Milton Santos (2001; 2008; 2011) desenvolve um conceito de análise do espaço como produto do desenvolvimento técnico, onde as evoluções técnicas projetam um outro mundo, processam e materializam um conjunto de objetos e objetivações. Construindo a história produzindo o espaço.

Ao atentar à técnica no defende o geógrafo baiano, podemos perceber a relação com a filosofia freireana de pensar a educação e a prática educativa. Minha história, a realidade como a compreende, são construtos de minha relação especializada às conjunturas, sociais, econômicas, geográficas.

Freire desenvolve a proposta de que a educação só se é verdadeira se estiver posta em prática dentro do período histórico e do contexto sócio espacial do educando. As práticas educativas precisam estar diante, a encarar o período histórico atual ao mesmo tempo estar adiante dele, projetar o espaço do vir a ser, ao que Santos (2011) atribui como o plano em que

realidades possíveis estão a acontecer, sendo a materialidade espacial um produto do pensamento, do raciocínio, das emoções humanas.

O escritor nova-iorquino e ativista James Baldwin, teceu a frase “a liberdade não é uma coisa que pode ser dada a todo mundo, é algo que se busca. As pessoas são tão livres quanto querem ser”. A frase de Baldwin me remeta à Paulo Freire (2000) apresenta que liberdade é senão o exercício que dá sentido ao homem enquanto ser social em um contexto coletivo. A liberdade não é um sonho ao vazio, é uma ação essencialmente espacial, especializada, sentida coletivamente pelo sujeito inserido no mundo do conjunto de pluralidades, onde se é possível encontrar a singularidade.

Os períodos técnicos propostos por Santos derivam dos meios pelos quais o homem produz e projeta espaço. Técnico, enquanto vivido e desenvolvido na arte, artifícios da conexão entre o pensamento, o objeto e a ação. Científico, enquanto o vivido passa a ser conectável ao artifício da ação mediada ao objeto, projetado à ideia de racionalização do espaço. Informacional, enquanto a informação sobrepõe à ação ao objeto e seus artifícios em múltiplas conexões, velozes, precedem o pensamento.

Neste os objetos tecnicamente informacionalizados, cada vez mais integrados, virtualiza e distancia cada vez mais os homens, que passam a tomar a relação com o outro mediada pelo objeto. A informação deixa de ser produto e apresenta-se como o vetor fundamental do processo social e os territórios são desse modo, equipados para facilitar sua circulação (SANTOS, 2011).

Os equipamentos são anexados aos territórios estabelecendo sistemas que atuam de maneira ordenada em espaços em que o meio natural se encontre subjugada pela técnica. A técnica subjugada à ciência e a ciência subjugada ao mercado que busca criar condições para uma expansão global. A globalização impõe a universalização das técnicas, das tecnologias, da produção e dos meios produtivos e padrões de comportamento (SANTOS, 1997). O consumo passa a ser o “grande fundamentalismo”. As empresas globais, “não possuem responsabilidade ética, não possuem responsabilidade moral sobretudo. E é por isso que acabam por desordenar os territórios” (SANTOS, 2006).

A universalização das técnicas, ocorre via projetos de expansão de sistemas de redes, mecanismos informacionalizados funcionando de maneira integrada, nos mais diversos setores produtivos. O capital informacional é capaz de atuar em escala global, de informação em escala global, por tendências mil, programas desenham uma cartografia do movimento humano. A codificação e decodificação do movimento humano, fornecem dados em escala local, as localidades são enfim codificações binárias, traduzidas em linguagem cartográfica expõem os

pontos de investimento e previsibilidade do lucro.

Os dados existem, os programas apontam investimentos de menor risco e maior valorização, estes conjuntos de informação tomam o curso de decisões de políticas globais exacerbadamente centralizadas em um número cada vez menor de corporações. Estas corporações são fluidas, fugazes e voláteis. Deslocam unidades produtivas tão facilmente quanto deslocam o capital sobre as fronteiras.

Levando em conta a multipluralidade humana nas mais diversificadas espacializações, o projeto global de universalização dá-se por processos violentos, desterritorializantes, desconectividade com os conjuntos de saberes necessários à vida coletiva.

O mundo universalizado inversa ao mundo pluralizado, inversa à coletividade territorial, produzido por meio da virtualidade a experimentação. Um multiverso é produzido, imbricantemente a um movimento espacial universalizante, que conecta o mundo-homem ao home mundo. Uma dualidade metabólica.

A dos meios de comunicação enriquecidas no cotidiano sócio espacial, propõe uma condição para a ação onde a localidade opões à globalidade, mas dialeticamente se confunde com ela em eixos de sucessões. A proximidade com o lugar transmite eixos de tempos dialéticos. Tempos externos e tempos internos.

Em Santos (2011) o espaço é composto de fixos e fluxos. Os fixos correspondem às estruturas físicas por onde circulam os fluxos. Os fixos organizam e direcionam os fluxos, por meio de redes controladas por sistemas de objetos e sistemas de ações. A ausência dos conjuntos materiais que caracterizam o urbano é a condição material com a qual o periférico desenvolve uma percepção mais aguçada da realidade, as maquinações do sistema e compreender o funcionamento da máquina e criar espaços de participação política.

3.3 O olhar periférico dosobre mundo que não o vê

A última década do século XX já antecipara a multipolaridade econômica, engenharia genética, nano e biotecnologias ... todas vinculadas às infinitas possibilidades de conexões com os sistemas eletrônicos informatizados. Globalização, pós modernidade, neoliberalismo. Palavras que cobriram um amplo espaço na filosofia e ciências humanas.

Debates que envolvem a história das civilizações e o ‘fim da história’. Olhares gélidos sobre a experiência humana e à vida humana em sociedade. Apontando para um colapso da civilização. A miséria, a fome, a sede, a xenofobia, a hiperconcentração da economia continua

a fazer parte do cotidiano global. Tristes pinturas do primeiro cinquentenário do terceiro milênio. Amor, felicidade, desejo, paixão, dor, medo, sentimentos e emoções virtualizadas em objetos fabricáveis, vendáveis, compráveis, descartáveis.

O homem convertido a um objeto, a ser modelado – o objeto convertido no sujeito, a ser usado, porém ao passo que os objetos caem na obsolescência, obsoletos tornam também aqueles que ainda os usam.

A informacionalização do ‘mundo máquina ‘em sua velocidade deleta mecanismos desatualizados. Atrasados, lentos, descartáveis, imensas legiões de seres humanos, peças que por todos os continentes sobrevivem sobreviver ao esquecimento social, à intolerância étnica, às diversas formas de trabalhos insalubres que adoece, aleija e mata. Comunidades inteiras forçadas a abandonar os lugares onde por séculos construíram seus sistemas coletivos de organização social integrada ao meio.

Leituras críticas de mundos que não passam despercebidos por Paulo Freire e Milton Santos, porém, estes pensadores ousam a atentar a uma proposta positiva do desenvolvimento humano em natureza e sociedade. Lituras que nos põe a pensar um outro mundo possível, uma outra globalização.

O discurso que sustenta a virtualidade, repetitivamente, compõe o que Milton Santos (2010; 2011) denomina como verticalidade. Conceito no qual o geógrafo apresenta certas características do processo de universalização das técnicas e a construção de uma política global orquestrada pelas grandes empresas (SANTOS, 1998; 2006).

Verticalidades, o mundo da técnica invasora adjunta ao capital tecnológico em diferentes usualidades do tempo social, fragmentando tecnicamente o espaço social, materializando formas diversas de paisagens descontínuas. A distribuição especializada do capital produz desterritorialidades em espaços contra hegemônicos. Espaços da irracionalidade e contra racionalidade. De fato, o próprio movimento desordenado do capital impõe cegamente seus próprios limites, divergentes e convergentes, ao mesmo tempo.

A racionalidade incompleta e o discurso vertical enganoso, produzem a escassez localizada. Dialeticamente a verticalidade estabelece limites à racionalidade, abrindo espaços de diálogos horizontais, laços de proximidade e coletividade, condições e meios de relacionamento das pessoas em seus espaços de vivência. Atribuindo particularidades aos lugares, significatividades e ressignificatividades do plano vivido.

O movimento vertical estruturante, propõe ao Estado a ação de políticas interno-externas flexíveis ao capital e ao mercado global. Os pontos de coxão e redes de zoneamento do espaço racional e seus desenhos pontuais em redes de conectividade informacional. Projetam

zoneamentos territoriais cartograficamente planificados a desenhar, direcionar e limitar o movimento humano, restringindo o periférico. Os zoneamentos e regionalizações predefinem a ocupação humano em torno de espaços de concentração econômica, linhas, formas e elementos imbricantes de dimensões planificadas. Materializando sistematicamente as condições e formas de uso e ocupação do espaço à valorização do capital, especificando, especializando e pontuando conexões. Tecem as linhas de distribuição que limitam a própria verticalidade o território.

Antecipada por estatísticas, a verticalidade centralizada, mecânica, da funcionalidade e a projeção de meios técnicos, organizam as redes intuindo controlar o fluxo de mercadorias e pessoas. Em suas limitações, a verticalidade conduz à horizontalidade. À ação coletiva, lenta, laços de proximidade e pertencimento com o lugar. Transitantes entre o lugar e o mundo, o lugar no mundo e o sujeito no lugar, simbiosidades entre o mundo vivido e sentido, ao espaço usado e assistido (SANTOS, 2011).

A distância entre as localidades e as centralidades, afasta, ofusca, cega também o periférico perante o poder. Em sua territorialidade zoneada, a lentidão do movimento do periférico dificulta a visualização dos processos hegemônicos e universalizantes, diante da velocidade com que operam as verticalidades. A lentidão do periférico ao movimento vertical, ofusca a visualização do movimento vertical, porém não a esconde, ao contrário disso, proporciona também aberturas no espaço e tempo. Os zoneamentos verticais e sua volatilidade causam estranheza ao lugar. Não constituem vínculos reais com o lugar, atravessando pelos espaços lentos como miragens e o periférico percebe a ilusão, pelo olhar periférico.

3.4 Paulo Freire e Milton Santos: leitura do mundo, leitura do espaço

A leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Paulo Freire

Cada lugar é à sua maneira, o mundo.

Milton Santos

O conceito de *Leitura do mundo* desenvolvido por Paulo Freire (1982; 1994; 1998) é um pensamento geopolítico. Onde o ato educacional, é senão uma ação estratégica dimensionalidade em uma escala local.

A educação escolarizada é atualmente um grande e lucrativo mercado de ações, onde empresas privadas vão ocupando os cargos de funcionários públicos numa em escala mundial do sistema, metodologia e pedagogias de ensino e suas formulações a partir do mundo vivenciado pelo educador e pelo educando. A leitura da palavra como leitura crítica da realidade, onde dizer a palavra é pronunciar o mundo. Ler o mundo significa a ler a realidade, o espaço e suas múltiplas linguagens. Logo, a necessidade de compreensão do conceito de espaço.

Em Santos (2011, p. 55-56), o espaço é apresentado como o terreno das operações individuais e coletivas que compõe a realidade percebida. O Espaço se impõe por meio dos conjuntos de objetos técnicos sistematizados em um terreno de ações objetivas, mas subordinadas a uma avaliação subjetiva. Neste contexto tempo, espaço, mundo, são realizações históricas que ganham significados nos objetos e seus sistemas de ações. Os instrumentos de trabalho são tanto ou mais importantes que o estudo dos modos de produção para uma análise geográfica do espaço, pois cada época supõe um conjunto historicamente produzido. Porém o autor alerta ao risco de análise da técnica em si, pois estão estas definidas e redefinidas a partir dos diferentes lugares e suas temporalidades. Podemos entender aqui que a leitura do mundo é senão a leitura do lugar, sendo este o espaço intermediário entre indivíduo e a individualidade, o mundo e a localidade. O lugar é, à sua maneira, o mundo (SANTOS, 2011, p. 314).

A questão do espaço na categoria de lugar aparece em Freire (1998, p. 154) quando indaga “como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno social e geográfico dos educandos? ” Esta questão traz à tona a dimensão humana, histórico e social do processo de alfabetização e aprendizagem. A educação como forma de intervenção no mundo a partir lugar e seus vínculos (idem).

O mundo contemporâneo em Freire (1998) vê-se em meio ao processo de uma globalização que promove a perversão das ciências à serviço da economia capitalista, esvaziando a escola de seu caráter humanista em razão do mercado. Implanta-se um modelo educacional que patrocina o treino técnico do operariado e a formação do cidadão trabalhador.

Santos (2012), acrescenta que o processo de globalização organizado pelas vias do neoliberalismo submeteu a condição do cidadão trabalhador pela condição de consumidor e o consumidor reduzido à condição de usuário. A saber pela via da escolarização engendrada no aparelho produtivo, promove o adestramento de uma população desprovida de meios de análise crítica de sua própria condição. Neste contexto, ler o mundo significa decodificar a realidade aparente e reescrevê-la a partir da ideia de futuro.

O processo de alfabetização em Freire (1997)[23] é uma constante busca pela superação da ignorância e da superstição, da consciência ingênua a uma consciência crítica. Freire (1967), quando defende a conscientização das classes populares como radicalização política enfatiza uma ação pedagógica que busque raízes no que é popular, dialogando com os múltiplos saberes de uma educação comprometida com a transformação a partir da ação política e a ação política como o ato de ensinar.

A potência deste pensamento nos remete a educação política como uma educação cidadã (FREIRE, 2001). Em Santos (2012, p. 150-151), "cidadania sem dúvida se aprende" enquanto lei, logo enquanto direito, enquanto política. Tal concepção geográfica de ensino põe em conflito a cultura popular, 'selvagem' e irracional sobre a cultura de massas proveniente de uma sociedade alienante.

As classes populares são radicais, pois encarnam as raízes de uma sociedade que, no caso brasileiro, foi construída a partir do genocídio ameríndio e a escravidão de africanos e descendentes. É com os pobres e em razão destes que Freire toma partido conversando diretamente com o mundo no qual está inserido o educando.

O espaço vivenciado cotidianamente e sua gama de ralações sociais são as bases para um ensinar que reconhece o valor de cada cultura. Ensinar o mundo a partir do lugar via uma concepção esteticamente política. A pedagogia na proposta freireana pretende ser/estar impregnada pelo lugar e toda sua "força".

Milton Santos (2011, p. 58) nos convida a olhar para a periferia como um poder vantajoso de ação política, de relações horizontais onde ainda persiste a solidariedade. São os pobres na cidade quem conseguem escapar, mais facilmente, da feitiçaria ilusionista propagandeada pela globalização "ainda mesmo quando não o saibam". Possuem condições de olhar mais fixamente para o futuro.

O lugar é nosso ponto de referência com o mundo, de relações de poder, mas também de paixões responsáveis pelas manifestações de espontaneidade e criatividade, o lugar é a possibilidade do encontro com o outro. O exercício da leitura do mundo a partir do lugar dá ao espaço pedagógico um destaque protagônico às relações sociais. Espaço do contato, do olhar, do medo e da ousadia, de luta e de esperança.

Distante do caráter messiânico depositado na educação, no mundo concreto a escola é um espaço político de criação. Desta forma o estudo da obra de Paulo Freie somado à análise geográfica de Milton Santos sobre o mundo em processo de globalização, fornece referências

---

[23] FREIRE, Paulo. **Uma educação para a liberdade**. 4 ed. Textos Marginais. Porto: Dinalivro, 1974, p. 41-59. *In*: Revista da FAEEBA,vol. 7, Salvador, jan/jun. 1997.

importantes para o entendimento do conceito de leitura do mundo.

Conceito utilizado por uma série de educadores e instituições governamentais e não governamentais para defender pedagogias da inclusão dentro de modelos sociais excludentes. Reduz-se a potência do conceito em metodologias pedagógicas destituídas de contexto histórico, político e social. Logo, a necessidade de investigar, divulgar e praticar uma pedagogia verdadeiramente libertária e geograficamente crítica, ampliar, avançar com o pensamento destes que são os dois mais respeitados intelectuais brasileiros do século XX.

Paulo Freire parte do pressuposto de que cada indivíduo em sociedade vem ao mundo ocupando um espaço que já existia, um mundo de regras naturais e sociais que o transcende. Num conjunto de redes, estruturas técnicas e tecnológicas, que compõe em infraestrutura e superestrutura, com suas manifestações culturais, modos de comportamento, signos e linguagens que carregam subjetividades.

Porém no momento em que este ser ocupa um espaço, ele também passa a produzi-lo, mesmo que um bebê não saiba como fazê-lo, seus pais decerto terão de fazer mudanças na espacialização da casa.

Preparar o quarto, o enxoval, estocar fraldas, reorganizar os horários e tarefas da casa, reduzir o barulho, trocar as garrafas de vinho por latas de leite. É obvio que este exemplo não reporta e nem deve reportar generalizações, não servindo como referência de comportamento e condições de consumo nas abissais desigualdades do sistema capitalista. A questão é que o mundo passa a ser o espelho e o homem, um reflexo transmorfo do mundo, preenchendo-o, transformando-o, transfigurando-o.

O cotidiano que nos transcende simultaneamente é afetado por nós ao passo que somos afetados por ele. O ser e o espaço, produtos sociais e históricos, inevitavelmente ecoantes, ressonantes reverberações de um no outro, do outro com os outros e assim sucessivamente.

A relação do periférico com o lugar, potencializa a construção de uma geografia horizontal, frontal e não panorâmica. Neste sentido o ensino de geografia enriquece a capacidade de visualização e entendimento das dimensões e relações com o lugar, quando por meio de uma pedagogia da autonomia, da esperança e liberdade (FREIRE, 1996).

Por este *viés* adentro às práticas de ensino de geografia por um *olhar periférico*, valorar o conhecimento adquirido pela experiência vivida e compreender os acontecimentos que envolvem as relações entre as pessoas em escala local e global. O capitulo que apresento a seguir tento a apresentar práticas que caminhem sentido à autonomia do pensamento e liberdade

do educando, sua inserção em sociedade como sujeito histórico e transformador das relações espaciais.

4 ENSINO DE GEOGRAFIA E OUTRAS GEOGRAFIAS DE ENSINO: LEITURAS DO MUNDO PELO 'OLHAR PERIFÉRICO'

> "[...] *quando digo que vejo a casa com meus olhos, certamente não digo nada de contestável: não entendo que minha retina e meu cristalino, que meus olhos enquanto órgãos materiais funcionam e fazem com que eu a veja; interrogando apenas a mim mesmo, não sei nada disso*".
>
> **Maurice Merleau-Ponty (1999)**

Pesquisar no campo da educação dentro da conjuntura política atual é também um instrumento de luta, de posicionamento político e coragem em 'desvendar máscaras sociais'. É o que registra o geógrafo fluminense Ruy Moreira (1992), destacando o papel ativo da geografia campo do conhecimento científico e disciplina escolar.

Moreira (2011) em analisar determinadas conjunturas em diferentes escalas de fenômenos físicos e sociais. Ler cartas e mapas em diferentes escalas e projeções, organizar estratégias, poder produzir ou projetar o espaço do que pode vir a ser,

Segundo Moreia (2012) e Moraes (1996) a geografia tem sua origem científica com Humboldt e Ritter entre o final do século XVIII e início do século XIX. Ritter centralizava a geografia na ação da pessoa enquanto humanidade no objetivo de estudar a Terra enquanto planeta ocupado por uma natureza viva e suas conexões com a humanidade, seus povos nações história. Ritter situa a ação humana sobre a natureza ao que denominou como antropogeografia, tema também estudado na escola francesa, influenciada Vidal de La Blache, em seus estudos sobre Ritter, deslocando o homem antropocêntrico, do geógrafo alemão, para o estudo da paisagem e da ação humana sobre a paisagem e seus elementos naturais e culturais.

Seguindo passos de Karl Ritter, Frederich Ratzel, concentrou seus estudos tendo como referência, o território e suas condições geográficas. Para Ratzel a geografia de um lugar, região ou território, determinam o grau de desenvolvimento das pessoas e seus modelos de organização em razão de sua localização geográfica.

A geografia desenvolvida por Ratzel qual viria a ser conhecida como determinismo geográfico, no período que abrange o neoimperialismo e a primeira grande guerra, foi posta em combate ao possibilismo geográfico ou geografia possibilista de Vidal de La Blache. Este confronto geográfico tinha em suas raízes o conflito franco-prussiano e a ascensão germânica em territórios franceses.

A proposta de Karl Humboldt, mais voltado para o movimento da natureza metabólica orgânica e inorgânica, fluida. Converge com uma visão que apesar de seus estudos datarem do final do século XVII, hoje vem sendo resgatada dentro de uma proposta contemporânea, dada as novas exigências interpretativas a explicar o mundo atual. Fluido, dinâmico, não mais comporta exposições estáticas da superfície terrestre ante os modelos de organização social, os métodos e as técnicas de produção, uso e ocupação do espaço.

A pesquisa científica da linha do cotidiano escolar, exige uma leitura dinâmica do movimento na escala de lugar. A relação entre as pessoas, das pessoas com os objetos e dos objetos com as pessoas. Conexões capazes de transpor, subpor e superpor, entrepostas sistematicamente e aleatoriamente.

Deleuze e Guattari desenvolvem o conceito de rizoma que trago para perto da proposta seguida neste texto. Escreveram os filósofos (2000, p. 23-24)

> Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções [...]. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha.

Geografia, termo grego que pode ser interpretado como *desenhar a terra*, um exercício do pensamento humano sobre a natureza, suas formas de uso, ocupação e transformação, decodificando e representando os fenômenos naturais e os modelos de organização das sociedades humanas em suas espacialidades. Não somente focada na relação homem-natureza, a geografia também se dispõe ao estudo da ação do homem sobre o homem, os agentes e mecanismos de controle social e das técnicas de organização do espaço.

A geógrafa e educadora Lana de Souza Cavalcanti (2008, p. 45-46) define a geografia como um campo do conhecimento constituído com base na multidimensionalidade e que historicamente busca compreender as relações entre o homem e o mundo natural e como estas construir diferentes espaços, busca que leva ao encontro de outras pluralidades e caminhos que se tornam mais complexos à medida em que se aproxima da realidade espacial, que por sua vez é também cada vez mais complexa. A definição da professora Lana é atraente pois mergulha a racionalidade científica no caos do acontecimento. A racionalidade produz a contrarracionalidade.

A ação humana a remodela da paisagem natural em paisagem cultural, alterando e construindo outra paisagen, influindo de modo intenso sobre a dinâmica da natureza como

também sobre a dinâmica social. Remolda com ela oplano de fundo das ações sociais em meio ao ambiente natural socialmente ocupado.

Um movimento dinâmico ocorre sobre a superfície, alterando as relações sociais em seu espaço, que passa a ser fluido. A dinâmica espacial coloca a ciência geográfica em um campo de análise perpetuamente caótico. Não somente social há também o caos natural, que influi sobre a superfície terrestre de maneira muitas vezes radical.

Ciclones tropicais, secas prolongadas, enchentes devastadoras, vulcanismos, terremotos. Eventos que mesmo que tenhamos um grande acervo de estudos e tecnologias que permitem classificar, regionalizar tais fenômenos em análises rigorosas estes fenômenos e seus elementos envolvidos, são imprevisíveis.

A possibilidade de localizar, regionalizar e cartografar um fenômeno natural ou social esconde nossa impresibilidade cósmica como a impossibilidade de impedi-los ou controla-los. É o que chamamos de medo cósmico. A ideia de um planeta fluido sobrepõe a hipótese de que podemos controla-lo é este o caso da geografia escolar. Tanto as diretrizes curriculares quanto no conjunto dos materiais didáticos (apostilas, livros, mapas) temos a segmentação do mundo físico e político.

A leitura cartográfica expõe no corolário das regionalizações uma visão estática e economicista do mundo iluminado pelo pensamento racionalista e pela indubitável fé na modernidade técnico-científica. Um geógrafo tendo em mãos recursos para coleta de dados e que possa contar com um grupo multidisciplinar possui as informações necessárias para planejar a ação humana sobre a natureza em consideração o conjunto de suas características físicas, seu tempo. Podendo contribuir com grande validade no desenvolvimento de novos sistemas de ocupação e uso do planeta.

A racionalidade técnico-científica especificou a áreas levando a considerar estudos que trabalhassem com dados específicos, que pudessem ser codificados algebricamente, apresentando dados numéricos. Climatologia, biogeografia, geografia das populações, geologia, geografia econômica, geopolítica, geomorfologia ... orientados em metodologias quantitativas, pragmáticas.

O fato é que a geografia e sua diversidade em investigar elementos de natureza físico e quanto antrópico, abrindo um leque tão variado de investigação que levou à geografia a uma crise de paradigmas.

O afastamento fragmentário e a organização onde um conjunto de magnatas da indústria, ruralistas, banqueiros, investidores, acionistas representando corporações

internacionais. Usurparam os poderes políticos e anulando direitos civis em ações inconstitucionais, influem sobre a *máquina de guerra*, conceito que Hardt e Negri (2016) utilizam ao referir sobre o aparelho militar de um Estado-Nação.

Milton Santos (2011) destaca que entre os organismos engendrados ao funcionamento otimizado e onipresente dos Estados organizados aos interesses do capital, opera por meio do controle da informação reportadas pela mídia. Cobrindo de modo parcial por pontos de vista universais a grande imprensa, na produção empresarialmente direcionada a manipular os fatos em favor de interesses bem particulares.

A indústria da mídia atua hegemonicamente e universalmente a narração e representação de fatos distorcidos da realidade. Propagando em escala global 'verdades' carregadas por conteúdos coerentemente fabricados ao movimento do capital, das grandes empresas, governos de centro e do mercado financeiro.

Disseminadas globalmente nos mais diversos meios de comunicação, conteúdos mercadológicos camuflados ou exibidamente exaltados, reproduzem enfaticamente a insanidade delirante de uma sociedade alienada. A manipulação da informação como ferramenta de manipulação da opinião, organizada de forma a atenuar e acobertar a ação irresponsável das grandes empresas sobre os territórios.

Reformas governamentais sobre a constituição, desmancham a tudo e a todo tipo de direito à cidadania que por anos de luta e sangue de estudantes, operários, intelectuais conquistaram. Direitos concretizados em absoluto ou apenas representados no papel, são reformulados, anulados e negados, criminosamente elevando a pobreza e a miséria das nações.

Para Santos (2007) qualquer pessoa com uma percepção mais aguçada sobre o mundo a seu redor, entre o virtual e o real, pode facilmente enxergar tais fabulações e assim construir um ponto de vista politicamente subversivo, contrahegemônico. A contrarracionalidade.

Ver no movimento do mundo, a distribuição da pobreza, da fome e da sede, concentrando do capital sob a manipulação geopolítica dos países desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos e as grandes organizações financeiras sobre todos eles.

Esta percepção atenta ao movimento do mundo, interpretado criticamente a partir do lugar. Ana Fani Carlos (1992; 2011) desde os anos de 1980 vem dedicada ao estudo da cidade e o urbano no Brasil. Ao crescimento desordenado das metrópoles brasileiras e as desigualdades do processo de instalação uso e ocupação do solo urbano. Onde a cidade é a forma e o urbano, conteúdo.

O espaço urbano desenhado em linhas e traçados arquitetônicos ou em arranjos espaciais improvisados, que denotam o contexto histórico-cultural de um determinado período

histórico. Marcados pelos instrumentos de produção, pelo sistema de organização das relações de trabalho, pelo abuso e uso indiferente às pessoas que hoje são em si 'mercadorias' valorizadas dentro de uma estética classicista de diferenciação dos produtos no mercado a atender cada categoria de classes sociais.

Dentro do que pudemos observar nos capítulos anteriores, o espaço produzido enquanto estrutura física e suas funcionalidades orgânicas, ante a evolução das técnicas, são tomados por novos conteúdos. O que de certa forma, desmancha e reorganiza, destrói e reconstrói em outras significatividades, engendradas à volatilidade capital, da transfiguração dos objetos, ressignificações das expressões culturais.

Volátil e buscando a totalidade da ação sobre os territórios, os diferentes povos e culturas, o movimento do capital como expressou Marx (2001) na frase que intitula Berman em seu livro *Tudo que é sólido, desmancha no ar* (1999). Uma maneira de compreender esta expressão está no artigo publicado por Carl Frey e Michael Osborne (2013)[24]. Ambos professores do Departamento de Ciências e Engenharia da Universidade de Oxford, coordenando um grupo de pesquisadores, levantaram dados indicando que 80% das profissões da atualidade poderão ser extintas até 2030.

O artigo publicado pelos professores da Oxford University UK, traz um balanço detalhado por meio de dados apresentados por meio de gráficos, tabelas e estatísticas. Registram

Ana Fani (2011) defende que as grandes cidades são hoje a materialização da desigualdade e descentralidades entre as áreas de centralização do capital em determinados espaços da cidade. Questiona as relações entre as pessoas nas cidades, o cidadão e a cidadania, o cinturão de pobreza, no caso a periferia, levando a interrogar o uso e ocupação do solo urbano e a valorização dos espaços da cidade como mercadoria (*idem*, 2011).

A produção do espaço, suas técnicas de uso e ocupação, de vida social e coletiva na produção do espaço urbano pode ser traduzida a uma escrita, composta por linhas que podem ser lidas, interpretadas criticamente (LEFEBRVE, 2006). Lefebvre observa o espaço fruto da racionalidade moderna, destacando a cidade e o urbano a uma escritura, que pode ser lida e interpretada criticamente, e neste *viés* estuda o as transformações ante o conceito moderno de cidadão e de cidadania ... "*Mas isso não é dado*", ao enfatizar a necessidade de desenvolvimento teórico-conceitual e ação política.

---

[24] FREY, Carl B; OSBORN, Michel. The future of employment: how susceptible are jobs to computerisation?. **Machines And Employment**. Department Of Engineering Science Oxford. University of Oxford: Oxford/ United Kingdom p. 1-72, 17 jul. 2013.
Disponível em: https://www.oxfordmartin.ox.ac.uk/downloads/academic/The_Future_of_Employment.pdf.

O espaço construto do homem moderno e construtora da humanidade contemporânea, que incapaz de interpretar criticamente dado a incessante formulação e reformulação dos objetos, coisas e significatividades. Não conseguem identificar as fabulações de um mundo abstrato e espetacularizado pelas grandes mídias e suas maquinarias produtoras de virtualizações do espaço vivido.

É neste sentido que Lana Cavalcanti (2009) acentua a importância de um ensino de geografia, calcado na prática não supérflua, mas contextualizada na aproximação e identificação das categorias geográficas[25] no plano real.

Cada um de nós, professores, trabalhadores da educação, não somos observadores do cotidiano escolar, nós vivemos o cotidiano escolar, simbiontes entre pesquisador e objeto. Memórias, aromas, texturas, formas, sons, sentidos, marcas no corpo e na alma, sentimentos, ações perante o inesperado, compõe o encontro desta aproximação com o objeto, a projeção e concretização dos acontecimentos e experiências que misturam ficção e realidade.

Lana nos ínsita a práticas de ensino didaticamente calcadas em bases científicas próprias da geografia com a abertura para dialogar em campos da educação, filosofia, sociologia, antropologia, arte e ciência política.

Cada um de nós, professores, trabalhadores da educação, não somos observadores do cotidiano escolar, nós vivemos o cotidiano escolar, simbiontes entre pesquisador e objeto. Memórias, aromas, texturas, formas, sons, sentidos, marcas no corpo e na alma, sentimentos, ações perante o inesperado, compõe o encontro desta aproximação com o objeto. Acontecimentos e experiências misturam ficção e realidade.

A informacionalização dos meios técnico-científicos e as novas conjunturas globais de organização do capital, a tempo está distante da ciência moderna. O mundo não é o mesmo de outrora, não é o mesmo no momento em que lê estas palavras. A velocidade; com que os meio técnicos são instalados, distribuídos e organizados em conexões multimodais. Capazes de operar em múltiplas escalas entre do local ao global nos mais diversos detores produtivos e serviços.

Milton Santos (1987;1998; 2011; *et al*) desenvolve com profundidade uma linha de raciocínio onde o espaço é um construto coletivo materializado pelas relações das técnicas de produção humana ao pensamento e raciocínio geográfico. Destacando o estudo da técnica como uma categoria de análise da geografia, desenvolvendo o que hoje está presente nos muitos livros

[25] As categorias geográficas a que Lana de Sousa Cavalcanti se refere são conceitos próprios do campo de estudo da geografia enquanto ciência, destacando: espaço geográfico, região, território, paisagem e lugar em suas multiplas escalas de análise transitivas em multiplas temporalidades.

didáticos e apostilas como período técnico-científico-informacional (SANTOS, 2001; 2008; 2011).

Milton Santos antecipa desde a primeira edição da obra *A natureza do espaço* em 1996[26], e que Emerson Ribeiro (2018) desenvolve, a produção do espaço técnico flui hoje na aproximação entre pesquisadores de áreas distintas. Bioengenharia e sociologia, engenharia genética e filosofia, nanotecnologia e informática, inteligência artificial e psicologia, engenharia mecânica e arte, ciências sociais e infectologia, matemática e esporte.

A frase de Maurice Merleau-Ponty (1999), comporta de modo sutil e profundo, as pessoas uma descrição do movimento das pessoas no mundo. Arrisca o estudante-pesquisador desenvolver um raciocínio de análise à um objeto, por diferentes linhas de pensamento e responder às questões que levantam a ideia tese do trabalho de pesquisa. Com numa escrita capaz explorando autores com metodologias, posicionamentos desarmônicos, objeto e pesquisador perdem sintonia.

A partir de que a pesquisa segue deslocada da linha de investigação que, afastando o objeto do campo de investigação no qual ingressou como pesquisador, sem dar devida atenção a contextualizações com o mundo vivido como espaço das relações cotidianas das pessoas com o meio. Há ade pensar que transitar, significa tomar um trajeto planejado, projetado a direcionar e monitorar o movimento de pessoas e mercadorias.

Venho tecendo conexões conceituais que dialoguem com o conceito de *olhar periférico* que venho desenvolvendo ao longo do texto, seguir em frente, por outros olhares que este exercício de escrita seja capaz de contribuir à *práxis* do trabalho docente. Pensar e fazer em educação a partir das relações cotidianas, especializadas na categoria do lugar.

Esta proximidade não é encontrada nos livros ou metodologias e currículos escolares externamente formuladas propositalmente a desconsiderar o espaço escolar na categoria do lugar e seu cotidiano local. Olhar o espaço escolar questionando sua estrutura fixa organizada dentro dos limites territoriais do prédio escolar.

A verticalização perifericamente, significa questioná-lo a além de seu território espaço na aproximação entre a geografia crítica de Milton Santos e a pedagogia libertária de Paulo Freire. Procurando conexões entre estes pensadores no que se refere a produção, uso e ocupação do espaço e organização política dos oprimidos (FREIRE, 1987) dos excluídos do banquete da globalização (SANTOS, 2006).

Neste quarto capítulo, desloco a atenção ao objeto retratando práticas de ensino de

[26] Utilizamos neste texto a 6ª reimpressão, publicada pela editora Edusp: São Paulo, 2011.

geografia e outras geografias de ensino, contextualizadas ao movimento do mundo contemporâneo em seu processo de globalização.

A linha de pensamento deste texto tem como norte o estudo de prática do ensino de geografia no 'espaço escolar-sala de aula' e em 'outras geografias de ensino'[27], exige uma aproximação quase íntima, e por que não de intimidade com o objeto de análise.

A ciência geográfica e a geografia escolar

No sistema econômico capitalista o objeto e sua utilização é ferramenta de diferenciação sócio espacial. Indicativo da classe social, poder aquisitivo, espaço e velocidade de circulação de mercadorias. Produzidas e comercializados universalmente seguindo padrões internacionais de produção com selo de garantia internacional da qualidade do produto.

Grandes empresas e as instituições financeiras internacionais, investem, compram e aplicam das ações de mercado em diferentes escalas do setor produtivo. A universalização de uma cultura global requer a organização do tempo da produção, de deslocamento espacial da instalação das redes de comunicação e controle da informação.

No mais, a introdução deste capítulo sintetiza os temas retratados nos capítulos anteriores. Pois, como de praxe, na produção de um trabalho entre nós pesquisadores, abrimos um livro, capítulo ou artigo, diretamente ao tema e páginas de interesse, em seguida aos referenciais.

Escrita em um processo lento e (des) ordenado os principais conceitos transpassam aos capítulos de maneira quase prolixa, da mesma forma, determinados assuntos estão por todo o texto embaralhados. Distribuídos ao movimento de desenvolvimento da ideia tese deste trabalho, de escrita lenta e dolorosa.

Uma tese em educação exige referenciais teórico-metodológicos da educação. A questão é que por tempo demais, procurei estes referenciais na filosofia e geografia. Cometi o mesmo erro do mestrado. A dissertação simplesmente não tratava da educação escolar muito menos de seu cotidiano.

Atrasado e sem uma ideia tese definida, insistentemente minha orientadora Alda Romaguera e Rodrigo Barchi, meu co-orientador, leram e releram meus escritos, percebendo e

---

[27] Como já apresentado no capítulo introdutório do texto, *outras geografias de ensino*, são enfim, movientos dos corpos e pensamentos, transpostos num emaranhado de linhas do tecido espaço-temporal locado nacategoria do lugar, espaço das relações pedagógicas entre as pessoas e o meio oletivamente produzido. As *práticas de ensino de geografia* condizem a conjuntos de acontecimentos experimentados por nós, professore-estudantes-pesquisadores de geografia no exercício do trabalho docente-discente no cotidiano escolar.

desenvolvendo um desenho que poderia ser enfim a ideia tese desta pesquisa. Esta lentidão tem em parte arrogante teimosia em persistir em trajetos que escapavam à linha de pesquisa do cotidiano escolar.

Uma disciplina oferecida em 2017, regida pela profa. Alda e prof. Reigota, planejaram o curso com foco principal leituras de obras e escritos de Paulo Freire, neste terreno que conceito freireano de *leitura do mundo* (FREIRE, 1982; 1994; 1997).

Ler o mundo não é uma expressão é um exercício do pensamento geográfico sobre as linhas pelas quais se escreve, se desenha o espaço como cenário das relações entre as pessoas e das pessoas com os objetos. Remete ao raciocínio de uma pedagogia significativamente geográfica. Donde o espaço das relações sociais; das pessoas com as pessoas e das pessoas com os objetos, e vive versa.

Lefebvre (2001; 2006) descreve a cidade como uma escritura, que deve ser lida e aprendida, mas isso não é dado, ao enfatizar a necessidade de desenvolvimento teórico-conceitual e ação política. Maneira com que o geógrafo Milton Santos organiza o conceito de espaço; um híbrido de sistemas de ações e objetos (SANTOS, 2011).

Universalizadas as políticas neoliberais empenham um processo de globalização organizado a uma economia do consumo modificando radicalmente relações entre as pessoas e objetos. O corpo, a forma, os valores das relações de trabalho tendem a ser capitalizadas, alterando e inferindo na expressão cultural dos diferentes povos, nações e suas geografias.

Modelam e remodelam os territórios, suas fronteiras povos e nações, produzindo deformidades sensoriais. Em nome do progresso e do desenvolvimento das nações, deslocam as pessoas para outros locais de ocupação, violentamente distanciadas do mundo conhecido a um espaço não vivido.

Paulo Freire e seus estudos transportam práticas de ensino partindo de referenciais colhidos na experiência de vida do educando, sem adentrar explicitamente na ciência geográfica ou destacar referencias do campo da geografia escolar.

Milton Santos, desenvolve com muita facilidade seus posicionamentos e argumentos a respeito da geografia escolar e do ensino de geografia, sua dedicação esteve melhor concentra ao estudo ontológico, epistemológico e do método em geografia. Desenvolvendo uma geografia crítica com atenção espacial às pessoas do terceiro mundo em um processo de globalização que vem acentuando a pobreza mundial, concentrando o poder econômico e de decisão geopolítica nas mãos de pouco ... poucos mesmo!

A evolução das técnicas na era da informação (CASTELS, 1999; SANTOS, 2001, 2011, 2012) que acelera o tempo e distorcendo o espaço das relações entre as pessoas em seus

laços orgânicos. Movimentos maquínicos (SANTOS, 2011); biomaquínicos (MOREIRA, 2012).

Dedicando grande esforço intelectual ao estudo do pensamento geográfico e seu movimento de renovação (SANTOS, 1982). Está na ideia do movimento dicotômico. As forças políticas verticais inversamente promovem a organização de forças horizontais que emana nos lugares mais distintos.

Um destes lugares é o espaço escolar-sala de aula. Paulo Freire, traduz uma educação especializada histórico e culturalmente a partir dos lugares de vivência cotidiana. Num processo de alfabetização e práticas de ensino que tem a aproximar a relação entre as pessoas em meio ao espaço que vivem e compartilham experiências de vida que muito se assemelham.

A codificação dos fenômenos produzidos pela natureza como os produzidos pela sociedade é organizada em modelos mecânicos, quantitativos, insensíveis ao mundo natural e humano. Herança do liberalismo positivista republicano, a geografia escolar não tem como finalidade desenvolver a criatividade e de permitir aos estudantes a possibilidade de pensar outros mundos.

Pode parecer um pouco exagerado citar, mas as entre as razões que influem sobre o pragmatismo da geografia escolar é que epistemologicamente, o objeto de estudo da ciência geográfica carece ainda de um longo processo de definição, o espaço geográfico ou simplesmente espaço. Sua envergadura de ser ao mesmo tempo natureza e sociedade, fixo e fluido.

A volatilidade das ações humanas empreendidas na superfície terrestre promove profundas transformações na natureza como sociedades, este movimento pede uma reorientação constantemente das bases epistemológicas que fundamentam a ciência geográfica. Mas esta incompletude não é ruim, pois abre caminhos para novas possibilidades de estudos, pesquisas e práticas.

Durante muito tempo a geografia foi tratada como uma ciência de síntese diante da grande necessidade de enveredar por distintos campos do conhecimento. Na geografia física nos aproximamos das ciências físicas e da natureza, da química, da biologia, da geologia, entre outras. Na geografia humana bebemos de fontes das ciências sociais, sociologia, antropologia, historiografia, economia, entre outras.

A grande variedade de campos de análise não é visto com bons olhos dentro do fragmentado e fechado mudo acadêmico, normativo, estruturalista, sectarista. Esta abertura no campo investigativo, ao mesmo tempo seu maior risco de inconsideração e seu maior trunfo em

poder enveredar por múltiplos caminhos possibilitando uma visão de conjunto. Dentro da atual sociedade globalizada e o processo de integração mundial de sistemas sociomaquínicos, há a necessidade de análises abrangentes e ao mesmo tempo microscópicas, capazes de relacionar distintas escalas do saber na difícil tarefa de compreender o cotidiano escolar em sua efervescência vivaz.

Um plano conflitante, real e abstrato, implícito e explicito. Fica cada vez mais difícil distinguir com clareza o que é produto da natureza e o que é obra dos homens, distinguindo o que é propriamente obra da técnica e o que é puramente social. Desta forma acrescenta Carlos (2011, p. 9-10) a humanidade produz espaço ao mesmo tempo em que este dá sentido a sua vida, ou seja, as relações sociais ganham objetividade enquanto relações espaciais: uma prática sócio/espacial. O espaço está como condição e suporte para a realização e materialização das relações sociais, ao mesmo tempo produto e meio pelo qual a sociedade se realiza no plano real.

Neste sentido, o espaço torna-se essencialmente conflituoso, pois nele encontramos condição para a ampliação das potencialidades humanas ao mesmo tempo em que as nega, dicotomizando o espaço real e o espaço aparente. No plano real, o espaço é analisado por Moreira[28] (1985, p.71-74) dentro do que denomina como plano concreto, síntese de múltiplas esferas e determinações onde o real não é o real-aparente. A produção do espaço dentro da concepção moderna é a ação mister que nos permite projetar e produzi-lo a partir de configurações sistematizadas socialmente.

Como afirma Moreira "produzir é produzir" (2012, p. 118-221). A produção do espaço no atual técnico-científico-informacional, tende a estender seu domínio em escalas dada vez mais globais, como já antecederam Marks e Egels (2001).

Na globalização o acesso e controle da informação é meio pelo qual o grande capital opera. Informações que vão deste a localização de poços para a exploração de petróleo num futuro próximo, a localização dos melhores solos e minerais. Pontos específicos analisados e possíveis de serem controlados globalmente em escala global.

Estas operações desorganizam os territórios (SANTOS, 2001) em sucessivos conflitos

---

[28] Ruy Moreira é geógrafo e professor de geografia humana na Universidade Federal de Fluminense, um dos pesquisadores brasileiros que na década de 70 paralelamente a Milton Santos e outros renomados geógrafos franceses e estadunidenses, contribuiu para o movimento de renovação da geografia. Moreira tal qual La Coste, situou a geografia como ciência social fortemente embasada no materialismo dialético de Karl Marx, situando o espaço na condição resultante das relações de trabalho dentro da lógica do sistema capitalista. Lançou em 1981, pela editora brasiliense dentro da Coleção Primeiros Passos, um pequeno livro intitulado *O que é geografia?* este livro é até hoje leitura fundamental para qualquer estudante de geografia ou interessados afim. Neste trabalho, utilizamos a 6ª edição da obra, publicada pela mesma editora em 1985, *O que é geografia?* Este livro é até hoje leitura fundamental para qualquer estudante de geografia ou interessados afim. Neste trabalho, utilizamos a 6ª edição da obra, publicada pela mesma editora em 1991.

projetam mutuamente severas intervenções ao meio natural, à vida das pessoas em suas múltiplas expressões culturais.

Baseado em cálculos binários estas informações são lidas e processadas em banco de dados que recebem, canalizam, organizam, armazenando as informações. Comumente as intervenções sobre a produção do espaço seu uso e ocupação, demandam ações políticas governamentais dos Estados para operarem dentro de seus padrões de produção.

Os salários baixos, comida cara, transporte caro ... os Estados entram como interventores na instalação da infraestrutura enquanto o capital privado vai influenciando a construção de um espaço capital, não social. No Brasil por exemplo, ações inescrupulosas, intoleráveis inaceitáveis, estão redesenhando continuamente o território, do vilarejo ao município, os estados federativos o governo central.

Ribeirinhos, mateiros, posseiros, camponeses, moradores da floreta, populações nativas sendo assassinadas, exterminadas, removidos de um lugar para outro como gado sem pasto. Saberes antigos, línguas, conhecimento sobre plantas, animais, organização social, relações com o meio que vem a desaparecer ou serem desfigurados ao serem cooptadas ao interesse do capital.

Estudar uma geografia do cotidiano é como aproximar microscopicamente o olhar aos micros espaços das relações entre as pessoas prestando atenção às micro relações locais e sua simbiose às macro relações globais.

Não diferente das ciências biológicas, citologia, genética, quanto mais aproximamos a observar o microcosmo das relações uma multiplicidade de combinações, simbioses e interações transmutáveis.

Professora Dra. Alda Romaguera descreve em suas aulas a leitura do cotidiano em duas perspectivas; “visão caleidoscópica” e “miradas de espreita”. Compreender a dinâmica do espaço escolar em reinvenções do instante numa constante, sem deixar de lado o olhar atento ao espaço escolar com, já o foi, como ele está sendo ou ... como ele pode ser.

Um espaço escolar fluido, autônomo de experimentação da liberdade, este movimento e transformações constantes de um rio à jusante. A partir da cabeceira escoa por caminhos pedregosos no atrito da água fluida sobre a rocha dura. Um processo que a água desagrega e transporta o sedimento, abre seu vale ao enfrentar estruturas sólidas.

Nesta procura insistente pelo mar os rios e suas águas assumem as características diferentes a cada estrutura geológica que enfrenta, modela e remodela pela insistência dinâmica. Deixando levar por meandros, lentamente redesenham seu percurso, o tom e textura de suas águas, sua biodiversidade.

Diferentemente o modelo escolarizante obedece a atividade didático pedagógica às regras e normatizações hierarquicamente verticais. Impõe pela norma, pela lei e pela punição, o movimento desregrado, que incomoda ao comum e cômodo ao pensamento inerte apolítico e estático da adaptação pedagógica do educador alienado.

Estar atento às transformações políticas que inferem contrariamente ao processo de construção coletiva de um modelo escolar capaz de fluir por (des) caminhos, desbravando outros trajetos por anamorfoses não lineares.

Contextualizando este último capítulo da tese, busco dar destaque à prática deste exercício de pensamento, criatividade, movimento do corpo, sentimentos de afetividade e aproximação com as pessoas seus espaços cotidiano.

Onde o conhecimento teórico tem valor igual ao conhecimento vivido, ter a atitude de entender as fabulações, desenvolver um posicionamento crítico e planejar ações políticas de intervenções que procuram explorar a criatividade num movimento coletivo. Assim uso a expressão educador-estudante-pesquisador.

O educador que valoriza o cotidiano vivido quanto ao saber científico, um estudante sensível a pesquisar e modificar suas práticas. Ter segurança sobre a científicas deve referente ao o conjunto de saberes de cada série e na escolar, estratégias de sensibilidade que podem apresentar ao cotidiano do bairro e escola o espaço vivido no dia a dia dos estudantes aos professores.

Encontrando elementos nestes em autores que contribuem no fortalecimento das ligações entre estes pensadores, afim de desenvolver uma leitura *periférica* sobre geografia enquanto ciência e disciplina escolar.

Os territórios tomados e recortados na perspectiva vertical fria e mecânica do traçado cartográfico, ignoram populações, laços culturais e orgânicos com meio. O espaço planetário fragmentado pela técnica visa favorecer a concentração do um poder que pode visualizar seu alcance pela representação planificada do espaço. A cartografia da dominação reproduz a leitura sistematizada de um território, projetado cartograficamente num sistema de domínio em escala global.

Expedições geográficas à dentro dos territórios conquistados possibilitaram a localização dos recursos e a sistematização dos meios de exploração, via sistemas de transporte e comunicação severamente mapeados. Grandes rotas transoceânicas, correntes marítimas favoráveis postas em cartas marítimas precisas, trajetos fluviais e de estradas, foram cartografados para controlar e otimizar o fluxo de mercadorias.

Por meio de mapas foi possível localizar os pontos estratégicos, planejar e implementar técnicas para facilitar o escoamento de produtos, ampliando e aperfeiçoando sistemas de organização do espaço em quaisquer escala do local ao global, do mundo ao lugar. Os conhecimentos geográficos desenvolveram-se sistematicamente atrelados aos interesses do expansionismo mercantilista, na função de contribuir para garantir um fluxo contínuo de mercadorias entre a Europa e os territórios conquistados, e que este ocorre-se com melhor eficácia.

Salete Kozel (2006, p. 132) apontou que

> Diante da lógica capitalista e expansão colonial mercantilista desvelam-se outras dimensões do mundo até então desconhecidas, tornando-se necessário aperfeiçoar os sistemas de representação, que das observações sensíveis e referências astronômicas passaram a construir instrumentos sofisticados para a mensuração do espaço físico, tendo como base a acurácia cartográfica proveniente do racionalismo científico do século XVIII.

A escolha dos locais de povoamento, dos portos, a implantação de sistemas de transporte ferroviário e de comunicação telegráfica, foram geograficamente pensados e instalados, em razão do sistema produtivo e do mercado que não atendiam de modo algum à integração regional e populacional na colônia.

Ao contrário, os trajetos eram mapeados de forma a isolar e limitar o fluxo humano. Modelos de sistematização do espaço projetados para a capitação de recursos representados cartograficamente, projetam a instalação do poder e do controle sobre o mundo. As técnicas cartográficas juntamente com as grandes expedições geográficas foram fundamentais para a instalação do controle colonial de poucas nações sobre grande parte do globo, revelando neste processo a importância da geografia como conhecimento de dominação.

Intimamente ligada ao Estado o progresso da geografia nos meios acadêmicos ocorreu de modo a atender as necessidades das nações expansionistas, dando origem às escolas do pensamento geográfico. A exemplo da escola alemã determinista, a francesa possibilista, a estadunidense quantitativista. Em ambos os modelos de análise do espaço, sua cientificização tomam o caráter técnico-empirista consolidado nas revoluções industriais e na criação dos Estados nacionais.

Agregando elementos quantitativos e pragmáticos, conhecimentos de geografia forneceram ao Estado bases para a ocupação, o uso e exploração de territórios cada vez mais distantes sendo as cartas, os mapas, as plantas meios modernos que constituem, justificam e delegam o direito à propriedade. O espaço geograficizado de modo empírico, tecnicista, mecânico. Tudo aquilo que em um plano é contornado, passa a ser territorializado, é senão um

campo das ciências humanas preocupada com o processo de produção, uso e ocupação do espaço em conjuntos simbióticos, espaço-homem-natureza e técnica. Onde o espaço-homem em sua singularidade técnica e tecniciza a relação entre o meio e o conjunto de objetos analisados nas mais diferentes escalas.

Movimentos da paisagem em incessante transformação, pessoas e objetos de misturam uns aos outros em redes verticalizadas, de elementos biomecânicos. Simulacros onde o homem não mais o reconhece.

Os livros e materiais didáticos que geralmente nós, professores de geografia, somos incumbidos a apresentar, reporta uma leitura do espaço fora do homem. Os 'conteúdos' didático-curriculares da disciplina sobrepõem o espaço ao homem, enquanto valoriza a técnica em si, distanciando homem e espaço, uma geografia que oculta o movimento. As pessoas tomam corpo figurantes no cenário das representações espaciais.

Pessoas passam a serem postas deslocadas do processo de construção do espaço e o espaço em desassociado da ação humana em sua pluralidade cultural. Posicionamentos políticos externos, ocultos à valorização do pensamento crítico, comportam um amontoado de saberes desconexos e pré-selecionados na adaptação, adequação em uniformidade à globalização do capital hegemônico e à mercantilização dos sistemas educacionais.

O olhar academicista dos geógrafos, insistentes em seguir por linhas de pesquisa pouco flexíveis. Voltadas à organização espacial e estudo da dinâmica territorial, zoneamentos e delimitação do movimento social e de fenômenos naturais. Cartograficamente representadas em mapas ou cartas estáticas, carregando um direcionamento político alinhado ao capital expansionista.

Imprimem inquestionavelmente o desenhas das fronteiras artificiais e suas bandeiras. Fortalecendo a fragmentando a superfície terrestre num processo permanente de regionalização, organização e reorganização do espaço global.

Dá ao território forma de corpo cortado e recortado continuamente em novos arranjos por novos sistemas, mecanismos e meios de (re) organizações espaciais, novas regionalizações sobre o uso e controle do espaço (CORREA, 2000). O espaço fragmentado em conjuntos múltiplos de sistemas variados, postos para funcionar em consonância maquínica, numa certa entropia.

O físico carioca Marcelo Gleiser em seu livro A dança do universo (2014, p. 242) participou da construção do LHC, um dos poucos pesquisadores autorizados a usá-lo considera que os bósons são como planetas. Viajantes, nômades, que estão e não estão no mesmo tempo

e local onde avistados, apresentarem movimentos aleatórios, ‘aparecem’ e ‘desaparecem’ sem padrão ou sistema de combinação.

Inverso à racionalidade cartesiana, estas partículas elementares comportam-se em um movimento de quebra espontânea de simetria, um universo caótico e imprevisível. Marcelo traz aos leigos leitores deste livro, grupo ao qual também pertenço, inquietações da física moderna, que perturbaram os pesquisadores[29]:

(1) não há como afirmar a certeza da localização de um objeto, a penas a probabilidade de ele estar onde você o reconhece;

(2) quando observamos um sistema físico influenciamos seu movimento de modo que não há como atribuir a separação entre o observador e o observado); a presença da matéria deforma a geometria do espaço e altera o fluxo do tempo;

(3) não temos a certeza se os elementos constitutivos da matéria são ondas ou partículas. Podemos apenas perceber que estes elementos transmutam um ao outro aleatoriamente.

Esta passagem que importo do físico carioca, relaciono com a ideia de racionalização do espaço em entropia com suas funcionalidades. O projeto de um espaço racional, procura comportar o movimento em harmonia com o movimento do capital, o que não é possível tanto em Gleiser quanto em Marx.

Os fluxos escapam ao controle, exigindo reordenações constantes do sistema. Assim também é o espaço, fluido. Em contraste com esta condição ‘molecular’, temos uma geografia escolar fixa em uma estrutura escolarizada imóvel, que destoa à inconstância e imprevisibilidade do movimento.

A noção do espaço molecular proposto por Deleuze e Guattari, não significa que a forma não é importante e que não existe a estrutura. Como já pudemos observar anteriormente, a estrutura existe, é real, sólida e conectada por redes que canalizam os fluxos entre os espaços e seus arranjos. Os fluxos percorrem por linhas do espaço traçadas de modo a ordenar uma estrutura linear fixa e passível de controle, o que de fato não acontece como um todo.

Deleuze e Parnet (2004, p. 21) dissertam que

> [...] as coisas, as pessoas são compostas por linhas muito diversas, e que não sabem, necessariamente, em que linhas estão, nem onde fazer passar a linha que estão em vias de traçar; numa palavra: há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga, etc. (Deleuze & Parnet, 2004, p. 21).

---

[29] (*idem*)

“O que Deleuze quer dizer por há toda uma geografia nas pessoas? ” Guimarães[30] e Ribeiro[31] (2016), seguem atrás desta questão de encontro a uma geografia pensada fora do meio academicista da ciência geográfica. Observando que nas obras de Deleuze e Guattari o espaço, seja ele qual for, natural, urbano, rural ... são desenhos onde espaço, objetos e pessoas, são/estão atravessados por linhas e fusos. Que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza.

> [...] somos feitos de linhas. Não queremos apenas falar de linhas de escrita; estas se conjugam com outras linhas, linhas de vida, linhas de sorte ou de infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita, linhas que estão entre as linhas escritas (DELEUZE e GUATTARI, 1980/2012, p. 72 *apud* GUIMARÃES e RIBEIRO, p. 158, 2016).

A leitura do universo molecular continuamente em movimento, leva-me a pensar nos estudantes e o que estamos fazendo com aos seus corpos e pensamento, limitando e proibindo o movimento?

Entre os geógrafos mais atentos à questão urbana e aos deslocamentos impostos às populações ante os novos arranjos espaciais e seus conflitos. Esta leitura menor da totalidade é resultado do esforço do pensamento de geógrafos que participaram ativamente do movimento se renovação da geografia os quais citamos anteriormente.

Não abandonando a visão macro planetária do movimento humano, mas aproximando à natureza humana e sua condição espacial (CARLOS, 2014). No pensamento de Milton Santos (1967; 2011), o pensamento geográfico pode ser entendido como uma filosofia das técnicas, tendo o geógrafo a necessidade de aprofundar o olhar sobre o micro- relações nos micros-espaços espaciais. Neste contexto o lugar recebe um papel de destaque como categoria de análise do espaço, sua leitura é fundamental para pensar e fazer a escola, na escola, para a escola em sua maneira, em sua geografia.

O desenho do espaço condiciona um movimento dinâmico que reporta às pessoas condições de movimentos, acontecimentos e imprevisibilidades. Esta leitura me faz atentar para a importância do espaço e seu reflexo sobre as pessoas. Como exemplos destas condições propiciam narro a condição espacial e sua influência na formação escolar.

Iniciei no curso de licenciatura em 1997, na recém-inaugurada Universidade de Sorocaba – UNISO, na primeira turma de geografia desta instituição enquanto universidade. Embora jovem, a UNISO foi pensada e construída tendo como plataforma a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Aguirre, que fundada em 1954 abrigou professores ilustres,

---

[30] Professor no departamento de geografia Universidade Federal do Rio de Janeiro.
[31] Professora do departamento de filosofia da Universidade Federal Fluminense.

tais como Sérgio Buarque de Holanda e Ruth Cardoso e Aziz Ab' Saber, entre outros.

Como outras instituições brasileiras de ensino superior, a UNISO responde diretamente ao episcopado da cidade de Sorocaba. Mesmo estando à observância do núcleo eclesiástico, o reitor e pró-reitor de graduação e pesquisa, Alexandre Vanucchi[32] e Osvaldo Bazzo, tiveram importante participação na formação política estudantil e operária, via não partidária e não academicista.

"Ação Popular" movimento operário e estudantil que tomaram por opção política o enfrentamento ao regime civil-milita-ditatorial. Ambos sofreram o encalço da repressão, foram silenciados e perseguidos pelo regime. Este histórico de luta está nas bases do projeto da então Universidade de Sorocaba.

Os caninhos que a instituição seguiu o momento desta escrita não vão de encontro com os objetivos desta tese, mas chamo atenção para o projeto arquitetônico dos espaços escolares.

Uma leitura pedagógica do espaço no espaço lido pedagogicamente.

As redes escolares estão gerenciadas pelo Estado e este subserviente ao interesse de empresas no que se refere à contratação e prestação de serviços privados dentro dos aparatos fixos estatais. Ou seja, por um lado o espaço escolar está como o aparelho fixo organizado pelo Estado, por outro como a estrutura fixa utilizada para o agenciamento de serviços privados.

As redes escolares estão gerenciadas pelo Estado e este subserviente ao interesse de empresas no que se refere à contratação e prestação de serviços privados dentro dos aparatos fixos estatais. Ou seja, por um lado o espaço escolar está como o aparelho fixo organizado pelo Estado, por outro como a estrutura fixa utilizada para o agenciamento de serviços privados.

Suas instalações remontam à arquitetura escolar nas décadas de 1940 e 1950. Inicia suas atividades em 1954 como Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Aguirre, nome que vigorou até 1996.

Entrei para a faculdade em 1997, primeiro ano da instituição como a Universidade de Sorocaba. O prédio, dividido em três blocos, um construído entre na década de 1960, abrigava os cursos de filosofia e ciências humanas, outro erguido na década de 1980, os cursos de exatas, letras, pedagogia e tecnológicos. O bloco mais antigo remonta aos anos 40.

---

[32] Aldo Vannucchi, professor e diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, embrião da atual Universidade de Sorocaba (Uniso). Mestre em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, licenciado em Pedagogia e autor de diversos livros, foi Reitor da Uniso (de setembro de 1994 a janeiro de 2010) sendo, atualmente, assessor especial da reitoria e ouvidor da universidade, entre 2003 e 2015, integrou o Conselho Nacional de Educação entre os governos Lula e Dilma Rousseff (SPARTI, Sonia C. M, 2018).

São estruturas que obedecem e uma engenharia de materiais e arquiteturas diferentes, ambientes arquitetonicamente distintos em quanto desenhos e linhas, que figurativamente identificam destemporalidades. A produção de novos espaços projetados à demanda de novos cursos e estudantes. De maneira com que cada bloco, abrigavam segmentos diferentes de formação universitária.

Outras ciências e cursos o estudante a seu curso, no entanto os blocos foram erguidos de modo que haja uma integração. Suas áreas de acesso interligam três pátios de uso comum entre os cursos, propiciando o encontro entre as pessoas. A biblioteca única e suas salas de estudo sempre cheias impossibilitam o pleno silêncio, aproximando conversas.

Aldo Vanucchi, manteve uma base curricular comum aplicada no primeiro semestre de qualquer curso, ao menos um ou dois semestres de filosofia, sociologia, antropologia e teologia. Estas quatro disciplinas "inúteis" não agradavam a todos, principalmente ao pessoal das ciências exatas e da computação.

Como estas disciplinas não ocupavam mais que uma ou duas aulas semanais, tínhamos praticamente os mesmos professores lecionando para todos os cursos e salvo algumas adaptações, os materiais de estudo (textos, livros, apostilas) e atividades avaliativas não diferiam tanto entre as turmas. Proporcionando aos estudantes acesso a leituras semelhantes que em algum momento, naquele campus ou nos bares frente a universidade, viriam a verter um papo em comum, um debate, um deboche ou comentários a respeito dos professores.

Algo semelhante é o que vivenciei na Universidade Regional do Cariri, cidade do Crato no interior do sertão cearense, enquanto participante IV Encontro Regional de Práticas de Ensino de Geografia – ERPEG.

Coordenado pelo geógrafo e educador Emerson Ribeiro33. Organizado para promover um encontro regional, o evento recebeu palestrantes de renome no ensino de geografia. A geógrafa Helena Callai, professora da Unijuí, estado do Rio Grande do Sul pioneira no estudo das práticas de para as séries iniciais do ensino fundamental e pré-escolar. Lana de Souza Cavalcanti, geógrafa da Universidade Federal de Goiás que ativamente participou dos debates sobre a renovação da geografia e do ensino de geografia entre as décadas de 1980 e 1990. Antônio Carlos Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba, dedica pesquisa à área de ensino

[33] Emerson Ribeiro,licenciado em geografia pela UNISO e em pedagogia pela UFMG, mestre e doutor em geografia humana pela USP, professor Coordenador do Diretório de Pesquisa Geografia e Criatividade, com experiência na área de Geografia com ênfase em Geografia Humana e Ensino, atuei como professor do ensino básico, coordenador pedagógico desde 2001 e Diretor no Estado de São Paulo até 2011. Trabalho com os seguintes temas: Geografia Urbana, Geografia Arte e Criatividade, Estágio Supervisionado e práticas pedagógicas, formação de professores, instalação geográfica e interdisciplinaridade.

de geografia e metodologias do ensino de geografia.

Estava eu, doutorando em educação pela Uniso, dividindo a mesa de palestra com Eduardo Girotto, professor no departamento de geografia da Usp. Girotto expôs uma cartografia das condições e situações de trabalho, do professor de geografia que trabalha ou mora nos espaços periféricos da cidade de São Paulo. Em sua fala, Girotto apresenta um estudo cruzando dados entre as sérias intervenções de cortes na educação, as políticas de educação pública com o abandono escolar e os assassinatos de jovens na periferia paulistana.

Com uma certa timidez o clima fica tenso ao passo que os dados demonstram uma cartografia envolvendo a educação escolar pública ao cotidiano pesado das periferias, tema que Girotto aborda em artigo publicado na revista Educação e Sociedade (2016). Aproxima a prática docente e o ensino de geografia ao cotidiano sócio espacial do educando enfatizando o desenvolvimento do raciocínio e do pensamento geográfico, sobre os conflitos, lugar e poder nos espaços periféricos. Um olhar periférico sobre o cotidiano escolar e o movimento perverso da globalização.

Minha apresentação foi de certa maneira uma pincelada entorno da abordagem que trago neste quarto capítulo. Mas que na ocasião utilizei como referencial o manifesto intitulado *O papel ativo da geografia* organizado durante o IV Encontro Nacional dos Geógrafos, cidade de Florianópolis, março de 2000. Destacando a geografia como ciência voltada para a transformação social e a formação de professores.

A Universidade Regional do Cariri (URCA), estado do Ceará ocupa uma área pequena do centro da cidade. Abriga grande variedade de cursos onde a proximidade é fundamental em proporcionar situações de encontros, não possíveis nos modelos de universidades que distribuem pulverizadamente as diferentes áreas do pensamento em extensos espaços territoriais.

O campus da URCA me trouxe recordações do campus Trujillo da Uniso, onde cursei a graduação em um espaço comum ao convívio universitário. Não raro, estudantes formados em geografia, ingressavam nos cursos de filosofia, história, pedagogia, eliminando disciplinas e conquistando outra graduação e elementos que lhes ajudassem a compreender a própria geografia e práticas de ensino. Inicialmente, o campus funcionava em um prédio único, permitindo espaços de aproximação entre estudantes de áreas diferentes dentro e fora das salas. Comumente nossa turma de geografia recebia estudantes de teologia, sociologia, história, que enriquecendo os debates em sala de aula.

Nos pátios, principalmente o central, aberto com bancos em torno uma árvore e chão gramado, ocorriam encontros de enamorados, cancioneiros de violão, calorosos estudantes que

discutiam filosofia ou organizavam manifestações políticas.

Ressonantemente traçadas ao acaso, a linhas agora não serão as mesmas, possibilitando a espontaneidade do acontecimento na manifestação do possível imprevisto. Porém Deleuze e Guattari (1980/2012, p. 83, *apud* GUIMARÃES e RIBEIRO, 2016 p. 160) devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida. Traçar linhas é um exercício fluido entre pensamento e ação, realização da experiência vivida no cotidiano como plano de imanência, manifestado no lugar.

O *lugar* palco da representação e da expressividade humana, o lugar emana uma bagagem cultural capaz de conflitar com a cultura de massas propagadas pelo processo de globalização do capital e pela universalização dos processos produtivos. "O local contrapõe ao global, mas também se confunde com ele" (SANTOS p. 314), hoje, os espaços urbanos carregam elementos de um projeto de sociedade que busca a homogeneização comportamento humano em um modelo único de desenvolvimento atrelado a universalização cultural ocidentalizante.

Que tende a desconsiderar as culturas locais e as especificidades dos diferentes lugares e suas representações sociais, aniquilando-as ou apropriando-as, mercantilizando todos os vínculos orgânicos entre a natureza e a humanidade. A separação homem-natureza é por si um ato de violência que banaliza o meio natural e o cultural, impondo uma dimensão banalizada do espaço.

Este espaço banalizado não provem do desequilíbrio geoantrópico, mas de um processo de racionalização do meio técnico sobre as sociedades partindo de interesses particulares- privados a um conjunto (pequeno) de empresas, corporações globais, que transformaram o mundo numa "fábrica de perversidades"[34].

Onde a divisão internacional do trabalho intensifica as fronteiras humanas entre o mundo do Norte e o mundo do Sul (SANTOS, 2001) ao passo que permite a livre circulação de mercadorias. Logo não devemos de modo algum desprezar ou menorar a existência da estrutura, a máquina de agenciamento dos dispositivos e aparelhos de controle, o poder do Estado e da mídia sobre a multidão em uma 'sociedade de consumo'. Um termo que resume a sectarização

---

[34] Termo extraído do longa metragem produzido e dirigido por Silvio Tendler titulado *Encontro com Milton Santos: a globalização vista do lado de cá* (2006). Produzido no gênero documentário, o longa conquistou entre outros prêmios o de Melhor Filme pelo júri popular no Festival de Brasília de Cinema Brasileiro em 2006, exibido em cinco idiomas em cinemas da América, África e Europa. Como diferencial o filme Tndler traz uma leitura da globalização partindo de uma entrevista com o geógrafo no contexto teórico do último livro conceitual publicado pelo autor em vida. O diferencial deste longa está no ponto de vista captado por Tendler que apresenta o processo de globalização contemporânea na perspectiva do lugar e do cotidiano das periferia dentro das relações local-global em um mudo capitalista, integrado e desigual.

e distanciamento social.

Consumir é uma prática cada vez mais individualizada em um sistema no qual a produção de mercadorias ainda é coletiva, mesmo que fragmentada em diferentes escalas.

Este modelo dicotômico bem apresentado por Moreira (1985) e Morais (2011), tem suas bases teóricas calcadas na dialética marxista, onde as relações de trabalho e a organização da propriedade de produção capitalista são em suma o alicerce que suporta uma multiplicidade de contradições desencadeadoras de conflitos

A ideologia hegemônica do sistema capitalista como modelo único de sociedade e a violência por qual opera, configuram territorializações que fragmentam o espaço, implantando relações de poderes verticais capazes de subjugar tanto o homem quanto a natureza tornando ambos mercadoria.

Os diferentes poderes do Estado capitalista estruturados a um modelo de república calcado na propriedade (HARDT e NEGRI, 2016) em suas múltiplas escalas, impõem ao espaço conjuntos técnicos desarmônicos à sua especificidade. Territorializando sistemas de produtivos, produtos e comportamentos exógenos, distantes não apenas no sentido do posicionamento equidistante, mas distantes dos circuitos de decisão.

A universalização das técnicas é incapaz de assimilar os distintos lugares do mundo a um produto sem violar as culturas locais e seus sistemas orgânicos, sem violar os ecossistemas locais e o funcionamento orgânico dos sistemas naturais.

O tempo técnico sobrepõe ao tempo cósmico, o tempo mecânico sobre ao biológico, criando um mundo da alienação total onde mito e verdade, real e virtual, distância e proximidade, público e privado estão misturados. Postas de tal forma que não conseguimos mais identificar as reformulações espaciais sem um esforço do pensamento. Uma leitura crítica do mundo que seja capaz de transitar entre as diferenças.

Ao momento em que corpos e pensamentos em espaços de luta e objetivos comuns e até semelhantes, o conflito é inevitável. Mas pode ser mascarado e distorcido de forma que não possamos compreender sua totalidade na atualidade onde unidade universal do particular estão apresentados como corpos de distintas e divisíveis representações. Porém este pensamento carrega um enfoque duplo e contraditório, como aponta Milton Santos (2011, p. 122-123), a totalidade é ao mesmo tempo um todo de essências e um todo de existências. Logo, a totalidade não representa o macro indivisível do microcosmo da existência, do conjunto das relações humanas e experiências que promovem acontecimentos como possibilidades de criação. E neste contexto que venho ao encontro do conceito de conflito.

Os *platôs*, linhas de estratos tempos que traduzem significatividades ao espaço vivido

do cotidiano. É por maio destes, os planos nos quais a geografia transita. Sim, como observamos anteriormente os planos os quis transitamos são desenhados por linhas fluidas, mas em geografia podemos surfar sobre elas e estudar seus movimentos em escritas cartográficas, de cima para baixo.

O cartógrafo desenha o mundo observando-o como se estivesse de fora, ampliando a escala do global para o local, do planeta para o lugar. O geólogo lê a terra fluida a partir do movimento de seus elementos constitutivos. O geógrafo possui uma formação mais dinâmica e aberta para análises críticas não exclusivamente determinadas por cálculos e estatísticas pragmáticas. Deve desenvolver e observar o movimento fluido da sociedade e sobre natureza e da sociedade sobre ela mesma em seu espaço antrópico.

É necessário ao geógrafo ler o movimento e seu fluxo e mapear estratégias de escape e de combate à perversidade maquínica da repetição, do parasitismo das elites globais que sugam a vida de milhares sem pesar a consciência. Como disse Karen Huggs, não são humanos, vivem em 'outro planeta', sem preocupação senão o lucro, assinam ou autorizam papeis, títulos, notas de valores exorbitantes extraídos pela via da exploração.

O ensino de geografia como outras geografias de ensino, podem ajudar a abrir fissuras nos espaços/lugares do devir/sentir as vibrações de pensamentos/ondas que não estejam enrijecidas. Em nossa proposta o conflito não é a manifestação das contradições da sociedade capitalista, mas sim *contratempos,* atritos entre territorialidades espaço temporais que se imbricam.

O que nos leva a observar de fora o movimento orgânico maquínico dialético, entender a organização de uma sociedade do consumo gerida em um modelo capitalista que Bauman (2010) denomina como *capitalismo parasitário*. Porém não estático, mas fluido, líquido. Na proposta deste texto procuramos avançar da liquidez para um movimento molecular, de múltiplas combinações, adaptações, reformulações ... nestas metamorfoses, as pessoas fluem pelo espaço em densidades diferentes, como a água e óleo, somos constituídos por elementos diferentes.

No sistema capitalista e a cultura do consumismo, estes elementos estão representados nos objetos, capazes de serem conectados globalmente. A produção destes objetos, materiais ou virtuais, são sistematizados, organizados em redes que possíveis de serem distribuídas globalmente. Não cobre acesso a todas as pessoas, mesmo estando elas especializadas sob um mesmo lugar e espaços de encontro cotidiano.

As áreas de cobertura, funções e serviços postos em rede, seguem por linhas tecidas ao atendimento de novos mercados e consumidores.

Deleuze e Guattari abriram possibilidades em pensar o espaço fluido das redes superficiais e suas estruturas, propondo a construção de uma rede subterrânea, rizomática. Estas análises conceituais em aproximação com elementos e categorias de estudo voltadas para a ciência geográfica, possuem fundamentação teórica e científica no estudo de geógrafos.

Deleuze é um dos principais estudantes de Humboldt que junto com Karl Ritter são considerados pais da ciência geográfica. Humboldt foi aluno de Emanuel Kant, a quem atribuem ter sido o primeiro professor de geografia da história, tendo ele 'inventado' esta disciplina.

Disciplina, um termo que soa estranho à geografia como um desenho (in) disciplinado da natureza, esta não se ensina, não se aprende, não é didática, nem pedagógica ou mesmo uma ciência. Em Deleuze (1995) em cada um de nós há uma geografia, um desenho de nossas expressões, tonalidade da voz, velocidade dos passos, foras de sentir e desejar, coabitando uns aos outros em uma grande espaçonave planetária. Esta diversidade não está sintetizada a uma leitura semiótica do movimento humano, mas ao movimento sociativo caótico e conflituoso.

O conflito como sociação representa a estranheza, a aglutinação, a compactação e estratificação (des) organizada do movimento, possível de sincronizações (des) harmônicas no entretempo espacial. Ou seja, a lógica do controle sobre a natureza e sociedade é abominável ao movimento caótico e imprevisível dos corpos, seus possíveis encontros e experiências resultantes do acontecimento aleatório.

O fato do movimento diacrônico provocar o distanciamento entre as pessoas de um mesmo local. É no chão da escola e em sua estrutura gélida que podemos procurar outros caminhos de aprender o pensamento geográfico, livre e autônomo e imprevisível, não podemos controlar ou embutir conceitos científicos sobre do cotidiano vivencial dos estudantes e da escola na categoria do lugar.

Diferentes tempos ocupam o mesmo estrato espaço-temporal e conflitam um ao outro. Podemos ler o espaço e também o conflito desencadeado nos encontros entre as diferentes formas de interpretar a realidade e questioná-la.

A lógica universalizante homogeneizadora imposta ao movimento planetário dificilmente conseguirá o controle absoluto sobre o movimento no/do cotidiano escolar, mas podemos aprender com ele, adentrar à rugosidade do espaço, abrir fissuras no espaço físico. Fluir entre o passado, o presente e o futuro por pensamentos geofilosóficos.

Didática é prática, educação é processo, mas em a geografia, não estamos exclusivamente em um campo científico ou disciplina escolar.

> Criação de pensamento acontecendo nos/pelos rasgos dos planos recortados no caos. Nos/pelos virtuais furos da filosofia, da ciência e da arte, atualizam-se pensares educação. Na intersecção destes três planos, entrelaçar possibilidades de efetuação. Em composição com os planos que criam conceptos, functivos, afectos e perceptos, efetuar educação como plano de pensamento, criação. Criar nestas misturas de planos um encontro entre vida, arte e educação, e dele extrair forças de resistência, do entre arte/vida/educação. Encontros arte-vida pensados como pulsos, como aquilo que se espalha [...](ROMAGUERA, 2010, p. 45).

Música e dança, pinturas e tons, ritmos e sons que emanam ao corpo, no corpo e pelo corpo "(des) organizado, inorgânico, que escapa" (*idem*, p. 57) reescrevendo a paisagem ao reinventar linguagens desconcertantes, recombinações de fragmentos do pensar em devaneio. Adentrando em fissuras abertas entre tempo e espaço, planos de imanência da criação, do sonhar com aquilo que à fora não é ... mas é ... no exercício do pensar, imagem e a ação produzem movimentos sensíveis às vibrações ecoadas do meio, ressonando uma outra frequência, dissonante e amorfa.

Enquanto as vibrações externas desorganizam o pensamento atroz e outras harmonizações possíveis não se efetuam, o estado de (des) harmonia vem a ser o plano da criação produtora da obra, donde há de imanar outros planos do pensar.

A arte habita sobre o caos e a imprevisibilidade dos acontecimentos da inquietude do espírito *humano inacabado* (FREIRE, P. p. 36, 1996). Enquanto nômades, os corpos em movimento transitam no desconhecido, exigindo constantes adaptações às intempéries do tempo, aos outros elementos bióticos e abióticos que compões o meio. Outas formas de organizar a ação são necessárias, intermediadas pela experiência acumulada e reorganizadas em outras possibilidades de ação e criação.

A partir do momento em que nos fixámos ao solo, passamos a experimentar um contato mais íntimo com a natureza, no sentido de aproximarmos o olhar atento, contemplação, na busca do entendimento, conhecer sua dinâmica e a partir dela, inserir nossa cultura simbiótica ao meio encontrando o sentido na vida, na existência à além da sobrevivência.

A existência humana não mais reside na adaptação ao meio, mas na criação de um mundo humano erguido sobre a natureza, transformada em cultura. Uma segunda natureza provinda da recombinação dos elementos primários reorganizados de maneira que a natureza não mais os reconheça.

Os elementos externos estranhos à natureza que não possuem significado algum senão ao homem e sua cultura. Para Providello e Yasui (2013, p. 1522) a arte não precisa fazer sentido, é fruto da

> [...] desrazão, e que subentende a experiência trágica da loucura: partem da dimensão que é o não pensável, o caos, a ruína, o transgressor da racionalidade, a ininteligibilidade da natureza, o exterior ao homem... E esse domínio, ao longo do tempo, tornou-se constitutivo da loucura e da arte. A esse domínio, a partir de certo momento, não foi cedido nenhum outro meio para se fazer sentir que não a loucura, a arte e a escrita.

Em Pelbart (1993) *O Pensamento do Fora* é aquele que se expõe às forças do Fora, mas que mantém com ele uma relação de vaivém, de troca, de trânsito, de aventura, não (des) regrada, não burocratizada, não possível de ser medida ou valorada. Extrapola o conveniente, o aceitável, (des) concertante, capaz de projetar linhas de fuga em fissuras do entretempo em um espaço liso que ao ganhar forma, transforma. A (des) razão promove o estranhamento entre realidade aparente e o pensamento abstrato que materializa o que está preso ao *Fora*.

ARTE
(poema)

A arte existe?
... existe...
nos loucos
... felizes loucos
em desrazão ...
felizes?
Só podem estar
loucos
... ou então ...
serão os loucos
...
artistas?

(Autoria minha)

A arte não necessita ser de todo fruto do conflito, nem mesmo atribuir significatividades, é a expressão de liberdade do pensamento e do desejo aprisionado, da vontade reprimida. Fazer arte na prática de ensino é investir em reprodução ou condicionar o movimento, neste sentido, o geógrafo e educador Emerson Ribeiro (2014; 2016; 2020) desenvolveu o conceito de *instalações geográficas.*

Uma abordagem de ensino de geografia que explora a criatividade como um processo

construtivo e coletivo que extrapola as fronteiras da estrutura escolar. Trazendo para a sala de aula elementos do cotidiano dos alunos que constroem as instalações interagindo com a família, amigos, vizinhos. Dialogando com a paisagem local e seus objetos constroem uma conexão com o mundo.

O processo construtivo das instalações denominado por Ribeiro como *a obra*, está organizada em três fazes: *alicerce, baldrame e arremate*. O *alicerce* representa o processo criativo, onde o autor faz um diálogo entre a criatividade e o ensino de geografia como forma de superação do cotidiano. No entanto não enfatiza tratar da aula, ou do conteúdo em si, mas a forma e a estética da didática onde o professor por meio de objetos, obtém o desenvolvimento de assertividades sociais.

Levando os alunos a manusearem os sentidos à prática. O conhecimento é construído executado por eles coletivamente numa instalação geográfica onde o ato de aprender geografia também se torna em um ato de desenvolvimento das capacidades criativas. Nos dizeres do autor:

> A criatividade onde a visão abarcada se insere numa leitura de desvelamento do processo de criação, de como ela surge e diante de suas bases subjetivas transcende o estabelecido, o concebido, vai de encontro com o vivido, fazendo a leitura do espaço, do lugar, no nosso exemplo, a região do Cariri, compreendendo a cidade além de suas aparências e representações. [...] Todo processo de criação, resulta em uma ruptura. Porém, toda ruptura não resulta num processo criativo duradouro, sem que tenha elementos teóricos fortes contidos em sua própria idealização [...] o ato criativo não surge do nada, não é inato, ele é construído, é parte de um processo que se traduz numa obra, seja de arte, livro ou em novas descobertas científicas, são elementos que compõem o espaço social e a natureza, que se dá no plano do vivido (RIBEIRO, 2014, p. 142,151).

Conforme aponta Ribeiro, trabalhar com a criatividade em geografia, consiste numa busca constante por referenciais teóricos e embasamento científico, onde o professor pode fundamentar as atividades realizadas. A fundamentação teórica gabarita o docente a formalizar as atividades desenvolvidas ao contexto da escola enquanto estrutura física e política.

A carência de referenciais teóricos segundo o autor acarreta em uma aprendizagem menos significativa e menos duradoura. Porém, não basta apenas o aprofundamento teórico, sendo preciso também que o processo criativo esteja intensamente ligado com o espaço vivido cotidianamente.

As *instalações geográficas* no conceito proposto pelo prof. Émerson Ribeiro (2014; 2018; 2020), apresenta a meu ver um *olhar periférico*, propõe o autor questionar o processo de avaliação escolar classificatório e excludente. Revirando debates que questionam notas e conceitos avaliativos aplicados aos moldes da escola moderna racionalista. Dando

prosseguimento teórico e metodológico ao trabalho professora Maria Lúcia de Amorim Soares, enquanto esteve docente no curso de licenciatura em geografia na Uniso.

No livro *Geografia do Cariri*, organizado por Ribeiro (2020), apresenta uma série de experimentações numa série de trabalhos em práticas criativas de ensino de geografia, desenvolvidas em torno do conceito das *instalações geográficas*. Cada um dos autores que complementam esta publicação expõe a seu modo suas maneiras de ler e praticar uma geografia escolar calcada no cotidiano. Logo, são diferentes e ao mesmo tempo ligadas ao objetivo de inovar e renovar o ensino de geografia e os mecanismos racionais da avaliação escolar.

Assim o cotidiano passa a ser questionado empiricamente e reconstruído em sua significatividade por meio da arte e a sala de aula passa a ser uma oficina. Neste aspecto Souza Neto (2005, p. 51) discorre em outras palavras, a realização de um ofício no interior de uma da oficina cria, dentre outras coisas, uma identidade entre os indivíduos e os objetos que estes manipulam, as ferramentas que manuseiam, os processos com os quais interagem.

E ainda mais, cria uma identidade entre os indivíduos que são parceiros de rituais comuns, realizadores de um dado ofício e situados no ambiente da mesma oficina. A sala de aula como espaço do pensar e do criar extrapola o modelo conteudista promovendo o conflito como possibilidade de olhar o mundo com outros olhos, possibilitando que o conhecimento espontâneo e o conhecimento científico coabitem na criação de um outro saber.

Durante a graduação, nosso professor de geografia física com ênfase em geomorfologia. Anysio Baptista, foi aluno do professor Aziz Ab' Saber durante seu bacharelado na USP, não prosseguiu na carreira acadêmica, não possuía doutorado ou mestrado, titulações que de maneira alguma reduzia sua autoridade enquanto professor e pesquisador. Seu interesse particular nos processos geofísicos e morfológicos sobre a região da cidade de Sorocaba e seu entorno, nos era apresentado em um contexto não separado do movimento dinâmico de um planeta em fluidez constante.

Como já destaca o texto, a geografia é uma ciência em movimento, que comporta não apenas as transformações do mundo em sua dinâmica da natureza e sociedade. Logo, as práticas de ensino de geografia não devem corroborar com leituras fixas, presas em construtos sólidos de textos presos a textos e exercícios prontos. Pré-elaborados a confortar a aula com o não movimento do pensamento e dos corpos no espaço escolar e seu cotidiano.

Diante desta questão, trago elementos que podem contribuir na elaboração de aulas que escapem ao contexto rotineiro. Contrariamente ao conhecimento pronto, posto de modo a

aprisionar o pensamento livre, autônomo e imaginativo. Que cala e desestimula o desenvolvimento da criticidade e da politização contrária às fabulações do mercado.

Para que esta tese não seja composta em escritos e ideias letradas, as atividades postas a seguir não são metodologias, mas composições de intento a contribuição para o desenvolvimento de novas *práticas de ensino de geografia* em *outras geografias de ensino*.

5 O OLHAR PRTIFÉRICO SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA EM PROCESSOS CRIATIVOS

Durante a graduação, nosso professor de geografia física com ênfase em geomorfologia. Anysio Baptista, foi aluno do professor Aziz Ab' Saber durante seu bacharelado na USP, não prosseguiu na carreira acadêmica, não possuía doutorado ou mestrado, titulações que de maneira alguma reduzia sua autoridade enquanto professor e pesquisador. Seu interesse particular nos processos geofísicos e morfológicos sobre a região da cidade de Sorocaba e seu entorno, nos era apresentado em um contexto não separado do movimento dinâmico de um planeta em fluidez constante.

Como já destaca o texto, a geografia é uma ciência em movimento, que comporta não apenas as transformações do mundo em sua dinâmica da natureza e sociedade. Logo, as práticas de ensino de geografia não devem corroborar com leituras fixas, presas em construtos sólidos de textos presos a textos e exercícios prontos. Pré-elaborados a confortar a aula com o não movimento do pensamento e dos corpos no espaço escolar e seu cotidiano.

Anísio mantinha uma didática tradicionalista, mas a maneira apaixonada em compartilhar conosco seu saber, nos convidava a aprofundar nos estudos físicos da disciplina. Mas suas aulas tinham um diferencial. Evitava a leitura de longos textos acadêmicos e conceitos, preferindo ilustrar os processos geofísicos por meio de desenhos bem detalhados, procurava dar um sentido mais aproximado ao entendimento e interpretação geomorfológica do relevo terrestre.

Reproduzíamos seus desenhos no caderno em esboços rudes perto das ilustrações do professor, porém, estas *transgrafias* permitem a cada um expressar a seu modo de experimentar linhas geomorfológicas à mão que imagina a ação.

Transcrever as representações desenhadas pelo professor Anísio é diferente de atividades onde nós, professores de geografia, solicitamos aos estudantes copias de mapas ou de ilustrações impressas em livros didáticos ou atlas geográficos. Difere também das atividades de reprodução de obras de arte, tais como reproduzir à imagem de uma tela de Tarsila do Amaral em sala de aula, não desmerecendo os belos desenhos feitos pelos estudantes neste tipo de exercício. Diferencio alguns pontos entre as ilustrações do professor Anísio Baptista às imagens impressas.

(Primeiro) Os desenhos constituíam expressões geomorfológicas interpretadas pela leitura criativa e espontânea do professor sobre o movimento terrestre. A imagem impressa já

definida, formatada e lapida, sequestra a imaginação, implantando tonalidades e linhas fixas de paisagens e cartas ou mortas, ilustrações atreladas a textos repletos de definições que não permite o movimento criativo.

(Segundo) Previamente planejada pelo professor, a temática pautada para o dia e para o dia após, são diferentes. Os desenhos, mesmo que abordem o mesmo tema, não são iguais. Não ocupam o mesmo espaço da lousa, os estudantes podem não ser os mesmos, e se forem, podem estar em locais diferentes, com outras coisas na cabeça que infere na participação sobre temática abordada na aula.

Os desenhos, a exposição do professor, a participação dos estudantes, modificam o curso da aula, enquanto nos textos ilustrados propõe uma mesma leitura para cada aula, uma geomorfologia fixa de relevos inertes.

(Terceiro) O material de aula de Anísio restringia a uma singela folha solta de aderno, esboçada ao tema a ser tratado em sala, recortes de pensamento e possíveis abordagens, possibilitando e aproximações com o contexto geomorfológico de Sorocaba e região.

Materiais impressos, textos, figuras, mapas, ilustrações, mesmo que produzidos ou referenciados em renomados pesquisadores conduz de certa maneira, estudantes e professores a matrizes curriculares alienadas ao contexto local de cada sala, escola, cidade, região.

(Quarto) Feitos à mão livre com gizes coloridos, devidamente alinhados nos bolsos do jaleco costurado, régua, esquadro e compasso de madeira. A habilidade de Anísio, em projetar mentalmente os processos e estruturas geomorfológicas e expressá-las na lousa, formas, cores e traços, podiam ser feitos, desfeitos e refeitos.

Linhas não estáticas, flexíveis. Já cartas, ilustrações e figuras impressas os livros didáticos e ou textos científicos, não podem ser desfeitas, suas cores, formatos, paisagens são postas usualmente para reforçar a identificação mecânica com o contexto qual a imagem se relaciona.

Por este professor, aprecio também o estudo do mudo físico, que a meu ver, seria bom para nós enquanto professores, ter aulas de física organizada relacionada aos temas que interessam ao conhecimento e aprender geográfico em escala molecular. Em conformidade ao estudo sobre as rochas, suas composições, origens e metamorfoses oriundas do movimento geofísico. Observara um planeta fluido e gostava de compartilhar conosco ensinava apaixonadamente profundo do tema tendemos à simpatia pelo estudo do meio físico. É comum nos livros e outros materiais didáticos do ensino fundamental, modalidade onde tenho em maior tempo.

É possível que o estudo físico do planeta e sua dinâmica, seu movimento transmutável em fenômenos rápidos e lentos. Raios que estilhaçam postes elétricos, chuvas fortes, rápidas e intensas alagam rios e bairros, destroem plantações, pontes. Desloca o solo sobre a rocha e encostas íngremes, o enorme peso da lama, árvores, rochas e entulho, misturam-se com as pessoas, moradores destes locais. Ao mesmo tempo, porém de forma lenta, movimento tectônico de placa, desloca os continentes deformando a superfície da litosfera (o que também inclui o relevo fundo oceânico).

O deslocamento de placas, lentamente eleva e erode montanhas, desertifica onde é floresta, mares toma o que outrora foi deserto. Ou seja, o planeta é dinamicamente um movimento de forças constantes e transmutáveis de agregamento fluido de seus elementos (re) combinantes.

Desenhos com referência ao espaço compreende conjuntos de representações, simbologias, não cópias, mas construções e representações do mundo. Auxiliam na construção do objeto pelo sujeito. Possibilidades em potencializar a compreensão do espaço produzido, usado e vivido no cotidiano lido e escrito, autonomia e criatividade significativa ao autor de uma cartografia espacial cognitivamente única (SEEMANN, 2012).

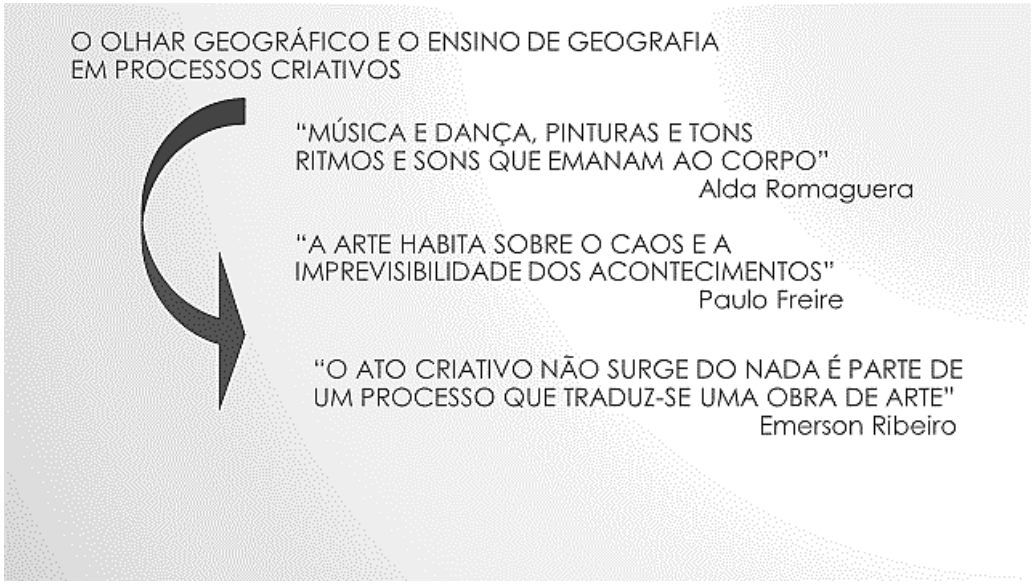
As imagens que trago neste capítulo são representações de situações/movimentos de aprendizagem possíveis de conflitar com o espaço escolar, resignificando o espaço reprodutivo como espaço de criação.

De experimentação em situações de aprendizagem onde podemos explorar fissuras em meio ao processo de significação e ressignificação dos conteúdos curriculares ao cotidiano escolar.

Segundo, conceitos científicos, filosóficos e artísticos possíveis de serem abordados dentro de cada tema de geografia no espaço escolar com lugar de criação, e que situações de conflito, tal como venho desenvolvendo ao longo do texto, possibilitam espaços de sociação, diálogo e interação.

Espaços de encruzamentos entre a multiplicidade do cotidiano escolar e a potencialidade do encontro entre corpos, objetos, ambientes e pensamentos entre para e fazer em educação.

Figura 6 - Olhar geográfico e o ensino de geografia em processos criativos



Fonte: google.com/imagens

A expressão artística é um elemento geográfico impresso no espaço, nas linhas construtivas e (des) construtivas. Neste processo, podemos desenvolver via expressões artísticas aos estudantes, reconhecendo o espaço geográfico e suas metamorfoses por olhares outros.

O primeiro contato que tive na relação entre práticas de ensino e criatividade como elemento intrínseco ao exercício docente, veio nas aulas da professora Maria Lúcia durante o curso de graduação na Uniso. Práticas que levei comigo no exercício do trabalho docente enquanto professor de geografia.

O segundo contato veio a mim nas aulas ministradas pela professora Alda Romaguera, durante o curso de doutoramento pela mesma universidade. Diferencialmente, com abordagem teórica mais aguçada sobre o elemento artístico e o exercício docente.

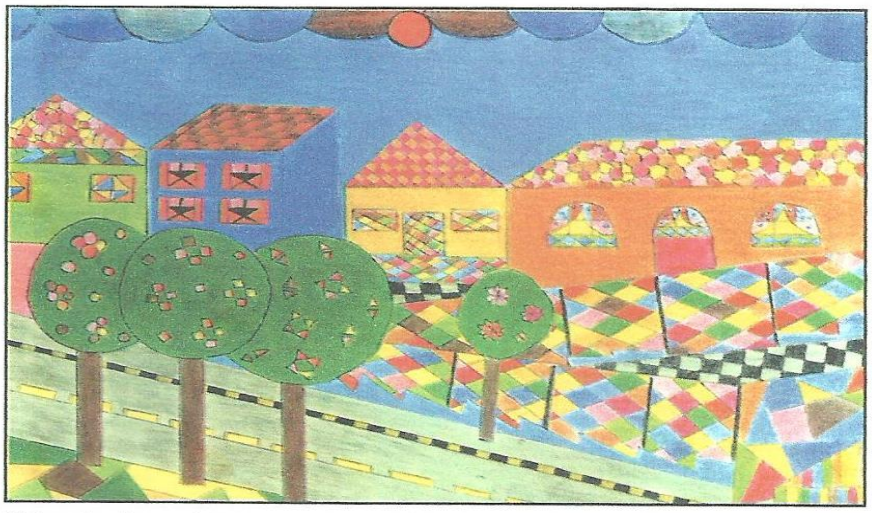
Maneiras diferentes de cruzar a arte com práticas pedagógicas que hoje compõe a construção do olhar periférico que desenvolvo na construção deste texto, calcado na prática exercida nas aulas e nas incursões teóricas, que fornecem bases para ampliar, expandir e melhor temperar o exercício de criação em meio ao trabalho docente.

Desfragmentação do espaço

A sequência abaixo representa um movimento de (des) construção que extraídas do livro *Girassóis ou heliantos* (2001) de onde importei meios de experimentação em praticar o

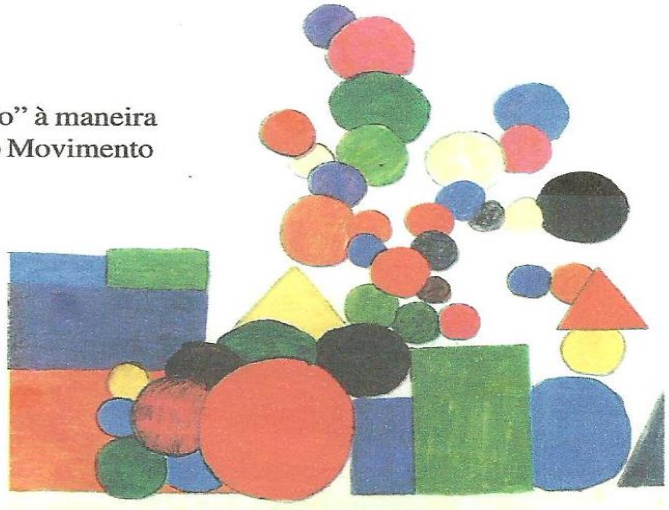
ensino de geografia por outras geografias de ensino.

Figura 7 - (des)construção da paisagem urbana.



"Estudo do meio" à maneira cubista / primeiro movimento.
Enilde Akemi Samei.

"Estudo do meio" à maneira cubista / Último Movimento
Chie Shiraishi

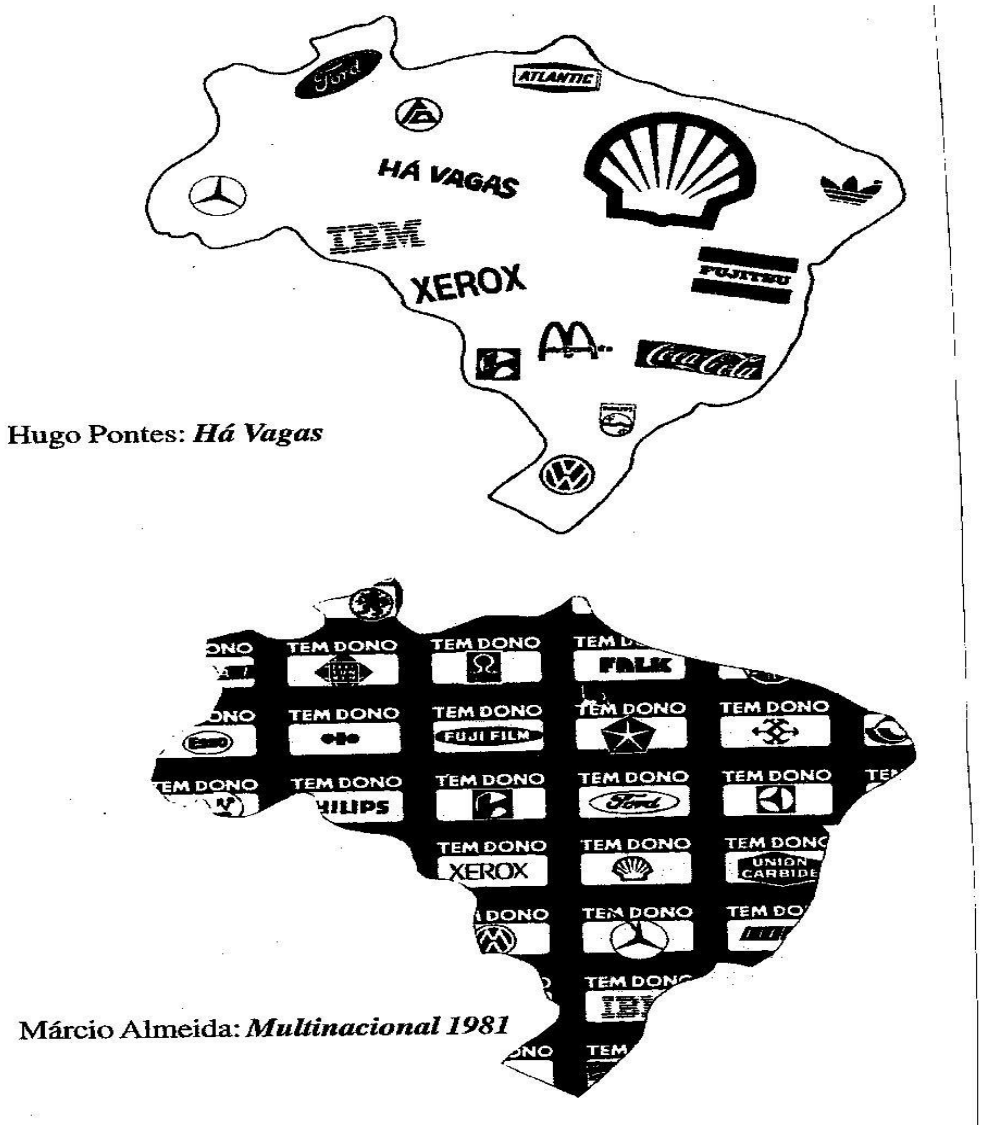


Fonte: SOARES (2001)

Desterritorialização

O exercício de (des)construção não pode se representado como reobjetividaes do conhecido. É necessário um estranhamento entre o objeto-forma-função, no qual o estudante conflita com o que é conhecido procurando desmascarar os meios pelos quais o espaço aparente e produzido e representado. Abaixo temos exercícios que nos possibilita pensar a fragmentação ao espaço, demonstrando a organização do território ao interesse das grandes empressas. A produção foi relizada por estudantes do curso de geografia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, atual Uniso (*ídem*, 2001)

Figura 8 - demonstrando a (des) organização do território ao interesse das grandes coorporações internacionais.



Fonte: SOARES (2001)

A guerra fria em quadrinhos, ressignificações dos fatos

Mesmo que um determinado conteúdo curricular estaja obrigatóriamente organizado em uma proposta ou sequencia didática, podemos (des)construir o objeto e abrir fissuras, possibilidades em que os estudantes podem atribuir outros significados, abertos a criação e expressão visual que convida à reinterpretações do espaço.

As imagens a seguir foram realizadas por estudantes do Colégio Dom do 8º ano do ensino fundamental. A proposta do exrcício foi que produssemos narrativas ficcionais em torno da temática da Guerra Fria, expressadas no formato de histórias em quadrinhos. Distribuidos às

crianças e pais que visitaram a mostra de trabalhos durante a Feira do Livro, relizada no colégio todos os anos no mês de novembro.

Figura 9 - Feira do Livro

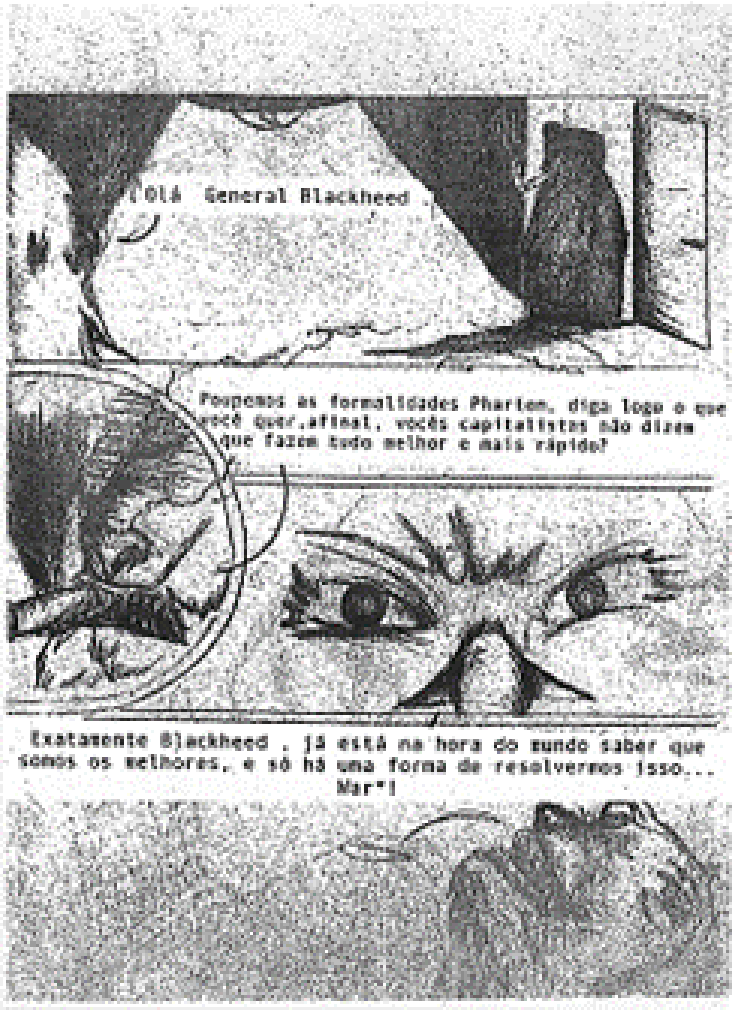
Fonte: Elaboração próprio autor

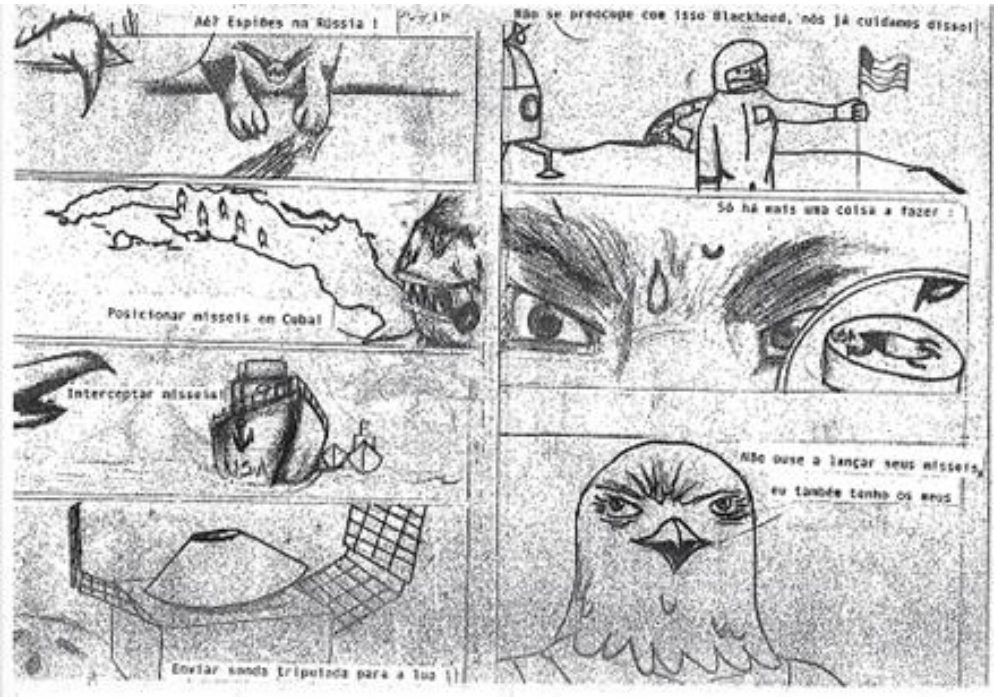
Neste exercício teve como proposta desenvolver olhares outros sobre o episódio histórico/geopolítico da guerra fria, de modo que os estudantes pudessem apresentar suas impressões ao narrar eventos deste conflito posto dento do currículo pré-elaborado e estabelecido como conteúdo programado para aquela série/ano e faixa etária escolar.

O diferencial está na autonomia dos estudantes, que após um bom desenvolvimento do tema e da criticidade sobre o saber estático, puderam expressar determinados eventos e outros elementos relacionados a este episódio de modo crítico e criativo, sem deixar de lado a composição artística de narrativa, escrita e desenho.

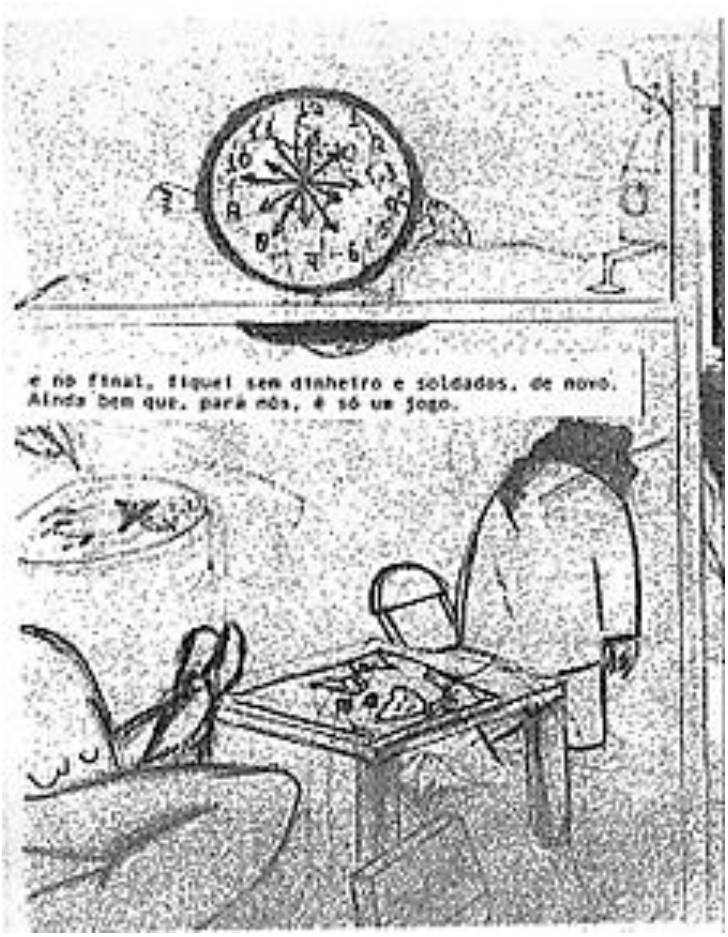
O livreto abaixo, de autoria da estudante Juliana Walnir, que em 2017 frequentou o 8° ano, traz com profundidade a arte, o conhecimento teórico sobre o tema com originalidade, e leitura política afiada.

Figura 10 - O livreto de autoria da estudante Juliana Walnir, que em 2017





Fonte: Elaboração próprio autor



Fonte: Elaboração próprio autor

Como destaca Paulo Freire (1996) o exercício docente carrega todo um conteúdo político, explícito ou implícito. Em proposta, procuro adentrar mais a fundo o conteúdo político em suas bases teóricas, de acordo com a série. No caso deste exercício realizado com os 8°s anos, como em outras práticas realizadas com estudantes da mesma faixa etária, entre 13 e 14 anos. Podemos enfatizar e desenvolver junto aos estudantes uma abordagem crítica de certo modo mais agressiva e ao mesmo tempo criativa meio à projetos de aulas que envolvem a arte.

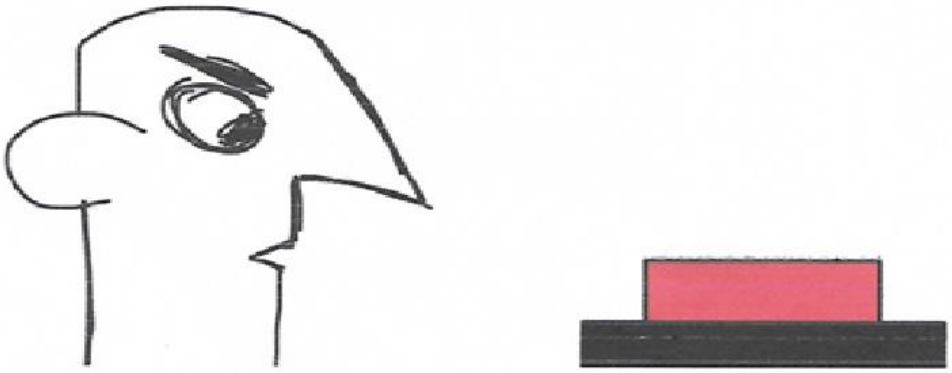
Numa proposta semelhante de trabalho, a estudante Mariana Molina, Colégio Dom, 8° ano, 2019, desenvolve uma trama interessante.

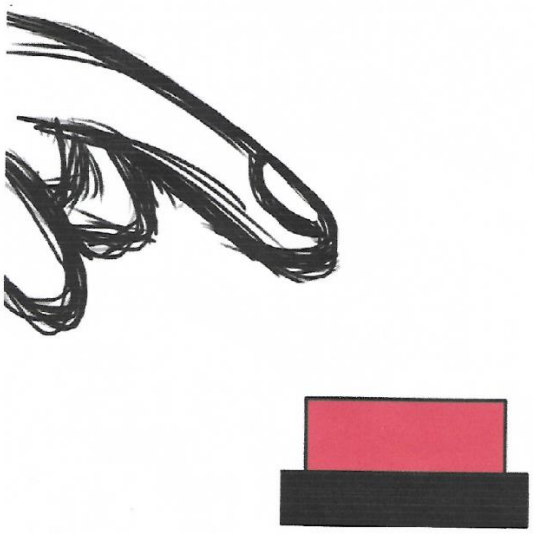
GUERRA FRIA
Em:
O FIM DO
MUNDO

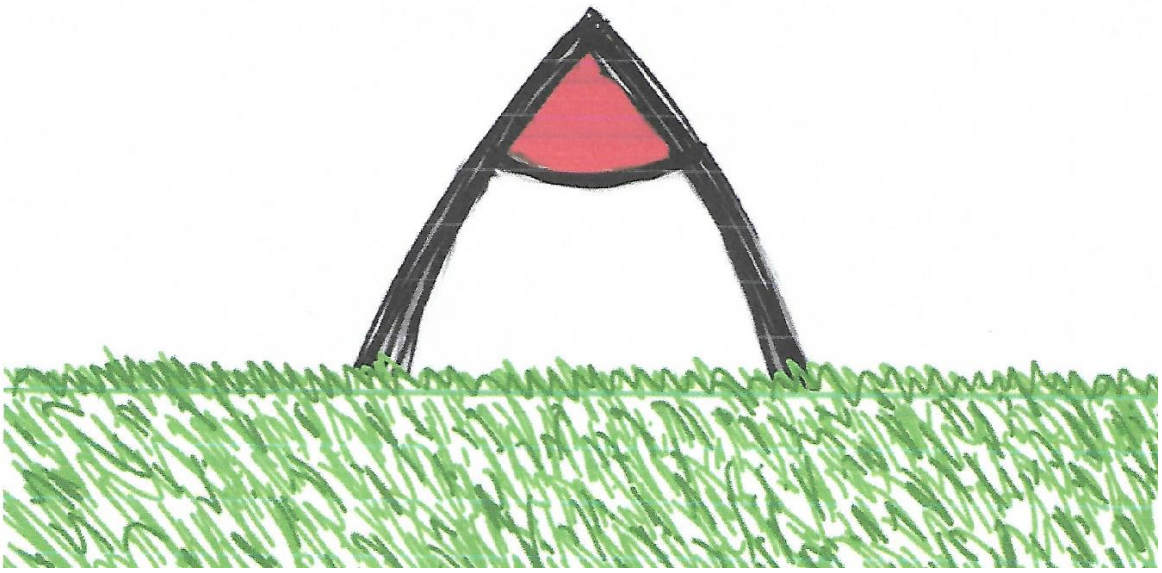
POR QUE VOCÊ
VAI ME PRENDER ?

VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A MANDAR O
MÍSSIL NUCLEAR E ACABAR COM A VIDA DE TODOS
NA TERRA. E SEM FALAR QUE AQUILO NÃO ERA
UM MÍSSIL NO EUA E SIM O AVIÃO DELES.

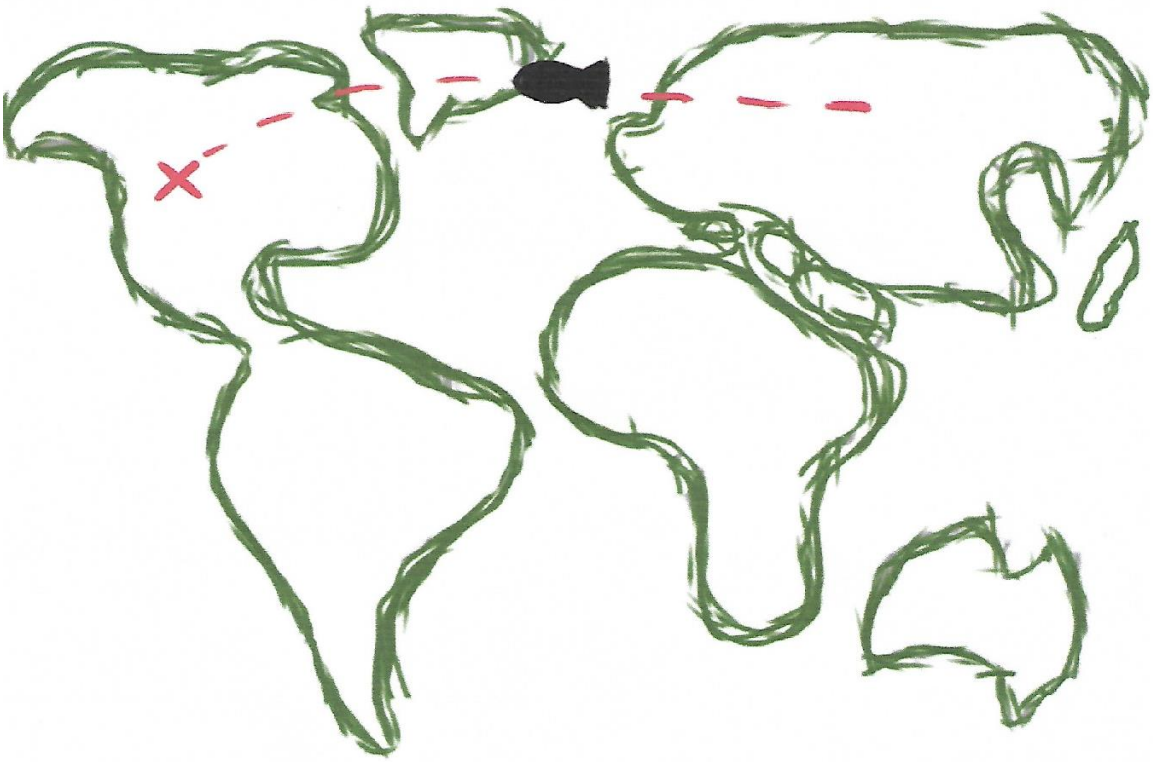
CHEGA!
MILITARES PRENDA-NO.

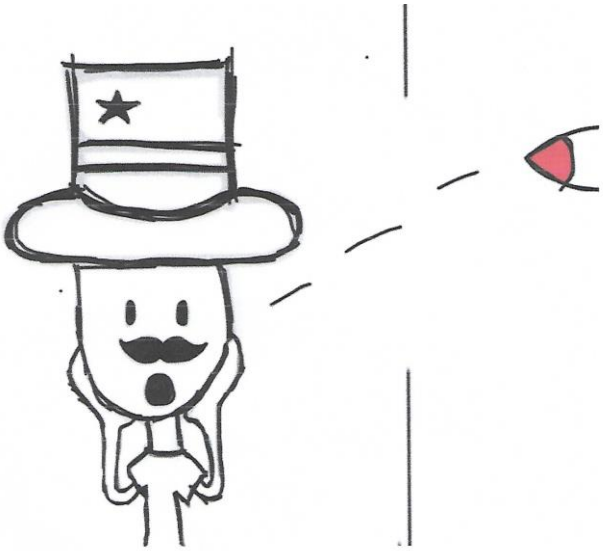


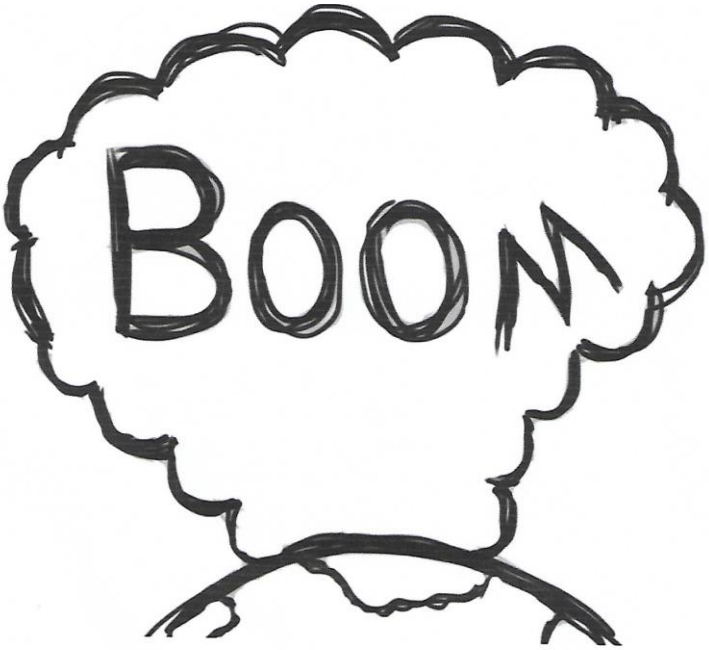




РАКЕТНО-ЯДЕРНый






BOOM

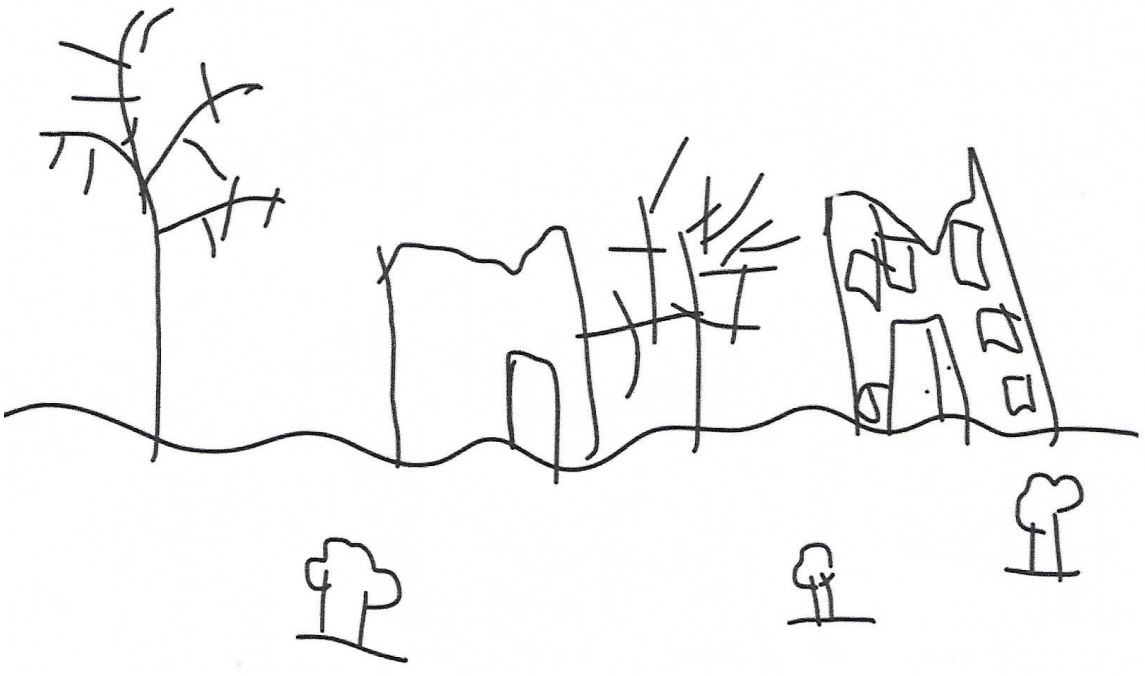


Figura ...

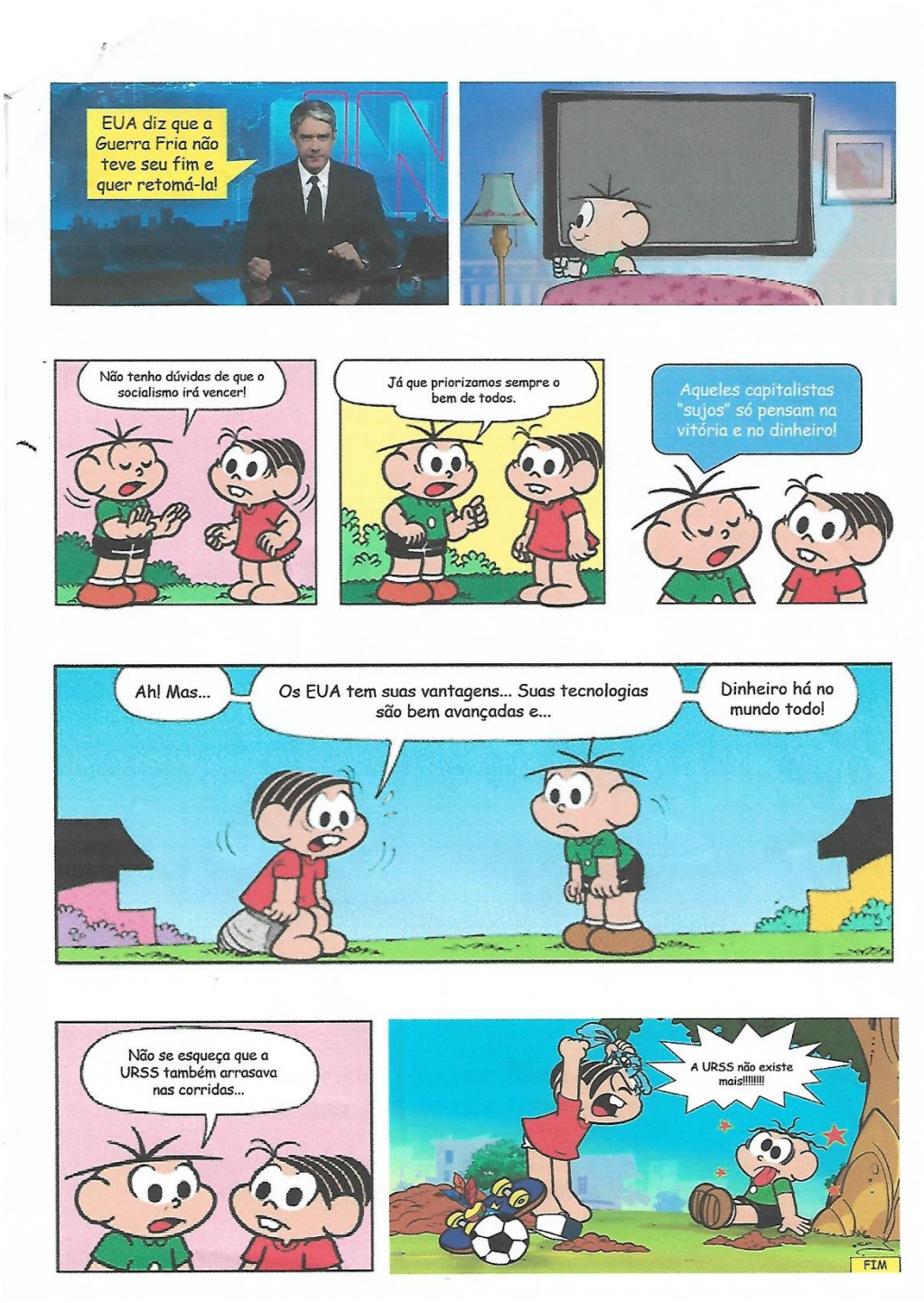
Fotos: minha

A proposta dos quadrinhos não exigiu que todos os trabalhos tivessem uma formatação padrão. Puderam os estudantes, desenvolver montágens com imagens extraídas de fontes on-line, colagens com personágens de revistas em quadrinhos onde modificavam a narrativa adaptando-as dendro do tema proposto.

Observe a montagem feita pelo estudante Gabriel dos Santos, 8° ano, Colégio Dom, 2017, em sequencia, montagem de Gabriela Tavares e Mariana Molina Santos.

Fonte: Elaboração próprio autor

Fonte: Elaboração próprio autor/ foto de revista abril – turma da mônica



Fonte: Elaboração próprio autor/ foto de revista abril – turma da mônica

Durente o congresso regional sobre prática de ensio de geografia, na Universidade Regional do Cariri, sertão do estado do Ceará. Neste tive um oportuno encontro com António

Marcos Gomes da Silva[35] (2018; 2020). Em suas incusrões pelo caminho do ensino de geograifa e arte, prof. Marcos estava nas etapas con clusivas de seu projetop de mestrado, desenvolverndo o trabalho que classifica como *Geozine*, mas afinal, o que um *Zine*?

Maria Vitória[36] (2020)

> "O zine ou A zine, sem definição de gênero! É uma proposta para artistas independentes poderem através da autopublicação expandir sua criatividade, conhecer pessoas e principalmente, dizer o que precisa ser dito através das diversas formas de expressar a arte como forma de resistência! [...] Eu escrevo sobre a realidade social de uma forma poética e subversiva!"

Prof. Marcos (*idem*), utiliza da liberdade literária do *zine* como uma publicação independente somando a esta categoria literária, um processo de ensino e prática em geografia, no qual, onde destaca o professor Emerno Ribeiro. Não tratar de um trabalho escolar completativo ou optativo para a composição de notas sometórias à média bimestral e sim compor o processo avaliatico como um todo. Questionando os critétios modernos nas quais são definidas notas por meio de provas e testes escolares.

No processo de criação e produção dos *Geozines* o autor destaca a o desenvolvimento da capacidade de criação e da autonomia, da comunicação oral e impressa independente. O que muito aproxima das atividades realizadas pelos estudantes do Colégio Dom, mesmo que a produção de quadrinhos que desenvolvemos antecipe ao trabalho metotológicamente desenvolvido pelo prof. António Martos e seus estudantes na região do Cariri. Porém seu trabalho fortalece teoricamente e metodológicamente as práticas de sensino de geografia em quadrinhos, tam como foram apresentadas.

Movimentos (des) harmônicos no cotidiano escolar, uma experiência de caso

No ano de 2016 trabalhei como professor de geografia com uma turma do 2º ano médio noturno do Colégio Dom.

Em meio aos estudos, abordamos eixos temáticos relacionados ao conteúdo posto no currículo para a série. Mesmo tendo como via de leitura o cumprimento do capítulo apostilado,

---

[35] Mestre em geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e atualmente professor do Departamento de Geografia – URCA/CE.

[36] Graduada em Literatura pela Universidade Federal de São Paulo e mestre em história pela Usp, e gestora do grupo de estudos sobre questões Étinico-Raciais a mesma universidade é editora chefe da revista Estranhamente, editora independente, sediada na cidade de São Paulo.

levantando debates com base em dados e características histórico-geográficas que marcam este processo também por outras vias.

Antes de apresentar o trabalho realizados pelos estudantes e a repercussão da intervenção performática, tenho algumas pontualidades intrigantes a dissertar nesta passagem.

O ensino médio noturno do Colégio Dom, oferecia um ensino privado a menor custo que o diurno. Uma grade curricular de cinco aulas diárias com aulas de quarenta e cinco minutos, enquanto o diurno oferecia aulas de cinquenta minutos em seis aulas diárias.

O colégio mantinha contrato com outra empresa, de material mais barato, mas que melhor encaixava com o curso. As apostilas tinham menos páginas, menos textos e figuras. As disciplinas comportavam menos aulas que o diurno.

Estes pontos geravam a ideia que o curso noturno era mais fácil de ‘passar de ano’, propagando comentários a certo modo negativos, como, ‘vai para o noturno aquele que não consegue tirar notas no diurno’.

Uma parcela dos estudantes matriculados no ensino médio noturno, tinham um histórico de repetência, notas baixas e má conduta disciplinar no período diurno do mesmo colégio e de outras escolas particulares da cidade.

Ademais recebíamos estudantes que por diversas razões preferiam frequentar as aulas noturnas. Jovens trabalhadores; com dificuldade para acordar cedo; com dificuldades de relacionamento; os que mantinham melhor dialogo com jovens de maior idade; aqueles com pontos de vista mais aguçados em relação aos estudantes da manhã.

Outros vinham com sérios problemas de convívio familiar, dificuldades psicomotoras, cognitivas entre outros casos. Tínhamos estudantes que sofriam do sentimento de isolamento e rejeição, que sofreram *bulling*, que carregavam algum tipo de transtorno a ponto de decidirem não mais ir à escola, a qualquer escola, pública ou privada.

De certa forma, o curso do ensino médio noturno, diferia de tudo o que eu já havia vivenciado enquanto professor por outras escolas. A proposta do Colégio Dom, defendida pela equipe gestora responsável pelo período noturno, consistia em abraçar estes estudantes, ofertar a eles uma boa escola.

Mais que propor um curso na busca do equilíbrio qualitativo e quantitativo ante o médio diurno e outras escolas privadas. A proposta de nossa coordenadora era oferecer um tipo de resgate social-escolar, onde os estudantes pudessem encontrar a si mesmo com os outros. Poder visualizar outros caminhos, dar sequência aos estudos, encontrar um espaço de trabalho e profissão de agrado a possíveis projetos de vida.

Nós enquanto educadores tínhamos que trabalhar contra o estigma de estudantes no

geral, defasados, fracos, menos capazes, indisciplinados, de serem ‘menos’ ante aos outros e ao senso comum que rotula o que é ser um ‘bom aluno’.

Precisávamos nós educadores planejar as aulas em vista de elevar o auto estima e não os deixar a aceitar a ideia que por si eram estudantes menores, esquisitos perante aqueles que cursavam a modalidade diurna.

Em cada sala-série abríamos espaço para um cotidiano não formal. Com uma turma do primeiro ano, abríamos um tempo para as ‘histórias do Digão e Katarina’. Pseudônimos usados para narrar acontecimento engraçados ou constrangedores vivenciados por um certo ‘amigo ou amiga’. Com outra turma, um espaço para *stand up* e piadas. Noutra sala, espaço para rodas de conversa e canções ao violão.

As aberturas não formais, fortaleciam a união entre os estudantes e mesmo nas sextas feiras, havia uma boa frequência, diferente do ocorrente em muitos colégios noturnos, sendo este dia da semana o ‘dia internacional dos matadores de aula’.

O professor Romero, docente da disciplina de filosofia, tinha sempre em seu bolso uma gaita, tocada nos entre espaços do pensamento, rodas de debate com autonomia de expressão sobre assuntos pertinentes à juventude.

Jailton, docente de história, desenvolvia nas aulas dramatizações em representações dos fatos históricos onde cada estudante assumia o papel de um grupo social ou figura histórica.

Na disciplina de língua portuguesa e redação, professora Ivana desenvolvia um sarau, onde os estudantes podiam expressar em livre escolha, movimentos corporais de dança, teatro, poesia, música ou arte.

Foi uma experiência marcante, onde muito aprendi a lidar com a diversidade e desenvolver a ideia que depois viria a compor o conceito de *olhar periférico*.

Intervenção performática

Se não me engano, estávamos em meados do segundo bimestre a estudar o processo da industrialização brasileira Entre os eixos temáticos, trouxemos ao debate uma questão que naquele ano esteve em destaque na mídia reportando o processo de privatização no Brasil. Aos modelos que seguiram a partir da década de 1990, pusemos a estudar, mesmo que sem a profundidade devida, a postura neoliberalista assumida e defendida pelo governo e pela grande mídia.

Ao levantarmos leituras abordando esta temática, realizamos conflituosos debates em sala de aula, onde os estudantes puseram e defenderam de frente suas opiniões. Os diferentes

pontos de vista à situação da indústria brasileira e das reformas trabalhistas que seguiam, mostraram atingir diretamente o futuro empregatício destes estudantes.

O surpreendente interesse dos estudantes envoltos ao assunto e os calorosos diálogos em sala de aula, abriram fissuras de pensamento. Nestas, propus aos estudantes que levássemos este assunto para outros espaços do colégio no exercício prático em realizar uma atividade de intervenção por meio de uma performance artístico representativa.

Vestidos em traje à rigor no tipo social fino e por meios diversos em livre escolha, pudessem os estudantes serem representantes de órgãos do governo ou empresários propostos a vender a cidade de Sorocaba.

Organizados em grupos ou individualmente, usando da simpatia maquiada e perfumada dos vendedores de imóveis e insistência atraente dos vendedores de eletrodomésticos das Casas Bahia. Iriam pôr à venda espaços e instituições públicas locadas na cidade de Sorocaba. Desenvolvendo e apresentando projetos de privatização, com técnicas de abordagem direta ao público, exposição de maquetes, panfletos, banners e outros meios de divulgação visual e sonora.

Um fator interessante e de grade relevância é que o ensino médio noturno do Colégio Dom, funcionava nas mesmas estruturas que abrigavam os cursos de história, pedagogia, filosofia e geografia da Uniso. Tendo as duas instituições a mesma fundação mantenedora.

A localização do movimento, punha em cruzamento os estudantes do ensino médio e os universitários. A faixa etária era próxima entre estes dois grupos, o diferencial estava no uso do uniforme como elemento identificador, sendo que os universitários possuíam livre acesso de entrada e saída do espaço da escola. O que era restrito aos estudantes do médio.

Os trabalhos foram apresentados no pátio central do Campus aos estudantes aos universitários do período noturno da Uniso – Campus Trujillo, e neste evento houve um acontecimento interessante. Em proposta, os estudantes, concordando ou discordando do modelo de privatização de órgãos e espaços públicos, estavam incumbidos de oferecer e defender a venda do objeto que optaram a representar.

Neste campus da universidade funcionavam cursos de ciências humanas como história, sociologia, filosofia, pedagogia e letras. Alguns dos universitários, principalmente do curso de história, causaram tumulto ao rebaterem veementemente os trabalhos, que os estudantes do ensino médio defenderam duramente. Procurando de alguma maneira ofertar e vender seus “produtos”, tendo como referência teórica, estudos sobre as políticas neoliberais para com a produção e uso do território. Também, estudamos passagens relevantes ao tema, sobre os princípios da república da sociedade privada, posto por Hardt e Negri, (2016).

O conflito é em si um movimento seguido da sociação entre os diferentes posicionamentos (SIMMEL, 2010). Conforme os diálogos vão tomando caminho por linhas flexíveis, vem a sociação, o entendimento mesmo que diferente entre as partes, abrindo possibilidades para novas formas de pensar a prática social e o fazer pedagógico.

Figura 11 – Privatização da Praça Central da cidade de Votorantim, espaço de lezer público Parque e da empresa de urbanização, organização do trânsito e transporte público URBES da cidade de Sorocaba – SP .

As imagens abaixo a estudante representa a privatização do bairro Parque Bela Vista, na cidade Votorantim, cidade conurbada a Sorocaba ao fundo, cartaz representando a privatização da polícia civil. Em outra (imagem inferior), as estudantes representaram por meio de uma maquete topográfica, a çprovatização da cidade de Sorocaba.

A intervenção elám do conflito e sociação, trouxe cores em movimentos outros para o gélido e cinzento pátido central. Acalorou o diálogo entre os estudantes do ensino médio e os uniniversitários, como também os professores das duas modalidades.

O não uso dos uniformes, o traje fino e a abordagem técnicamente ensaiada com emnasamento teórico, pôs os estudantes do médio em pé de igualdade com os universitários. Pudemos ver em seus olhos o vigor potencial do conhecimento, da arte e do discurso político na construção da autonomia e da defesa do pensamento livre.

Mesmo que a ideia propostra no projeto da intervenção estivesse baseado em defebder a todo vigor a venda da cidade, durante as abordagem e os calorosos diálogos, cada grupo ou cada estudante teve a oportunidade de expor realmente seus pontos de vista e explicar que o exercício era mesmo impactar, desconfortar, (des) construir o marasmo do cotidiano vertical e rigoroso do controle do moviento do corpo e autonomia de pensamento.

Livros mortos

Aulas de geografia, não podem reproduzir conteúdo ou questões tendo como norte unicamente, completar a programação de um livro-didático ou como se diz “vencer o conteúdo”. Sendo a geografia uma ciência dedicada ao estudo do espaço, seu ensino não pode ser definido por contextualidades já configuradas, ora pois, o espaço é fluido, desde as menores organizações moleculares do mundo físico, biológico ou antrópico.

A cada dia temos de reorganizar nossa maneira de ler o mundo que reconfigurado continuamente e, exige-nos uma constante reinterpretação dos fatos, das novas máscaras sociais, das novas configurações territoriais. Ausente de conceitos próprios da geografia e de leituras filosóficas. Logo, podemos acertar ao dizer que seguir a cabresto a sequência dos conteúdos curriculares, impressos e reimpressos, ano a ano. Numa mesma orientação didática, num mesmo objetivo, num mesmo procedimento de reproduzir diariamente, uma geografia morta que explica um mundo morto, extraído de um livro morto.

O espaço escolar é acima de tudo um espaço de criação coletiva. Não estou ignorando o uso dos livros didáticos e seus conteúdos, mas que é possível (des) construí-los, (des) organizá-los e melhor ainda (re) organiza-los em outras leituras.

A instalação representada nas imagens abaixo, foi realizada juto aos estudantes do 1º semestre curso de geografia da UNISO, na disciplina de epistemologia da geografia no ano de 2015. Onde propusemos confeccionar caixões preenchidos com livros didáticos e mapas. O

ambiente sombrio iluminado a luz de velas ao fundo sonoro de filmes de terror.

Figura 12 – Confecção de caixões preenchidos com livros didáticos e mapas, representando a geografia estática e calada presente nos livros didáticos e mapas confeccionados de maneira acrítica e descompassada ante o movimento do mundo.

Fonte: Elaboração próprio autor.

Insisto no argumento da imprevisibilidade do acontecimento no espaço tempo de uma aula, que podem ser ainda mais surpreendentes quando potencializamos atividades de valoração em processos criativos.

Deu que nesta na noite que os estudantes expunham seus trabalhos tipo uma instalação, surpreendentemente sem nenhum tipo de convite ‘apareceram’ na universidade o geógrafo Emerson Ribeiro e o cartógrafo e professor alemão Jörn Seemann.

Um exemplo claro da imprevisibilidade de uma aula, potencializada pela intervenção criadora do instante. Ambos professores da Universidade Regional do Cariri, interior do estado do Ceará e participantes do grupo de estudos Geografia e Criatividade coordenado pelo prof. Emerson.

Ambos apreciaram a instalação, conversaram com os estudantes, prof. Jörn Seemann trouxe em sua bolsa alguns exemplares de um recente livro que acabara de publicar. Alguns estudantes o compraram e tive a honra de receber um exemplar, autografado pelo autor e com dedicatória das estudantes Raquel e Cíntia que me presentearam.

O imprevisível converte em acontecimento e deste este livro encontrei fissuras para pensar outras experimentações posteriormente postas em prática. Lembrando que a prática inspirada em um livro ou obra de arte, não deve ser uma cópia, mas uma outra maneira de fazer acontecer um exercício criativo.

As atividades representadas nas imagens, trazem possibilidades de criar sobre os conteúdos e currículos verticais. É possível explorar outras geografias, significantes e potencialmente inovadoras. Não podemos nos render à estrutura e obedecer às normatizações sufocantes que extraem a vontade de ser você mesmo e expor seu processo criativo me representações, ora fiéis, ora fantásticas, mas ambas são leituras de mundo real e criar outros mundos possíveis.

O *olhar periférico* no ensino de geografia, significa ao professor de geografia transpor as linhas de sua formação e da geografia escolarizada. Abrindo fissuras, linhas de fuga onde pode observar e melhor ainda, adentrar ao que é marginal, ao movimento lento e potencialmente poderoso dos sujeitos ocultos, subterrâneos em seus lugares opacos.

Cartografias mentais

As representações espaciais, como nos apresenta Seemann (2006; 2012) escapa ao tradicionalismo do ensino de geografia baseado na reprodução e interpretação de cartas pré-elaboradas e politicamente direcionadas a pontuar respectivos locais. Caindo e reproduzindo o espaço na tricotomia homem-economia-natureza, que Moreira (2012) julga ultrapassada em dar conta às novas representações do espaço contemporâneo.

O que venho a expor são linhas e formas fluidas nas quais os estudantes podem representar o espaço a partir daquilo que o traz significatividades calcadas no cotidiano e projeções de espaços futuros ou vindas do plano das ideias, fissuras do pensar livre e autônomo.

Em um exemplo de práticas de ensino de geografia com estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental II (6°s e 7°s anos), procuro enfatizar a leitura cartográfica em múltiplas possibilidades de interpretação e reprodução.

A figura abaixo exibe uma atividade onde estudantes, com o uso de telefones celulares e também por computadores, aprendem a utilizar o programa Google Earth e seus recursos, procurando enfatizar a leitura espacial via satélite. Porém, antes disso, propus como na ocasião, a reprodução de um mapa mental, exibindo originalidade na formulação de legendas e destaque aos locais significativos ao cotidiano. A exemplo, a casa de colegas, o vizinho chato, a “menina

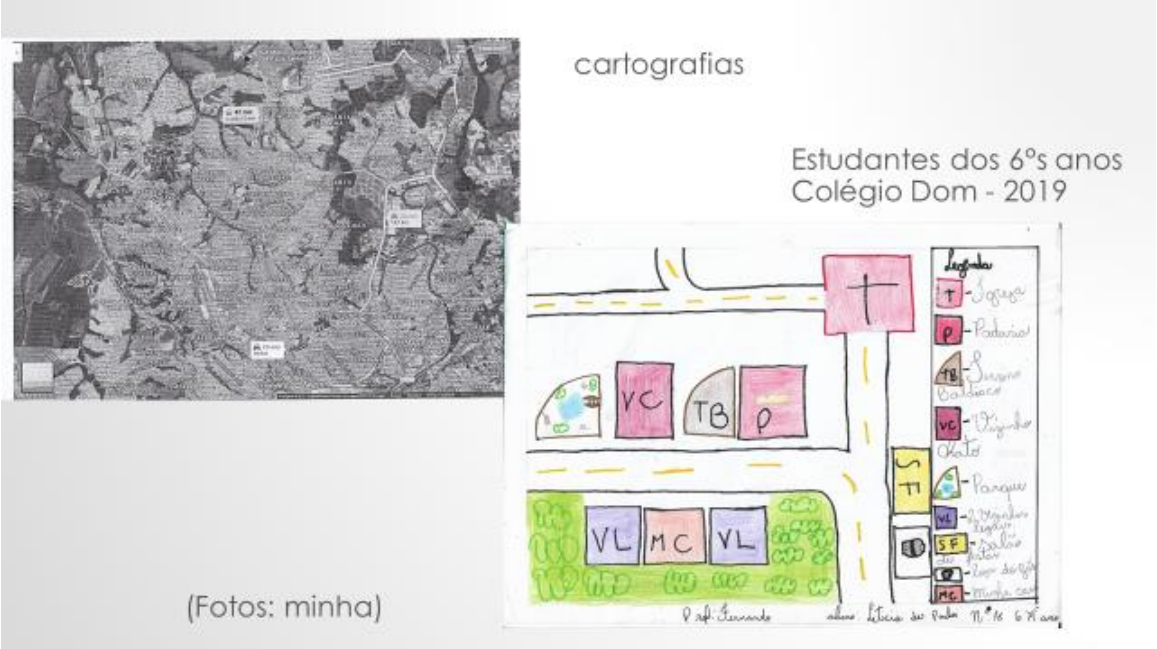
metida da rua”, a casa do “crush” (temo que utilizam para identificar a quem possuem afeto especial), o lugar do cão bravo.

As representações são diferentes mesmo que estejam os estudantes a habitam um mesmo lugar, porém é interessante observar as diferenças entre mapas de estudantes de áreas rurais, periféricas, centrais, classe econômicas, condições ambientais e pontos de referência. Bares, lojas, postos de saúde, vielas, ‘biqueiras’, igrejas, comércios, outros.

Cada estudante expõe e destaca o que lhe comporta cognitivamente sua interpretação do cotidiano, seus locais de influência, permanência e de passagem, locais que lhe trazem medo, alegria ou esperança.

O exercício desta figura requer que estudantes consigam circular as áreas de passagem na imagem via satélite, na outra a representação de seu espaço de vivência.

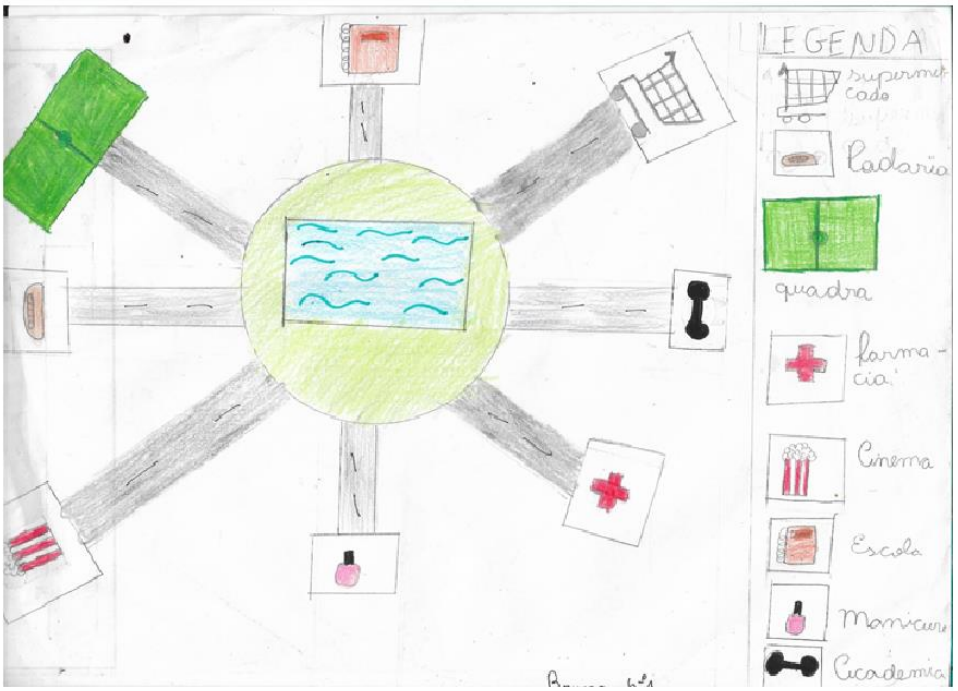
Figura 13 - Cartografias



Fonte: Elaboração próprio autor.

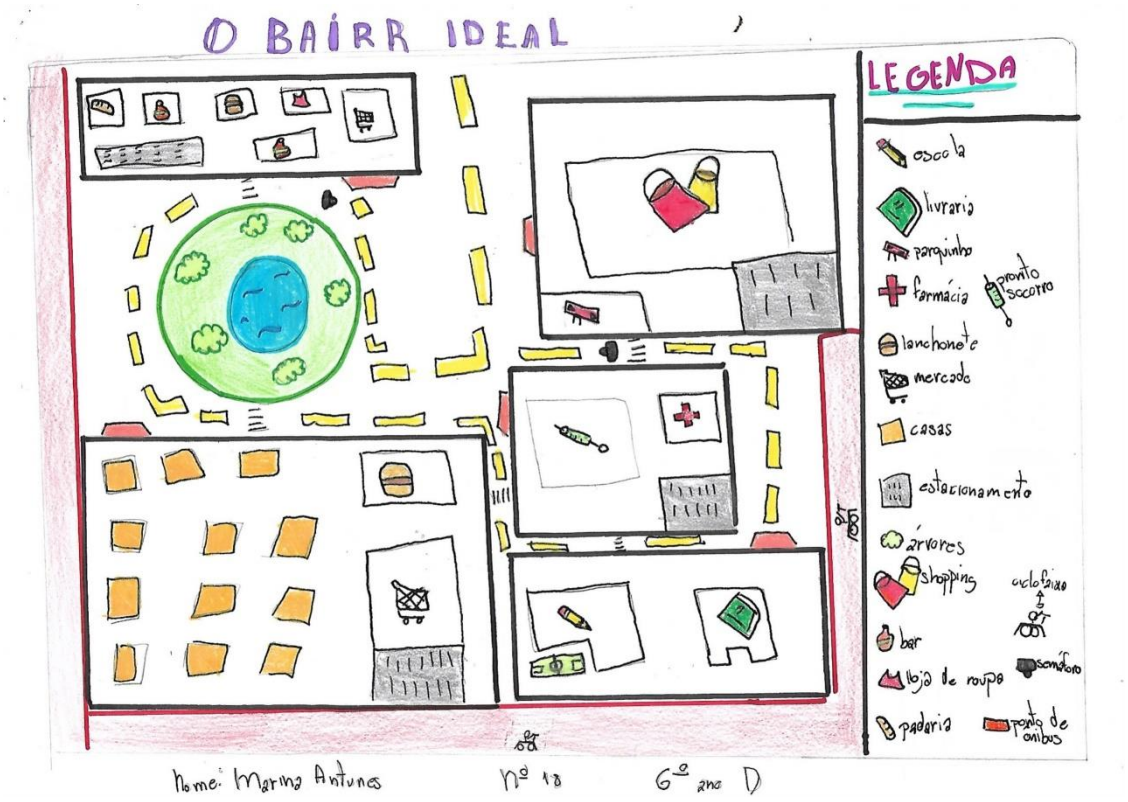
A representação cartográfica a seguir, foi realizada por estudantes do 7° ano da escola estadual Joaquim Izidoro de Almeida ano de 20, onde estou como professor titular de cargo. O exercício resume no estudo do espaço em vista das políticas de planejamento urbano, diante da crítica que a produção do espaço da cidade exclui a palavra dos jovens. Como estes fossem incapazes de propor a produção de um espaço comum ao bem-estar de todos, um bairro ideal, no sentido das ideias como plano para projeto futuro.

PLANEJAMENTO URBANO

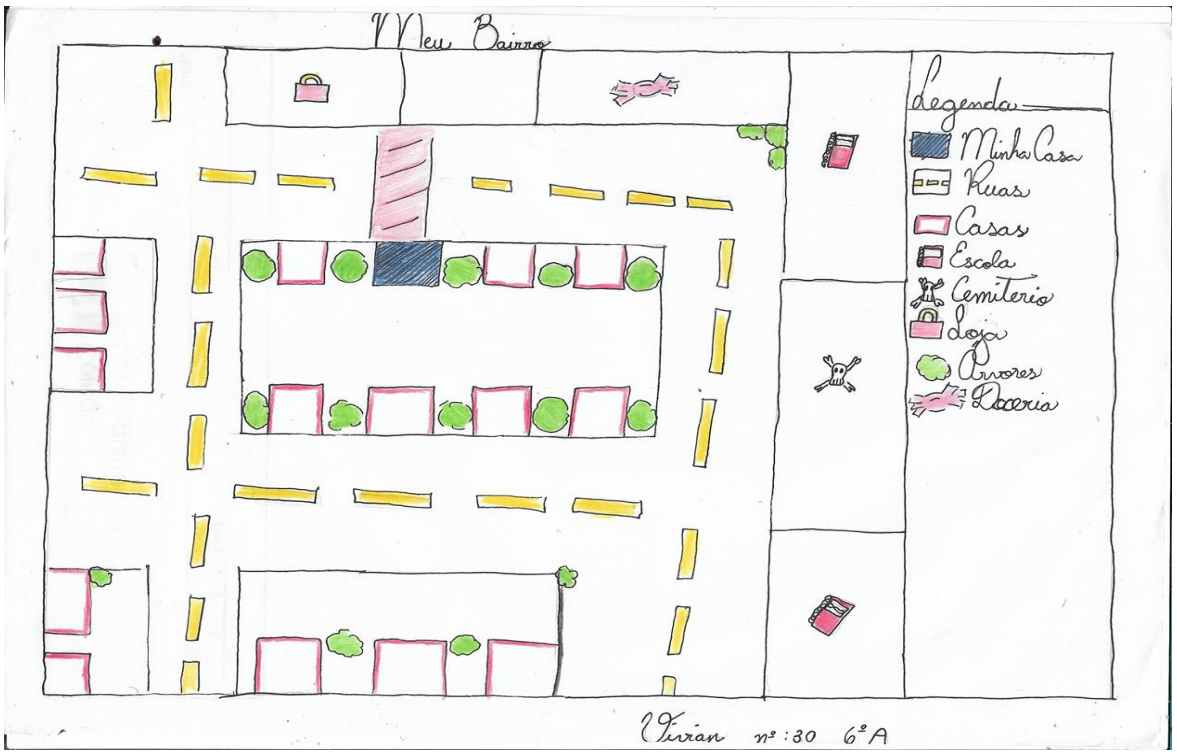


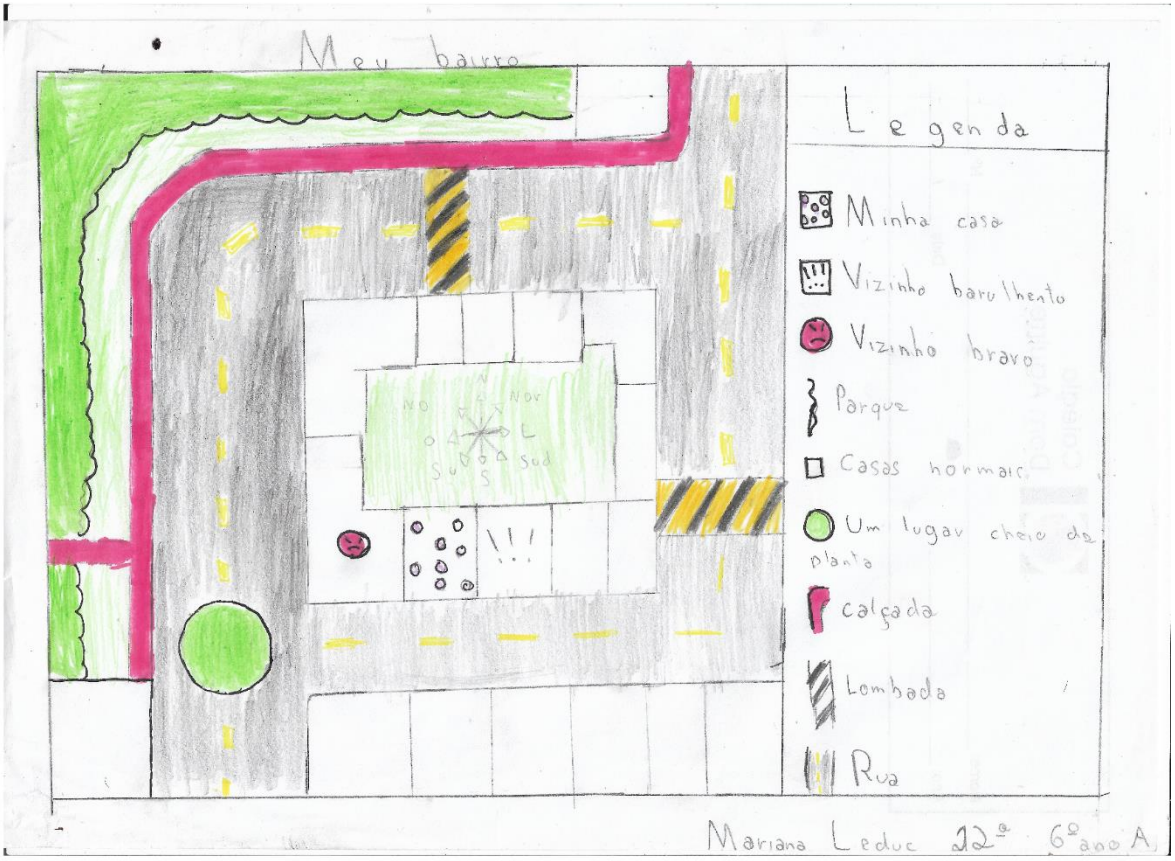
Com estudantes dos 6°s anos do Colégio Dom (2018), tivemos como proposta de exercício a criação de uma ilustração cartográfica de um bairro ideal, tendo o uso da palavra ideal calcada no reino das ideias e representações mentais. Estas coniventes com o que cada estudante entende como ideia de um projeto futuro de lugar de vivência da inclusão.

Uma observação interessante, que não é o caso da carta abaixo, é que na maioria dos trabalhos não comportava a localização ou representação panorâmica de espaços de educação escolar. Por que será? Temos aí repertório para outra pesquisa, mas que agora não nos vem ao caso.



Em sequência, temos trabalhos de representações mentais do bairro onde moram cada autor, enfatizando por cores e linhas livres o lugar de vivência e habitação.




Meu bairro
Legenda
Minha casa
Vizinho barulhento
Vizinho bravo
Parque
Casas normais
Um lugar cheio de planta
calçada
Lombada
Rua
Mariana Leduc 12ª 6º ano A

Mapa do bairro
casa
minha casa
arvore
ruas
grama
Nome: Mellane C. C. nº20 6º ano: C

Corpos geossensitíveis

Imprevisibilidade, termo que acompanha a prática docente seja onde aconteça, dentro ou fora do espaço escolar. Em novembro de 2019, num seminário organizado pela professora Alda Romaguera, dentro da proposta que desenvolve entorno das atividades que caracterizam os movimentos do grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar. Entre um dos palestrantes esteve o professor Wenceslau de Oliveira Junior, que apresentou práticas que envolvem cinema e geografia.

Quando aberto o espaço para perguntas, fiz uma questão ao prof. Wenceslau, que respondeu de uma maneira muito intrigante. Decerto não recordo sobre a questão, mas lembro bem sua reposta. O professor livre-docente da Unicamp reponde com outra pergunta: “O que você sente enquanto levanta esta questão? ”, repondo, “sinto um pouco de medo no aguardo de sua resposta”. Novamente professor Wenceslau pergunta: “ Onde você sente esse medo? Em que lugar do corpo estas suas emoções são sentidas? ”, respondo, “na barriga”.

Ou seja, nosso corpo é enfim um espaço geográfico que nos expressa sentimentos e emoções na pele, no órgão distribuído em diferentes regiões do aparelho humano.

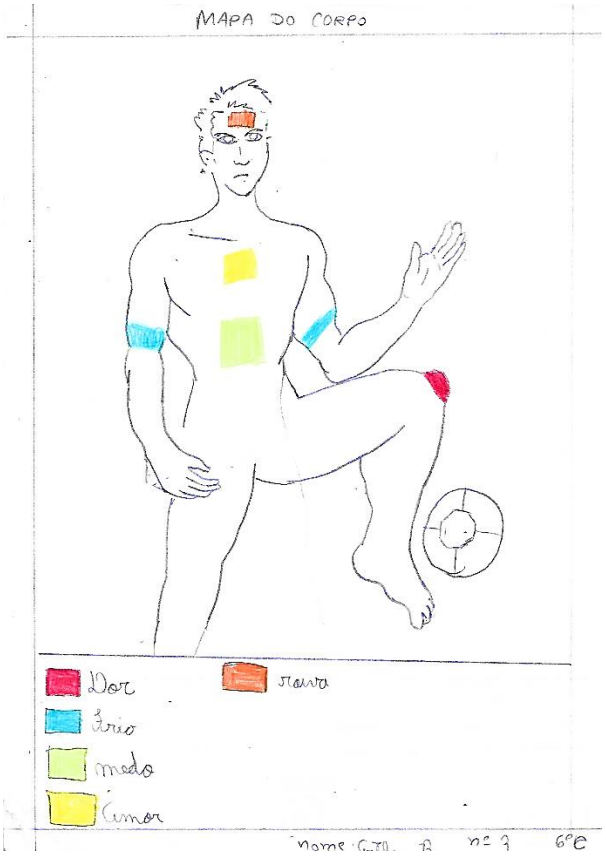
Levo este aprendizado para a sala de aula e a desenvolvo com os estudantes dos 6°s

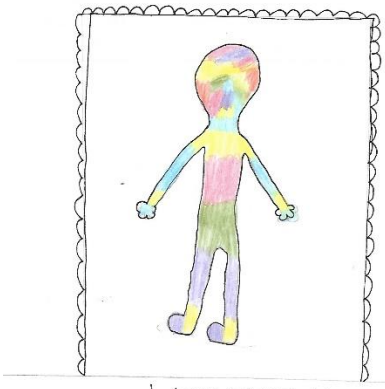
anos do Colégio Dom, propondo que por meio de desenhos a mão livre, representassem cada um seu corpo, em avatares ou outras formas figurativas onde pudessem cartografar suas emoções. O exercício foi por demais interessante ao ato que pudessem localizar livremente suas emoções, sentidos e sensações.

Apresento aqui alguns destes mapas *geossensitíveis.*

Figura 14 - mapas geossensitíveis

Fonte: Elaboração próprio autor

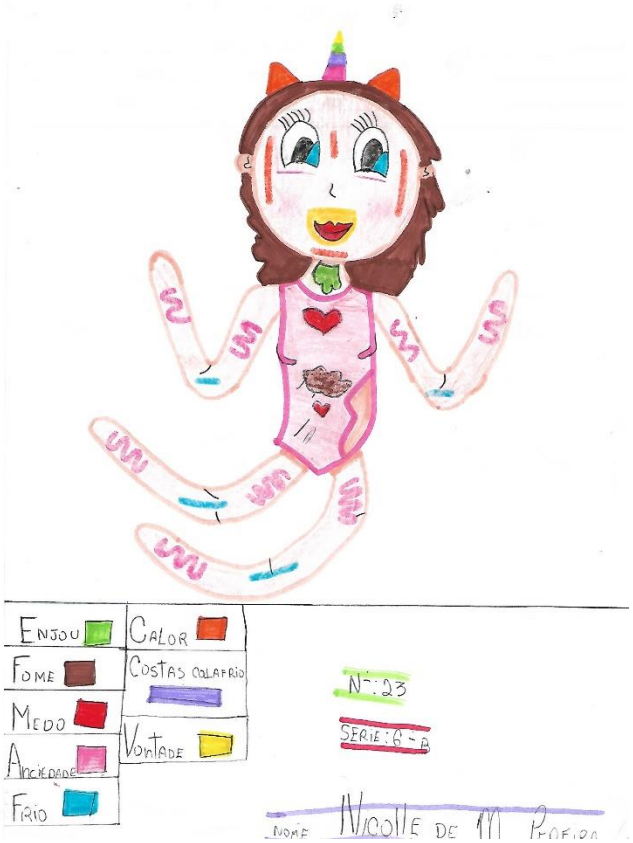




LEGENDA

FRIO
DOR
ALEGRIA
AMOR
RAIVA
MEDO

Lorena 6ºB.



Outras geografias de ensino

Relembrando a expressão de Deleuze *há toda uma geografia nas coisas*, as práticas de ensino que olham perifericamente não são e nem devem ser exclusivas da geografia escolar. Uma grande diversidade de movimentos que por outras disciplinas, permitem questionar o mundo artisticamente, no desenvolver da sensibilidade crítica sobre o mundo, com postura política ante os fatos que demostram as malesas do capital sobre os territórios.

Ao andar pelo corredor do Colégio Dom, deparo com uma exposição intrigante. Eram desenhos livres que espremiam com profundidade incrível os ‘desastres’ ambientais ocorridos no estado de Minas Gerais nas cidades de Brumadinho e Mariana. O rompimento de duas represas de mineração gerenciadas pela empresa Vale, causaram centenas de mortes e a devastação de gigantescas áreas de ocupação humana, contaminação do solo, dos rios e suas margens, suas jusantes, entradas de mar, mangues e longínquas áreas costeiras.

Crimes ambientais que sequer sofram punidos, que destruíram o habitat de famílias e distintas espécies da vida terrestre a aquática.

Sobre o fato. Na tarde de 05 de novembro de 2015 o rompimento de uma barragem de descarte fluido da mineração do ferro, construída e administrada pela empresa Vale, ocasionou o maior desastre ambiental do Brasil de incalculável prejuízo social e ambiental.

Mariana é um exemplo trágico da consequência da morosidade do Estado e da justiça federal brasileira, junto a ação irresponsável de empresas que operam no território com técnicas de baixo custo operacional, ignorando os riscos ambientais e impactos sociais.

Três anos após a tragédia, as áreas diretamente afetadas pela lama tóxica ainda estão devastadas. Os afetados diretamente e indiretamente não foram indenizados, a bacia do Rio do Peixe[37] apresenta contaminação da água e do solo, famílias de pescadores e agricultores seguem sem sustento.

O governo, a justiça, a mídia, abafaram o caso e jogaram os mortos no esquecimento. A empresa e a comissão de investigação tomaram em nota que sim, a barragem poderia ter uma estrutura melhor, mas o fator condicionante atribuiu-se às chuvas que ultrapassaram os níveis pluviométricos do comportamento climático considerado "normal" para a região. Ou seja, sim o homem tem participação no conjunto de fatores que levou à tragédia, mas a culpa é da natureza e seu comportamento indomável.

Responsabilizar o comportamento indomável da natureza foi assumir o desastre de Mariana como causalidade e a causalidade é enfim entendida banalmente como uma obra do destino.

Se a tragédia fosse tratada como deveria, com intenso esforço do Estado e da Vale, investigando seriamente outras instalações semelhantes, organizando redes de trabalho em múltiplas frentes para estudar os danos e traçar metas na recuperação das áreas atingidas. Ressarcindo legitimamente os danos causados às populações afetadas e garantindo subsídios justos a aqueles que sobreviviam diretamente do rio de modo que não abandonem seus lugares e suas histórias.

Os engenheiros, técnicos e executivos que autorizaram a obra cumpriam pena por assassinato. Teríamos assim a segurança civil e a proteção do Estado ao cidadão, a investir no desmonte das tantas obras que sofrem do mesmo risco em que outras tragédias pudessem ser evitadas. A esperança não está em ter fé no destino, mas sim acreditar e que a humanidade possa aprender com seus erros e fazer trilhar outros caminhos.

---

[37] Segundo reportagem publicada por Juliana Baeta pelo jornal independente *O Tempo*, a área afetada pela contaminação atinge diretamente 230 municípios que ocupam as margens do Rio do Peixe em uma área de 86 km², que abastece uma população predominantemente rural e de pescadores, entre a extensão da área do desastre à foz como a área de confluência com o mar, a contaminação do solo e subsolo é tamanha que André Buschi, biólogo e coordenador um grupo de pesquisadores da UFMG e da UFES, resume em uma palavra "imensurável".

Curiosamente, na manhã de 25 de janeiro de 2019, escrevendo neste texto sobre a tragédia de Mariana, escuto na tv o noticiário a anunciar o rompimento de outra barragem, construída nos mesmos padrões de Mariana pela mesma empresa, no mesmo estado de Minas Gerais.

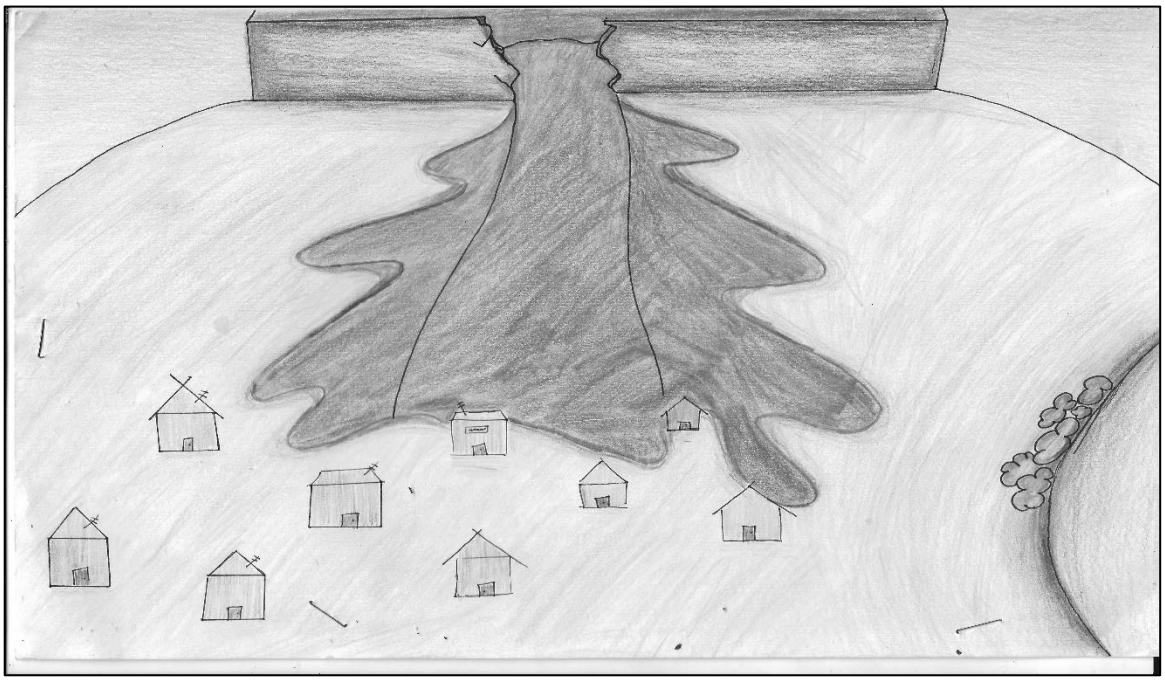
A ‘tragédia’ de Brumadinho não abrangeu uma área tão grande quanto Mariana, mas os consequencias ambientais e humanas foram terríveis, com um número até agora de 233 mortos e 37 desaparecidos, a caso foi tratado como espetáculo e como todo espetáculo tem hora para acabar, tal como ocorreu em Marina, Brumadinho cai no esquecimento.

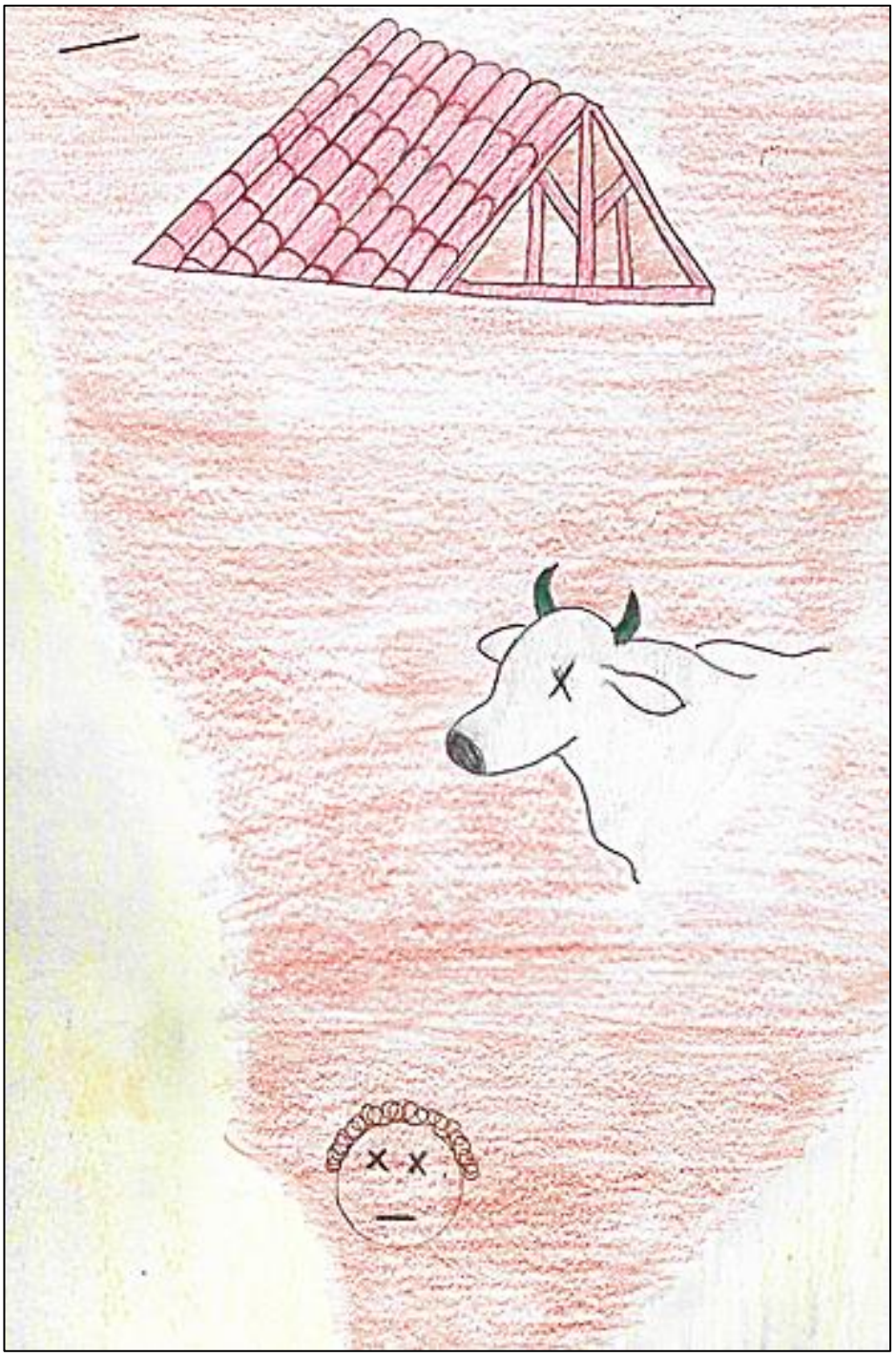
Há um jargão popular diz que “o brasileiro tem memória curta”, porém, não há como esquecer as tragédias ambientais, as chacinas milicianas, os acordos governamentais com o capital especulativo a entrega de empresas estatais de importância estratégica a “preço de banana” para grupos estrangeiros como a Vale.

O processo da venda da mineradora estatal, que revelou um grande esquema de propinas e espionagem, grampos e escutas telefônicas monitoraram os envolvidos na licitação que acabou favorecendo o capital especulativo. O ocorrido no caso da Vale não difere do movimento entre o Estado e o capital privado na construção de Belo Monte. Milton Santos (apud TENDLER, 2007) a respeito da venda da Vale, aponta que houveram manifestações populares e enfrentamentos que foram tratados como pela mídia como fatos isolados.

A população anestesiada pelo cenário criado em torno do Plano Real, estava animada diante da ilusão da moeda forte e da elevação do poder de compra do brasileiro. Logo, ao não resistirmos contra as fabulações acabamos permitindo que o capital especulativo tome o controle do território imune a série de imprudências que somente nestes casos aqui relatados, levaram a morte de centenas e dos tantos que perecerão em virtude das múltiplas consequências do abandono.

O trabalho desenvolvido pela professora de ciências com os estudantes dos 7°s anos, revelam profundamente, sem palavras ou textos pré explicativos. Estes desenhos tocam, chocam e sensibilizam.





Práticas de ensino são exercícios de inserção em fissuras do espaço tempo, onde podemos explorar o inesperado acontecimento do imprevisível. Desenvolver um *olhar periférico* no cotidiano do espaço escolar não significa levantar bandeiras ou barricadas, nem buscar o confronto contra o capital e o Estado agenciado às perversidades.

Em tese olhar perifericamente corresponde a desenvolver a capacidade de questionar a realidade vivida no cotidiano do movimento-mundo, dos fatos que nos são apresentados em representações da realidade. Este exercício requer estudo, aprofundamento teórico docente aberto a aprender com o e como o estudante o mundo vivido, com ele descortinar a realidade aparente. Desconstruir as fabulações para observar e sentir a realidade vivida e sentida no corpo, tendo no outro, um espelho para pensar sobre si mesmo.

Pode o educador abrir seu espaço de visão sobre o educando dentro e fora do espaço escolar, buscar um conhecimento periférico que não está presente nos livros didáticos, manchetes de jornais, mensageirias virtuais televisivas informacinalizadas.

Devemos nós educadores enquanto estudantes e estudantes enquanto educadores organizar um pensamento geográfico e raciocinar sobre o mundo, criticamente, politicamemte voltado ao *bem estar comum.* E isso não é fácil. Requer ousadia e criatividade. Não podemos nós enquanto educadores empurrar uma postura política contrarracionalista, por um discurso vertical. Pois, estaremos desviando de uma pedagogia da autonomia, como defendemos neste texto.

Assim, buscamos na arte a capacidade de explorar um outro olhar sobre o mundo que nos rodeia e ao qual estamos inseridos. A arte aproxima as pessoas e impulciona o pensamento criativo livre e autônomo. Ela não necessita ter um sentido ou explicaçao plausível, basta fazer que sua prática levante os animos calados e ocultos dos educandos, trancados, calados e punidos a permanecer trancados na imobilidade de uma sala de aula que aprosiona e mata o ser.

Somos todos parte desta gigantesca nave espacial planetária a qual nominamos Terra, parte integrante de um conjunto fluido de particulas moleculares e muitos outros elementos cósmicos, revela um *olhar periférico* estando nós na periferia galaxial da Via Láctea. Perceber o movimento-mundo do lado de fora pensando-o pelo lado de dentro.

Dentro do corpo, fora do corpo, entre o tempo e espaço do lugar, no lugar nenhum, posto a pensar o porvir, projetando o movimento futuro do mundo melho no coletivo de nossa ancestralidade compartilhada em rumo à properidade do possivel.

6 CONSIDERAÇÕES

> "É preciso explicar por que o mundo de hoje, que é horrível, é apenas um momento do longo desenvolvimento histórico e que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições. E eu ainda tenho a esperança como minha concepção de futuro".

Jean Paul Sartre

Sartre publicou originalmente o prefácio da obra de do sociólogo martinicano Franz Fanon em 1961, que fosse escrita um século atrás, seu conteúdo carrega um forte sentimento de luta por um futuro possível, que suplantaria a difícil realidade vivida entre os povos latino americanos, africanos e os povos do oriente médio, extremo oriente, sul e sudeste asiático, realidade soaria a ecoar os ânimos das comunas de Paris em 1871, tal ecoa aqui neste texto.

Convivemos cotidianamente em um modelo de escola que a muito não nos serve, representante de um Estado que também não nos serve. Neste trabalho estamos a assumindo posição de combate, do 'bom combate', estamos a confrontar a lógica financista das políticas monetárias que buscam nas mais perversas formas de violência capitalizar a experiência humana.

Combater a grande mídia e suas indústrias de fabulações, que mercantilizam nossa percepção objetiva da realidade, industrializa a subjetividade, domestica a arte, escraviza o desejo e mata a vontade humana. A faixa introdutória do álbum do Da lama ao caos de Chico Sience e Nação Zumbi (1994) abre o álbum com a seguinte reflexão musicada a som de tambores

MONÓLOGO AO PÉ DO OUVIDO

(Música)

Modernizar o passado
É uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui?
Não preciso delas
Basta deixar soando bem aos ouvios

O medo da origem é o mal
O home m coletivo sente a necessidade de lutar
O ódio, a ganância, a arrogância,
Enchem o coração de domínio,
São demônios os que destroem
O poder bravio da humanidade

Viva Zapata, viva Sandino, viva Zumbi,
Antônio Conselheiro,
Todos os Panteras Negras
Lampião sua imagem e semelhança ...
Eu tenho certeza eles também cantaram um dia.

Chico Sience e Nação Zumbi (1994)

O trecho da canção apresentada tem uma leitura perspicaz da contemporaneidade, modernizar o passado não significa retomar caminhos já trilhados, desprender das notas significa escapar às regram e compor a partir de elementos do passado, do presente uma nova experimentação que escapa à repetição encontrado em nossas origens o sentimento coletivo que acalora e fortalece a união. Ernest Hemingway escritor estadunidense, publicou em 1940 o livro Por quem os sinos dobram, considerado um dos percursores do estilo que transpõe na narrativa o verídico e o ficcional.

Neste romance, o autor narra sua participação durante a guerra civil espanhola enquanto repórter jornalístico, vivenciando um episódio em que republicanos e

nacionalistas se enfrentaram por três dias em um pequeno flanco. Hemingway reporta ao texto o questionamento sobre homens que matavam uns aos outros, não mais podiam enxergar o ser humano naquele que um dia sentaram juntos, conversaram. Em que o fator ideológico pelos quais lutavam é maior que o valor da vida que um dia compartilharam? Raul Seixas (1945-1989), influente até hoje no cenário musical brasileiro, gravou em 1979 a canção Por quem os sinos dobram contendo, faixa homônima do álbum no qual aborda sobre as sectarizações ideológicas construídas por conjuntos de subjetivações externas que fragmentam nossa identificação com o meio.

POR QUEM OS SINOS DOBRAM

(Trecho de Música)

Nunca se vence uma guerra lutando sozinho
Cê sabe que a gente precisa entrar em contato
Com toda essa força contida que vive guardada
O eco de suas palavras não repercutem em nada

É sempre mias fácil achar que a culpa é do outro
Evita aperto de mão de um possível aliado
Convence as paredes do quarto e dorme tranquilo
Sabendo no fundo do peito que não era nada daquilo

Raul Seixas (1979)

O distanciamento humano deve ser combatido através e não há situação melhor de aprender a ação coletiva do que agir coletivamente, capaz de romper às bandeiras ideológico-partidárias em vista do bem comum. Por isso a ideia do movimento é importante, a organicidade institucional da repetição emburrece e limita a experimentação do novo. Não quero dar a impressão de que devemos apertar a mão de todos alheios às suas práticas e posicionamento político.

Ou se está em favor do coletivo, ou em favor do capital, pois o capital não é um bem coletivo e defende-lo é defender o interesse e cooptar com as atrocidades cometidas e justificadas em seu nome. Mas a questão maior são nossas divisões internas que cada vez mais se acentuam, embora um movimento ruidoso (MOREIRA,

2011) emana dos subterrâneos, imperceptível até mesmo naqueles que constroem a resistência sem um projeto de coordenação, mas em por isso desorientadas.

Em 2017 fui junto ao pessoal do sindicato dos professores a uma manifestação contra a reforma trabalhista imposta pelo governo golpista assumido por José Temer, um pacote de medidas claramente desvantajosas aos trabalhadores. Quando chegamos na avenida paulista por volta das 17h estavam lá milhares de pessoas e que aos poucos chegavam mais e mais. A multidão aglomeravam em torno de carros de som e de seus segmentos sindicais, o presidente do sindicato dos professores de Sorocaba distribuiu ao nosso grupo camisetas e bonés da CTB Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, com a qual nosso sindicato é filiado.

Receosamente peguei o pacote por aversão aos sistemas de organização partidários predominantemente verticais. Mas como uma questão de pertencimento de grupo e para melhor nos localizarmos na multidão, vesti o pacote. Incomodante por um tempo, não demorou a perceber a diversidade de outras camisas estampadas sob outras legendas e entre elas transitei, conversei e encontrei com pessoas e grupos. Sentei-me junto a um grupo do MST e com eles comi, catei com mulheres de rostos pintados que cantavam histórias que não são contadas pela história do homem. Conversei com jovens estudantes e trabalhadores distintos, apresentando-me e dizendo a que vinha, aguardava a resposta que consonantemente diversas, mostrava uma união descentralizadora.

Movimentos autônomos ou orgânicos em uma massa alegre e ao mesmo tempo indignada que estava lá para mostrar que não somo muros em branco e que podemos nos unir e nos organizar de modo fluido mesmo dentro da estrutura. Que lutam a boa luta, mas que, sofrem a perseguição, discriminação, acusação de serem responsáveis pelos problemas contemporâneos.

Porra, eu 'to confuso, preciso pensar
Me dá um tempo pra eu raciocinar
Eu já não sei distinguir quem tá errado, sei lá
Minha ideologia enfraqueceu:
Preto, branco, polícia, ladrão ou eu
Quem é mais filha da puta, eu nem sei!
(E aí fudeu) fudeu, decepção essas hora
A depressão quer me pegar vou sair fora

Dois de novembro era finados, eu parei
em frente ao São Luís do outro lado
E durante uma meia hora olhei um por um
E o que todas as senhoras tinham em comum
A roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura
Colocando flores sobre a sepultura
Podia ser a minha mãe, que loucura!

Cada lugar uma lei, eu tô ligado
No extremo sul da Zona Sul tá tudo errado
Sim, aqui vale muito pouco a sua vida,
Nossa lei é falha, violenta e suicida
Se diz, que me diz que, não se revela
Parágrafo primeiro na lei da favela

Legal, assustador é quando se descobre
Que tudo deu em nada e que só morre o pobre
A gente vive se matando irmão (por quê?)
Não me olhe assim, eu sou igual a você
Descanse o seu gatilho, descanse o seu gatilho
E que no trem da humildade, o meu rap é o trilho

Da mesma forma em que nos constituímos humanos a desumanização também é um projeto em construção e cabe a cada um de nós, desconstruí-lo. Neste processo de desconstrução é que a arte encontra espaço de criação. A arte não forma, deforma, ao mesmo tempo que dá a forma e quando forma, já não é mais arte.

A arte nos coloca em um movimento paralelo que nos condiciona a ler e identificar no funcionamento da máquina seus descompassos, suas brechas, adentra-las e experimentar uma outra possibilidade de escola e de ensino. Resgatar aos olhos a luz e a beleza do que é menor, ao que é simples, lento por natureza.

O modelo escolar diacrônico que tem massificado o trabalho docente reduz o trabalho do professor, um ser educador trabalhador da educação esccolar reprodutor de saberes catalogados na Base Curricular Comum.

Michel Temer, presidente que assume op cargo através de um golpe político arquitetado ao interesse do externo e interesses da burguesia interna concomunada pelas elites empresariais e ruralistas da agroindistria moderna e tradicional extensiva.

Estas intervenções, muitas delas classificadas anticontitucionais, atigiram diretamente o bolso dos trabalhadores periféricos, seus ofícios, empregos e direitos constitucionais, redizidos ou extintos. Propagandeado como governo coomo a necessidade de modernização do sistema trabalhista, tomando como parâmetro certas polícas trabalhistas, organização e gerenciamento de serviços básicos à administração privada.

Não somente a privatização dos cargos de administração, do setor de limpeza, dos recursos de informática, fornecimento dos conjuntos de materiais de escritório, limpeza, alimentação. Na organização dos currículos, conteúdos curriculares, sistemas de ensino e orientação do trabalho pedagógico em velocidade à podução indistrial de material escolar

Um reordenamento do sistema educacional seguindo padrões unioversalizantes, ordenação normatizaçlões internacionalmente reporta sua estrutura física e normativa ao peojeto neoliberal, os espaços de educação escolar são recortados, zoneados.

De ecesso limitado a pessoas que territorializam seus movimentos por esoaços de educação escolar inacessos aos periféricos. A estrutura e localização geográfica das escolas segmentam e territorializam a educaqção à representação da classes social e poder de consumo. A educação escolar e segenta e distancia o encontro, a sociação entre os jovens, suas representaçoes da realidade em seus contextos geoespaciais de acesso e circulação.

Os estudos e as análises perpicazes de pensadores da linha de estudos em educaçãpo na ´perspectiva histíco crítica de Saviani, Frigoto, Alves e outros importantes pensadores dos quais amparo o desenvolvimento doo conceito de *olhar periférico*

Pensadores que tomaram posicionamentos político a desnascar a evolução do neoliberalismo na sistematização da educação em escala universal. Por metodologias e espacialidades das pesquisas na macro à micro escala. Denunciam e anunciam o controle cada vez maior e mais estrruturado processo de privatização do sistema educacionaial obediente ao mercado.

A metolologia de escrita por narrativas ficcionais permite a produção da pesquisa acadêmica a considerar as aproximações entre observaor e objeto em escala intersubjetiva.

Logo, a homogeneização da educação gerida por coorporações financeiras e seus circuitos de interesse, organização e controle. extrai das localidades a possibilidade da produção de um currículo autônomo, desconsiderando as múltiplas manifestações da cultura, a multiterritorialidade e ou as especificidades dos mais distintos lugares e as diferenças regionais tanto natural quanto socialmente.

Neste contexto é que a proposta do conflito emerge como um ponto importante de intervenção dentro do espaço aqui retratado como oficina sala de aula. O conflito em sua abrangência proposto neste texto, está implícito na lógica de produção do espaço capitalista, mas que também é diacrônico. Logo, há a necessidade de atentar para a questão do tempo como categoria geográfica de análise do espaço. A discronia e a repetição mascara a realidade em constante processo de diferenciação, fazendo do aparente o real ao passo que projeta ao real o aparente. Logo, a necessidade de exercício do pensamento e do raciocínio geográfico em vista da desconstrução da estrutura maquínica do espaço escolar. (In) disciplinar a geografia não significa abandonar o raciocínio científico, pelo contrário, exige embasamento teórico, fundamentação metodológica, posicionamento político, mas também afetividade e esperança. Assumir a posição de contrariedade às macro políticas educacionais é valorizar o saber menor e o tempo lento, intervir no cotidiano da escola procurando fissuras para o pensar e criar livre por processos criativos em geografia e em outras geografias de ensino.

REFERÊNCIAS

AÇÃO POPULAR. Documento de base. **Verbum**. t. XXI, fasc. 1-2, p. 67-95, mar./jun. 1964. Rio de Janeiro, 1964.

ALGEBAILE, Maria Emília B. Mecanismos regulatórios como elementos constutivos da nova pedagogia da autonomia. **A nova pegagogia da autonomia**. *In.* NEVES, Lucia Maria W. (org.). São Paulo: Xamã, 2005.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. 4. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2006.

ARNONI, Maria ElizaB. Ensino e mediação dialética. **Revista ibero-americana de estudos em educação**. Vol. 1, n. 1. UNESP - Universidade de Calcutá: Araraquara, 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/437>. Acesso em 21/12/2014.

_____. Trabalho educativo e mediação dialética. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: POLÍTICAS E TEORIAS, São José do Rio Preto: UNESP, 2003.

BARCHI, Rodrigo. Onde estava a chave? Relatos tardios (e quase perdidos) de conversas cotidianas em uma escola na floresta. **Questio Revista de Estudos Universitários** – PPGE/UNISO. v. 19, n. 3, p. 631-650, dez. 2017. Universidade de Sorocaba: Sorocaba-SP, 2017.

_____. **Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP: Campinas, 2016.

BASE Nacional Comum Curricular. **Educação é a base** ... Ministério da Educação – Brasil Governo Federal. Fundação Carlos Alberto Vanzolini. Gestão de Tecnologias em Educação: Brasília-DF. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> . Acesso em: 06 de abr. de 2018.

BASSAN, Larissa Helyne. **O trabalho pedagógico e a zona de desenvolvimento proximal na aprendizagem da linguagem escrita**.Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário e outros temas contemporâneos**. Zahar: Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Modernidade líquida**. Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

_____. **Tempos líquidos**. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Companhia das Letras: São Paulo, 1999.

BOB MARLEY falando sobre dinheiro e posse! **Entrevista**. Nova Zelândia,1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cC3oBrffUXw>. Acesso em: 09 de jun. de 2020.

BRAGA, Henrique; TRESOLDI, Caroline. Uma nota sobre "o fim da história", de Francis Fukuyama. **Carta Capital**. Caderno: Brasil em Debate. Rio de Janeiro: Editora Confiança, 12 abr. de 2019. 127

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Capítulo III da Educação, da Cultura e do Desporto. **Seção I da Educação**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 15 de ago. 2017.

_____. **Lei n. 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 15 de ago. de 2017.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação. Coletânea de legislação jurisprudência. República Federativa do Brasil, Brasília-DF, jul. 2017. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>.
Acesso em: 24 de abr. 2017.

_____. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 out. 2017.

BRAUDEL, Fernand. **História e ciências sociais**. 6ª Ed. Presença: Lisboa, 1990.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Capitalismo financeiro-rentista. **Estudos Avançados**. Vol.32, no.92, jan./abr. 2018. IEA – USP Universidade de São Paulo: São Paulo – SP, 2018, pp. 17-32.

BRITO,L.P.L. **Contra o consenso: cultura escrita, educação e participação**. Campinas-SP: Mercado de Letras,2003.

BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: NASCIMENTO, Maria I. (et. al.) **Instituições escolares no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 151-167.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. Col. Repensando a geografia. Ed. 2. Contexto: São Paulo, 1994.

_____. **A condição espacial**. Contexto: São Paulo, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação**: economia, sociedade e cultura. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Josué. **Homens e caranguejos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CATUNDA, Marta. Na teia do som: por uma geosofia da comunicação. Revista Famecos. Publicação da Faculdade de Comunicação Social, PUC-RS: Porto Alegre-RS, 1998, p. 118-125.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino da geografia para a vida cotidiana. São Paulo: Papirus, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CONFIRA 10 profissões que podem acabar até 2030.

CONHEÇA os bastidores da ocupação das escolas de SP. Empresa Brasil de Comunicação S/A – **EBCEducação**. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/educacao>. Acesso em: 23/05/2016.

CONSULTA pública das escolas cívico-militares: saiba o que é importante ... **Ministério da educação**. Portal do MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/51651-escolas-civico-militares>. Acesso em: 21 de set. 2019.

COSTA Ruth. **Modelo de escola atual parou no século 19**. BBC News - Brasil, São Paulo. [Entrevista] p. S/N, 15 jun. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06150525_viviane_senna_ru>. Acesso em: 11 jun. 2019.

CUSSET, François; LABICA, Terry; RAULINE, Véronique. **Imaginaires du néolibéralisme.** Paris: La Dispute, 2016.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DUEK, María Celia. Ralf Dahrendorf: crítica e implicancias de su teoría ecléctica de las clases. **Trabajo y Sociedad. Sociología del trabajo – Estudios culturales – Narrativas sociológicas y literárias**, n. 14, vol. XIII. Núcleo Básico de Revistas Científicas Argentinas del CONICET: Santiago del Estero, Argentina, 2010.

EL PAÌS. **1% da população mundial concentra metade de toda a riqueza do planeta**. Madri – 18 de out. de 2015. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/13/economia/1444760736_267255.html>. Acesso em: 19/02/2017.

ENCONTRO com Milton Santos: a globalização vista do lado de cá. Direção de Silvio Tendler. Brasil, 2006. DVD (89 min).

ESTEVEZ, Alejandra Luisa M. A igreja e os trabalhadores católicos: um estudo sobre a Juventude Operária Católica. **Revista de Humanidades**. v. 12 n. 29 (2011): Dossiê Religião e religiosidade. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Campus de Caicó. Caicó – RN, 2011, p. 105-131.

FERNANDES, Maíra. Educadores e artistas desenvolvem atividades em escolas ocupadas. **Jornal Cruzeiro do Sul**. Cultura. 5 de dez. 2015.

FERNANDES, Sabrina. Pedagogia crítica como práxis marxista humanista: perspectivas sobre solidariedade, opressão e revolução. **Educação & Sociedade**. Revista de ciência da educação.

Centro de Estudos Educação e Sociedade – Cedes: Campinas, v. 37, nº. 135, p.481-496, abr.-jun., 2016

FRAGO, A. V. e ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP & A. 1998.

FRANTZ, Fanon. Os condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982. 129

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. FREIRE, Nita Maria Araújo (Apresentação). São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

_____. **Política e educação**. (Coleção Questões de Nossa Época ; v.23) – 5. ed - São Paulo, Cortez, 2001.

_____; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo leitura da palavra. 2. ed. Rio de janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer**: teoria e prática em educação popular. Vozes; 1989.

FREY, Carl B; OSBORN, Michel. The future of employment: how susceptible are jobs to computerisation?. **Machines And Employment**. Department Of Engineering Science Oxford. University of Oxford: Oxford/ United Kingdom p. 1-72, 17 jul. 2013.

Disponível em:
https://www.oxfordmartin.ox.ac.uk/downloads/academic/The_Future_of_Employment.pdf.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. 11ª Ed. Campinas-SP: Papirus, 2012, p. 92-114.

FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 34.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALDINO, DOLORES; MARTIN M; RODRIGUES, R.V. Jogos de armar: narrativas como modo de articulação de multiplas fontes no cotidiano escolar. *In*: SPINK; BRIGAÇÃO;

GALLO, Sílvio. mínimo, múltiplo, comum. In: **políticas, poéticas e práticas pedagógicas (com minúsculas)**, RIBETTO, Alice (orgs). Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2014, p. 20-33.

GESTÃO DEMOCRÁTICA nos sistemas e na escola. Brasíla-DF, 2007. CADERNO: ***Profuncionário***. Curso Técnico de Formação para os Funcionários da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br /seb/arquivos/pdf/11 gesdem.pdf>. Acesso em: 22/04/2017.

GERMANO, Márcia Aparecida; REIGOTA, Marcos. Relembrando Paulo Freire: entrevista com Ana Maria Araújo Freire. (Entrevista) **Revista de Estudos Universitários**, v. 35, n. 1, p. 203-225, jun. Universidade de Sorocaba: Sorocaba-SP, 2009.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo**: dos mitos da criação ao Big Bang. 6. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GOERGEN, Pedro. Ética e cidadania. **Quaestio**: revista de estudos de educação, Sorocaba,SP, v.9, n. 1, p. 11-18, maio 2007.

CENSO escolar 2018 ... **Instituto de Pesquisas Espaciais** – INEP. Ministério da Educação. Brasília-DF: GOVERNO DO BRASIL, 2019.
Disponível em:<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notasestatisticas/2018/_censo_escolar_2018.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2019.

CONSULTApública das escolas cívico-militares ... **Ministério da educação**. GOVERNO DO BRASIL. Portal do MEC: Brasília-DF: 2018.
Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/51651-escolas-civico-militares>. Acesso em: 15 out. 2019.

GUIMARÃES, Leandro B. **A sala de aula em cena**: imagem e narrativas. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, v.31, n.61, p.113-123, nov. 2013.

_____. É possível um território familiar estar ao mesmo tempo estrangeiro? *In*. SKLIAR, Carlos. (Org.) **Derrida & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

HAESBAERT, Rogério.**O mito da desterritorializção**: do "fim dos territórios" á multiterritorialidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem estar comum**. Rio de Janeiro: Record 2016.

HIERNAUX, Daniel. **Repensar a cidade**: a dimensão ontológica do urbano. GEOUSP, espaço e tempo: São Paulo-SP, n. 20, p. 197-205, 2006.

HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAKOBSEN, Kjel. A direita retoma espaço na América do Sul. **Revista Teoria e Debate.** Mundo – Ed. 143. Dez. de 2015. São Paulo: Creative Commons, 2017. Disponível em: <teori aedebate.org.br>. Acesso em: 29/04/2017.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2004, - (Coleção primeiros passos; 23).

LA rebelión pinguina. Direção: Carlos Pronzato. ARG/BRA, 2006 (40 min.).

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

_____. **Os países subdesenvolvidos**. Tradução de Américo E. Bandeira. Ed. 16.DIEFEL – Difusão Editorial: São Paulo, 1983.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão, 2006.

_____. **A revolução urbana**. Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 1999.

_____.**O direito à cidade**. 5. ed. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LIMA, Ludmylla Mendes. **Revista Carta Capital**. Caderno: Carta Educação. Rio de Janeiro: Editora Confiança, 6 de mar. de 2014.

NEVES, Lucia Maria W. **A nova pegagogia da egemonia**, estgratégias do cacapital para educar o concenso. Editora Xamã: São Paulo, 2005.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como poíesis.
São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Helena. Relatório do Cimi aponta que 118 indígenas foram assassinados no Brasil em 2016. (edição on-line) **EBC** Empresa Brasileira de Comunicação: Braslília-DF. Data da publicação: 05/10/2017. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noti cia/2017>. Acesso em 29 de dez. 2018.

MARTINS, José Fernando. A pedagogia da ocupação das escolas. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Biblioteca virtual. São Paulo, 11 de mai. 2016. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=3220>. Acesso em: 15/05/2016.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. **Manifesto do partido comunista 1948**. L&PM Pocket: São Paulo, 2001.

MAZINI, André. SOARES, Maria L. A. **A força do lugar:** a geografia escolar no fortalecimento da resistência e da esperança dos homens lentos a cidade contemporânea.**XVI Encontro nacional dos Geógrafos**. Porto Alegre, 2010. Disponível em:<www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4355>.Acesso em: 19 de mar. de2018.

MORANGON, Cláudio Henrique R. **Ciclovia e comunicação** : uma contribuição para ressignificar a imagem de Sorocaba. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2011.

MOREIRA, Ruy. **Geografia, teoria e crítica**: o saber posto em questão. Vozes, 1982.

_____. **O que é geografia**. 6ª ed. Brasiliense: São Paulo (Coleção Primeiros Passos), 1985.

_____. **Para onde vai o pensamento geográfico?** por uma epistemologia crítica. 2ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. **A geografia serve para desvendar máscaras sociais**: o saber posto em questão. In: MOREIRA, Ruy (org.). Geografia, teoria e crítica: o saber posto em questão. Petrópolis-RJ: Vozes, 1982.

MSSIAH, Gustave. O novo mundo que tarda a nascer. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Resistência e Projeto. Ano 10 – número 113, dez. 2016. São Paulo-SP: Plural Industria Gráfica, 2016.

NASCIMENTO; CORCEIRO (Orgs.). A produção da informação na pesquisa social. Rio de Janeiro: Centro Eedelsten, 2014. P.209-321.

OLIVATI, A. E. D. ; SANTOS, F. A. ; SILVA, Marcio J. A. A apropriação de espaços e a cultura escolar contemporânea: uma mirada sobre as ocupações escolares. In. I

CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO – 1. 2016. Sorocaba-SP. **Anais...** Sorocaba-SP: UNISO, 2016, p. 872-878.

PELBART, Peter Paul. **O que muda com os secundaristas**. Instituto Humanistas, Unisinos, 17 de mai. 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/55512 2-pelbart-tudo-o-que-muda-com-os-secundaristas>. Acesso em: 28/05/2016.

PEREIRA, Viviane Camejo. O novo código florestal brasileiro: dilemas da consciência ecológica em torno da proteção ambiental. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO** - Revista de Educação Ambiental, vol. 18 (1) 2013. Rio Grande-RS: FURG, 2013.

PINTO, Tales Dos Santos. O que é neolítico? **Brasil Escola**. Goiânia-GO: Omnia, s/d. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-neolitico.htm>. Acesso em 20 de abril de 2019.

PLANEJANDO a próxima década: conhecendo as 20 metas do Plano Nacional de Educação. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/ SASE), 2014. Disponível em: < http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf>. Acesso em 18 de mai. 2018.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do subterrâneo**: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. Tese (Doutorado em Educação) Universidade de Sorocaba: Sorocaba, 2017. 132

PROVIDELLO, Guilherme G. D; YASUI, Silvio. A loucura em Foucault: arte e loucura, loucura e desrazão. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** [online]. 2013, vol.20, n.4, pp.1515-1529.

PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: dimensões conceituais. **Ministério da Educação** - MEC. Escola para Gestores. s/d. Disponível em : <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/2-sala_projeto _vivencial/pdf/dimensoesconceituais.pdf >. Acesso em: 22/04/2017.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Edunisc: Santa Cruz do Sul-RS, 1999.

_____ ; GERMANO, Márcia Aparecida. Relembrando Paulo Freire: entrevista com Ana Maria Araújo Freire. **Revista de Estudos Universitários** - REU. Universidade de Sorocaba: Sorocaba, SP, v. 35, n. 1, p. 203-225, jun. 2009

_____; POSSAS, R; RIBEIRO, A. **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental**. DP & A Editora: São Paulo-SP, 2003.

RIBEIRO, Emerson. **Processos criativos em Geografia:** metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas. São Paulo, 2014. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Departamento de Pós-Graduação em Geografia Humana, FFLCH - USP.

_____. **Uma nova interface entre a arte e a geografia - aparelho humano habitado**. Academia.edu. Universidade Regional do Cariri. Crato-CE, 2018.

_____. **Geografia do Cariri**: pesquisas e práticas. Editora CVR: Coritiba-PR, 2020

ROMAGUERA, Alda Regina T. **Vida e arte e educação e(m) criações**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP: 2010.

SAQUET, Marcos A. SILVA, Sueli S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Revista Geo**. Rio de Janeiro: UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º sem. de 2008, p. 24-42. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerjbr/index.php/geouerj/article/viewFile/1389/1179>. Acesso em: 09/04/2017.

SANTOS, Clésio. Desenhos e mapas no ensino de geofrafia: a lin guagem corporal que não é vista. *In.* SEEMANN, Jörn. **A aventura cartográfica**. Fortaleza: Exçpesssão Gráfica e Editora, 2005.

SANTOS, Fernando Assis dos. **Cidade educadora e escola cidadã na cidade contemporânea**. Novas Edições Acadêmicas: Saarbrücken, 2017.

_____. Cidade e cidadania na cidade educadora: contribuições para o ensino de geografia. In: ENCONTRO DE PRÁTICAS DE ENSINO EM GEOGRAFIA, 12º, 2013, João Pessoa-PB. **Cadernos de resumos** ... João Pessoa-PB: UFPB, 2013, p. 89.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. 6ª reimpressão, São Paulo: Edusp, 2011.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. Ed. 6. São Paulo: Hucitec-Edusp, 2004.

_____. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008. 133

_____. **O espaço do cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Norma Lúcia V. **Cidadania no discurso da modernidade**: uma interpelação à razão comunicativa.Ilhéus, BA: Editus, 2003.

SEEMANN, Jörn. **A aventura cartográfica**: perspectivas, pesquisa e refleções sobre cartografia humana (org.). Fortaleza: Exçpesssão Gráfica e Editora, 2005.

SILVA, André Gustavo F. da. Paulo Freire e os primeiros movimentos do conceito de liberdade. **Revista de Educação Unisinos**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoudo –RS: Editoria de Periódicos Científicos, p. 116-124, maio/agosto 2012.

SILVA, Bezerra da. Candidato caô caô. **Bezerra da Silva – Ao vivo**. [faixa 5], [Rio de Janeiro]: RCA Víctor/BMG Ariola, 1999. 1 CD.

SOARES, Maria. L. A. **Girassóis ou Heliantos**: maneiras criadoras para o conhecer geográfico. 1. ed. Sorocaba, Gráfica e Editora Paratodos, 2001. v. 1000.

_____. Reinventando o ensino de geografia. In: PONTUSCHKA e OLIVEIRA (orgs.) **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.

SIMMEL, Georg, O conflito como sociação. Tradução: KOURY, Mauro Guilherme P. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção** - RBSE, v. 10, n. 30, dez. de 2010, pp. 568-573. (*apud* WOLFF, Kurt H. [trad]. Nova York: The Free Press,1964). UFPB: João Pessoa – PB, 2010.

SNYDER, Michael. Quem é Karen Hudes? **Marxismo Cultural**, [*S. l.*], p. 1-4, 14 dez. 2014. Disponível em: http://omarxismocultural.blogspot.com/2014/12/quem-e-karen-hudes.html. Acesso em: 1 maio 2019.

SPARTI, Sonia Chébel Mercado. Paulo Freire na FAFI e na Uniso: depoimentos. **Revista Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 371-381, ago. 2018

SPERB, Paula. **Ocupadas, escolas gaúchas têm até revezamento de caneca na merenda**. Jornal Folha de S.Paulo- Caderno Cotidiano-B4, Porto Alegre-RS, 26 de mai. 2016.

SPINK, Mary Jane. A Dimensão Subjetiva da Subcidadania: Considerações Sobre a Desigualdade Social Brasileira. **Revista Psicologia: ciência e profissão**. SANTOS L. N; MOTA A. M; SILVA Marcus Vinícius de Oliveira (orgs.). Publicação on-line. 2013, p. 700-715. Disponivel em: https://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n3/v33n3a14.pdf.

_____ ; SPINK, Peter K. Pesquisar o/no cotidiano na pesquisa social: reflexões sobre a noção de lugar, território e redes de associação. **Revista Questio**. UNISO: Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 591-605, dez. 2017.

SOUSA NETO, M. F. **O Ofício, a oficina e a profissão:** o lugar social do professor. Cadernos do CEDES (UNICAMP), Campinas, SP, p. 249-259, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a07v2566.pdf>. Acesso em: 19/08/2014.

SMITH, Neil. **Gentrificação, a fronteira e a reestruturação do espaço urbano**. GEOUSP,

TAVARES, Bráulio. Enciclopédia galática. [*In*.] Chico Sience e Nação Zumbi. **Afrocibederlia**. Sony Music Entertainment Brasil Ltda: Rio de Janeiro, 1996. Encarte, p. 1. 1 CD-ROM.

TOMASI, Gilberto. **Juventude**: protagonismo e religiosidade. São Paulo: Editora Paulinas, 2018, p. 214.

TORAL, André. **Os brasileiros**. São Paulo-SP: Conrad Editora, 2009.

VIEIRA, Analúcia de Morais. A arquitetura no espaço-tempo escolar. In. **Olhares e trilhas**. Uberlândia-MG: UFU, 2003, p.43-54. 134

VITALI, Stefania ; BATTISTON, Stefano. The Community Structure of the Global Corporate Network. **PLOS ONE**. Belgium: Renaud Lambiotte University of Namur, , ano 9, v. 8, p. 1-13, 15 ago. 2014. Disponível em: www.plosone.org. Acesso em: 7 maio 2019.

VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente**. Org. COLE, Michael [*et al*]. Livraria Martins Fontes Editora Ltda: São Paulo, 1991.

ZANOTELLI, Cláudio Luiz. **Geofilosofia e geopolítica em mil platôs**. EDUFES: Vitória-ES, 2014.

ZITKOSKI, Jaime José. **Paulo Freire e a educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WEFFORT, Francisco. Educação e politica: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. [*In.*] FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1967, p. 1-27.

FILMES:

ACABOU a paz, isso aqui vai virar o Chile!Direção: Carlos Pronzato. Brasil, 2015. DVD. (67 min.).

ENCONTRO com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá. Direção: Silvio Tendler. Produção: Ana Rosa Tendler. [*S. l.*] Caliban produções cinematográficas, 2006. [Documentário]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GntDt PUdnvc>. Acesso em: 15 out. 2019.

MESTRE Bimba: capoeira iluminada.Direção: Luiz Fernando Goulard. Produção: Nina Luz e Cláudia Castello. Roteiro: Luiz Carlos Maciel. Lumen Produções Artísticas: São Paulo, 2007. 1h 18min [Documentário].
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch? v=EHnPkKZxcmQ>. Acesso em: 4 set. 2019.

LA rebelión pinguina. Direção: Carlos Pronzato. ARG/BRA, 2006. DVD (40 min.).

PARASITAS. Direção: Bong Joon-ho. Produtora Barunson E&A Corp. Coreia do Sul: 2019. 132 min.

QUILOMBO. Direção: Cacá Diegues. Produtores: Cacá Diegues e Augusto Arraes. Coprodução brasileira e francesa. Embrafilme: Rio de Janeiro, 1984. 119 min.

MÚSICAS:

BEZERRA da Silva. Candidato caô caô. **Bezerra da Silva – Ao vivo**. [faixa 5], [Rio de Janeiro]: RCA Víctor/BMG Ariola, 1999. 1 CD.

CAMBIO Negro. Ceilândia Revanche do Gueto. **Diário de um feto**. Ceilândia-DF, 1995. Disponível em: **< https://www.letras. mus.br/cambio-negro/506747/>.**

CHICO Science e Nação Zumbi. Monólogo ao pé do ouvido. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos Records, 1994. (1 CD).
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77649/>.

_____. A cidade. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos Records, 1994. (1 CD).
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77649/>.

_____. Cascos dub. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos Records, 1994. (1 CD).
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77649/>.

_____.Afrocibederlia (Apresentação). **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos Records, 1994. (1 CD).
Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nacao-zumbi/77649/>.

RACIONAIS MC'S. Capítulo 4, versículo 3. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD.

_____. Fórmula mágica da paz. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD.

_____.Nego drama. **Nada como um Dia após o Outro Dia**. 2 CD. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

_____. Da ponte pra cá. **Nada como um Dia após o Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64144/>.

_____. Vida loca, part. 2. Racionais MC's. **Nada como um Dia após o Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disponível em: < https://www.letras.mus.br/racionais-mcs/64917/>.

THAÍDE; DJ HUM. A noite. **Humildade e coragem são armas para lutar**. Faixa 1. [São Paulo]: TNT Records,1992. 1 CD